

MÁRIO
FERREIRA
DOS SANTOS



*Dicionário de Pedagogia
e Suavicultura*



PV

Dicionário
de
Pedagogia e Puericultura

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS



Dicionário de Pedagogia e Puericultura

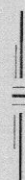
PUERICULTURA

de autoria de

YOLANDA BURGUETE SANTOS

III Volume

P - V



EDITORA MATESE

Av. Ipiranga, 382 (Planalto Paulista) — SÃO PAULO — BRASIL

PUERICULTURA (Continuação)

§ 10 — O 10.º mês de vida

Tabela para o bebê do 10.º ao 11.º mês é:

	Meninos	Meninas
Pêso	9.210 grs.	9.010 grs.
Estatura	71 cms.	70 cms.
Aumento mensal	300 grs.	300 grs.

A alimentação no 10.º mês

Chegando ao 10.º mês, já pode ser introduzido, principalmente, no almôço e no jantar, alimentos mais variados, como: carne moída; purê de batatas ou de legumes; arroz ou massas alimentícias. Como sobremesa, além de frutas frescas e dos doces já citados, podem fazer parte também: geléias com creme de leite, pudins, etc.

O comportamento diário do bebê

Acorda-se cedo, entre 5 e 7 da manhã. Rola na cama, senta-se, e muitas vezes já consegue levantar-se só.

Depois de dada a mamadeira e trocada as fraldas, pode permanecer uma hora ou mais na cama com os brinquedos.

Em geral, a sesta da manhã já foi abolida, e só dorme após o almôço umas 2 horas. A sesta da tarde é muito aconselhada, e se for possível deve ser mantida até os 4 anos de idade.

Após a refeição das 18 horas, está pronto para ir dormir.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Impresso na Gráfica e Editora MINOX Ltda. para a Livraria e Editora LOGOS Ltda. — Rua 15 de Novembro, 137 — 8.º andar — Tel.: 35-6080 — Distribuição da EDITORA MATESE —
SÃO PAULO — BRASIL

O desenvolvimento do sensório-motriz

Fica de pé, segurando-se na grade. Alguns chegam a dar alguns passinhos, seguros nas coisas ou pela mão de alguém.

Diz "Pá-pá" e "Mamá" e algumas outras palavras. Dá "adeus e até logo" com as mãos, e bate palminhas.

Usa o polegar com desembaraço. Gosta de brincar com vários brinquedos ao mesmo tempo, amontoando-os e depois atira-os para longe. Ao lhe ser dado novamente, junta-os e volta a atirá-los. Este comportamento pode parecer um pouco desordenado em aparência, mas, na realidade, não o é: a criança está realizando um exercício, que lhe é muito necessário. Ela já aprendeu a agarrar, e agora, está aprendendo a atirar. Adquire controle de novo movimento, pois o de trazer para si já o tinha e, agora, é o de afastar de si, expulsar de si.



Bolas são ótimas para brinquedos de exercício.

Neste mês, grande parte das crianças começam a ensaiar seus primeiros passos. Outras só o vão fazer um pouco mais tarde. Um ponto muito importante nesta fase é o uso de sapatos.

O fato de andar descalço desde cedo não é muito aconselhável, pois os pés e tornozelos ainda não têm muita força e o sapato, desde que seja adequado, forma uma resistência muito importante, protegendo os pés.

O sapato deve ser ajustado, de forma que não afete o desenvolvimento do pé e da perna, assim como a sua postura e disposição.

Devido ao rápido desenvolvimento do bebê, os primeiros sapatos logo ficam pequenos, daí ser preciso comprar novos, às vezes de 3 em 3 meses. Assim, ao comprar um sapato leve em conta os seguintes pontos:



A criança deve estar mais em contato com o ar e o sol.

— O tamanho não deve nunca ser justo, e sim, 1 cm. maior.

— Não deve ser muito pesado, nem ter as costuras enrugadas, pois o roçar constante irrita a pele facilmente.

— O sapato nunca deve passar de uma criança para outra. Quando estiver molhado, use outro. Caso seja necessário usar o mesmo, encha-o com papel e ponha perto do calor.

Apresentando-se, com o passar do tempo, uma tendência a pés chatos, é preciso consultar um ortopedista, para que indique o tipo de sapato a ser usado.

O uso do voador

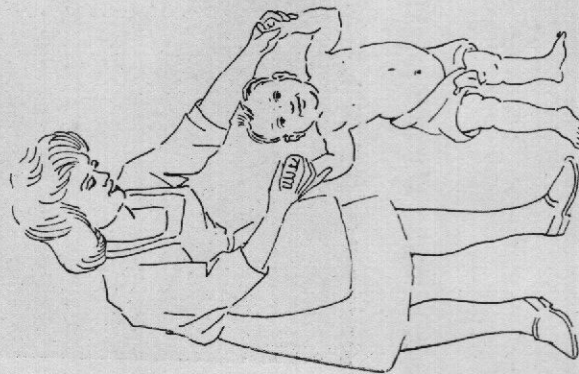
Quanto ao uso do voador, o qual possibilita a criança ir pela casa sem auxílio de adultos, é aconselhado.

lhável, apesar de muitos educadores se manifestarem contra.

§ 11 — O 11.º mês de vida

Tabela para o bebê do 10.º ao 12.º mês é:

	Meninos	Meninas
Pêso	9.510 grs.	9.310 grs.
Estatura	73 cms.	72 cms.
Aumento mensal	300 grs.	300 grs.



Os primeiros passos.

A alimentação no 11.º mês

É idêntica ao do mês anterior.

Alguns pediatras aconselham se dê o suco de vitaminas entre a primeira refeição da manhã e a segunda, que seria a sopa. O suco é feito com frutas cruas, misturado com cenouras e tomates. Alguns pediatras, entretanto, aconselham seja feito só de frutas, sem mistura com quaisquer legumes.

O comportamento diário do bebê

Muito semelhante ao do mês anterior.

Os brinquedos podem ser mais variados. Podem ser dados os cubos de madeira ou de plástico, que são muito apreciados. O bebê deve ser estimulado e, para isto, é aconselhável que se lhe dê objetos que lhe proporcionem o sentido inventivo, que já começa a manifestar-se. Uma quantidade de objetos caseiros servem para este fim, como: caixinhas de madeira, tubos de plástico (nunca de vidro), etc.

O desenvolvimento do sensório-motriz

Alguns dão passinhos, mas, em geral, seguros em alguém.

Dizem algumas palavras mais, e entendem muitas que lhe são repetidas como “não”, “sim”, “até logo”, etc.

Aspectos gerais

Com 11 meses, a criança já pode ter 8 dentes, sendo dois incisivos medianos inferiores, e 2 superiores, e mais incisivos laterais superiores e 3 inferiores.

Pode ser ensinado a controlar as micções. Quando for colocado no urinol, deve-se dizer “chi... chi... ou pi... pi...”, o que fará o criança relacionar a micção ao urinol. É muito mais fácil conseguir que relacione a evacuação do que a micção. Até os 18 meses ou 24 meses deverá ter aprendido a governar a micção diurna; quanto à noturna só o conseguirá muito mais tarde. Quanto isto se der, podem ser retiradas as calcinhas de plástico e as fraldas.

8.º CAPÍTULO

Primeiros anos de vida

§ 1 — O 1.º ano de vida

Tabela para o bebê de 12 meses é:

	Meninos	Meninas
Pêso	10 kgs.	9.800 grs.
Estatura	75 cms.	72 cms.
Aumento mensal	300 grs.	300 grs.

A alimentação ao 12.º mês

Grandes modificações vão se dar, quando o bebê alcança o 1.º ano de vida. O desmame com o leite de peito, que se iniciou desde o 4.º ou 5.º mês, será definitivo. Quanto ao leite artificial, ainda pode ser mantida a mamadeira das 6 e das 10 horas, desde que a criança as aceite.

A alimentação diária deve ser bem variada. É preciso, entretanto, verificar se o alimento introduzido foi bem digerido e aceito. Assim, deve-se dá-lo pela primeira vez, em pequenas quantidades e procurar ver qual a reação na criança.

O comportamento diário da criança

Semelhante ao mês anterior. Dorme uma ou duas vezes ao dia, pequenas sestas.

Os brinquedos já não absorvem toda a sua atenção. Gosta de passear segura pela mão; brincar de esconder etc.

O ato de atirar um brinquedo ou objeto ao chão é muito comum. É um exercício que está realizando. Para resolver isto, é preferível amarrar o objeto com um cordão, de forma que possa jogar e segurar novamente.

O desenvolvimento do sensório-motriz

Pode-se esperar, caso já não tenha dado os primeiros passos, que a qualquer momento começará a andar. Há crianças que começam muito tarde a andar, o que não deve preocupar os pais. É preferível nunca forçá-la e, sim, deixar que por si só o faça.

Um dos sinais característicos quando começa a andar é de querer explorar todos os lugares antes inaccessíveis; como gavetas, debaixo de mesas, cantos, etc. Tudo isto é um exercício e muito necessário. Em vez de querer sujeitar a criança, é preferível retirar tudo o que estiver ao seu alcance, e deixá-la livre para fazer as suas explorações.

Conversa consigo mesmo e com os outros. Já é capaz de dizer algumas palavras bem compreensíveis. Compreende também uma ordem.

Demonstra sua afeição pelas pessoas que a cercam. Sua sociabilidade já está bem desenvolvida, gosta de "dar e receber". Faz caretas, ri, brinca e demonstra ciúmes e afeição.

Segura um copo para beber e às vezes já não aceita mais a mamadeira. Já consegue segurar uma colher, contudo não sabe levar o alimento à boca.

Quanto à dentição: este é o período dos premolares. Ao todo, serão 10 ou 12 dentes. São eles:

- 2 incisivos meridianos inferiores e 2 superiores.
- 2 incisivos laterais superiores e 2 inferiores.
- 2 premolares superiores.

Conselhos:

No 1.º ano de vida, não é muito conveniente viajar com ela constantemente. Viagens curtas, "fim de semana" não são indicados. Naturalmente, des-

de que o bebê possa receber todos os cuidados, dentro dos preceitos higiênicos necessários, não há propriamente uma contra-indicação; aqui se trata somente do caso de ir com ele para hotéis ou locais onde não haja conforto, e apresente um clima úmido ou demais quente.

A mudança de clima se não fôr muito brusca não é perigosa. Sempre é preciso agasalhar bem o bebê, de forma que seu corpo não sinta a diferença de temperatura.

Não esquecer de dar sempre água fervida, e é preferível dar uma fruta que qualquer outro alimento quando estiver em viagem.

§ 2 — A criança aos 15 meses.

Tabela para o bebê de 15 meses é:

	Meninos	Meninas
Pêso	10.800 grs.	10.600 grs.
Estatura	77 cms.	76 cms.
Aumento mensal	200 grs.	200 grs.

A alimentação aos 15 meses

A mamadeira da noite já pode ser abolida. Não é aconselhável o seu uso até muito tarde.

O regime alimentar é mais ou menos idêntico aos 12 meses, podendo dar-se a introdução de novos alimentos a pouco e pouco.

O comportamento diário

O acordar dá-se geralmente entre as 6 e 8 horas. Ao aproximar-se alguém da sua cama, manifesta alegria por movimentos e gritinhos.

Na hora das refeições, gosta de fazer parte da mesa. Para isto, é aconselhável mantê-la na sua cadeira alta, de forma que possa participar do movimento rotineiro.

Após a refeição das 18 horas, deve ir para a cama. É aconselhável não brincar nem excitá-la muito após as 18 horas, pois isto a fará ir dormir muito tarde. É preferível, após ter comido, deixá-la no quarto sozinho com algum brinquedo, de forma que venha a dormir logo.

Os passeios podem ser mais longos, e ela já gostará de ir a parques infantis e praças, onde encontrará outras crianças. Algumas já brincarão e sentirão necessidade deste contacto, pois não se deve manter a criança sempre dentro de casa só com adultos. O uso do engradado deve ser abolido após os 15 meses, pois não há mais necessidade nem auxilia a criança.

O desenvolvimento do sensorio-motriz

A preferência em usar uma das mãos geralmente se define entre 1 ou 2 anos de idade. Assim, no momento de oferecer qualquer objeto para a criança, coloque-a bem no centro, de forma que a iniciativa de usar uma ou outra mão parta da criança.

Consegue abrir caixas, rabiscar com um lápis; virar páginas de uma revista, etc.

Os brinquedos mais apreciados são os carrinhos para puxar.

Já consegue dizer algumas palavras. Domina certos objetos e pessoas. Os bebês, que não falam muito cedo, não devem ser tidos como fora do desenvolvimento normal. Nem sempre a criança que fala tarde tem o desenvolvimento mental lento. É preciso não corrigi-la constantemente, e com severidade, nem criar um ambiente de tensão, pois acabará sentindo-se inibida.

A criança de quinze meses é "exigente"; quer dizer, procura "afirmar-se". Quer tornar-se independente. Já aprendeu a agarrar a xícara com ambas as mãos. Já tem consciência das imagens num livro.

Demonstra interesse pela música e acompanha com entusiasmo as canções infantis. O estado de ti-

mldez comum na criança com 1 ano, está desaparecendo e ela começa a mostrar maior sociabilidade.

É muito importante o papel dos pais no desenvolvimento psíquico e os recentes progressos no conhecimento da formação psicológica da criança nos revelam a influência profunda dos primeiros meses e anos de vida sobre a maneira como se comportará mais tarde o indivíduo na vida profissional, sentimental e social. Muitas vezes, emoções muito antigas da primeira infância, serão a origem de certas "fobias". Estas mesmas emoções podem determinar o medo ao escuro, à solidão, a pessoas estranhas, etc., assim como a perda da memória, comportamentos anti-sociais, etc.

O papel dos pais, e do ambiente familiar têm repercussões muito grandes no desenvolvimento e no carácter da criança.

Assim o medo provocado por ameaças podem ser a origem de atitudes futuras de ansiedade e de culpabilidade. Daí ser necessário, antes de tudo, procurar estudar a criança e o seu desenvolvimento, não pedindo mais do que está ela capacitada a dar.

A criança deve ter liberdade de movimento. Deve ter liberdade de fazer suas descobertas por si mesma; mas não confundir liberdade com falta de disciplina. A disciplina é imprescindível na educação da criança, pois ela precisa canalizar suas energias por vias aceitáveis.

Os pais, mantendo uma autoridade firme, razoável e bondosa, proporcionam à criança um sentimento de segurança. A proporção que ela vai crescendo, aumenta a sua liberdade, mas esta sempre estará limitada por sua aptidão em raciocinar e assumir responsabilidades. A criança necessita mover-se à vontade e as restrições não devem ser excessivas. Ela precisa ter liberdade para executar os movimentos, e se começarmos a impedi-la, obrigando-a a ficar imóvel, então abafamos o que deve ser respeitado, e talvez a tornemos um adulto tímido, receoso de fazer alguma coisa.

Este aspecto é muito importante na educação infantil, e deve merecer muita atenção dos pais, que precisam estar aptos para educarem os filhos.

§ 3 — A criança aos 18 meses

Tabela para as crianças de 18 meses é:

	Meninos	Meninas
Pêso	11.500 grs.	11.300 grs.
Estatura	80 cms.	79 cms.
Aumento mensal	200 grs.	200 grs.

A alimentação aos 18 meses

Várias modificações serão feitas no seu regime alimentar, devido à necessidade do seu organismo. Já não será preciso dar mais a carne moída e, sim, pode ser cozida e picada. Introduce-se o presunto, miolos e outros alimentos, que não produzam fermentações nem sejam de feitura muito complicada.

É comum dizer-se que a criança nesta idade tem bom apetite, mas ela apresenta, nesta fase, certos caprichos e manias, passadeiras, se soubermos tratá-las. Costuma designar os alimentos por seus nomes, e demonstra preferência por certos alimentos. "O nenê quer" é uma expressão muito usada.

Costuma conservar o alimento na boca sem engulí-lo, o que é um sinal de não sentir fome.

Algumas crianças, nesta idade, alimentam-se sós, segurando a colher com firmeza, o que quer dizer que a coordenação dos movimentos já está perfeita. A criança demonstra pleno domínio nos movimentos. Não é aconselhável, quando isto se dá, chamar-lhe a atenção. É conveniente que faça a sua refeição tranquilamente.

Algumas necessitam ser servidas, e é preciso mesmo dar-lhes o alimento, enquanto outras só comem ouvindo contar uma história que as distraia, principalmente, quando não gostam do alimento que lhes está sendo administrado.

Pode-se notar que há certas crianças que executam certos "ritos" nas horas de comer, como, por ex.: o prato deve estar colocado sobre um guardanapo igual o que foi colocado dias antes. Outras vêzes, é o prato que precisa ter sempre o mesmo desenho, por ex. um bonequinho ou um bichinho etc. É comum, também, que exija a repetição de certos alimentos ou necessite ter à sua frente um boneco. Os pais devem saber que este comportamento é natural nesta fase, e não se deve ridicularizar nem chamar a atenção para não fixá-lo.

O comportamento diário

Dormirá em média 15 horas por dia, 12 durante a noite e 3 durante o dia, em geral, após o almoço.

Anda só, e já apresenta a linguagem bem desenvolvida.

Gosta de ir ao parque ou praça, e brincar com outras crianças.

Os seus brinquedos são animais para empurrar; blocos de construção; e, principalmente, pазinha e balde para brincar com areia e água.

Deve estar completado o contróle da evacuação, principalmente diurna, pois a micção noturna ainda não poderá ser controlada.

O desenvolvimento do sensório-motriz

Anda sozinha e em passinhos curtos e rápidos. Sobe em cadeiras e mexe em gavetas e armários.

É comum prestar atenção às figuras de um livro; escuta poesias curtas e pequenas canções infantis. É sensível aos sons de campainha, relógios, etc.

Pode brincar, riscando com lapis de cor as páginas de um caderno.

Arna, em torre, 3 a 5 cubos. Em geral, demonstra preferência por um brinquedo determinado. É comum não adormecer a não ser quando o tenha junto de si. Isto chega a tornar-se um verdadeiro ritual

simbólico, pois ao deitar-se a criança subordina certos atos a uma prévia realização de certas práticas, que se repetem. Antes de adormecer, repete sempre o mesmo ritual. Assim, por ex.: cantarola para adormecer a boneca, ou dorme abraçada a um boneco de sua preferência.

Aspectos gerais

Quanto à dentição, terá 14 a 16 dentes; este é o período do nascimento das presas (caninos), que são os dentes que mais problemas acarretam para a criança, pois são muito doloridos. É comum a criança salivar em excesso e ficar inapetente.

§ 4 — Tabela da criança de 2 anos

	Meninos	Meninas
Pêso	12.200 grs.	12.000 grs.
Estatura	85 cms.	84 cms.
Aumento mensal	150 grs.	150 grs.

A alimentação aos 2 anos

As refeições principais já podem constar de sopa, prato principal e sobremesa. É aconselhável dar-se tanto a carne, como os legumes, não mais amassados, e, sim, cortados em pedaços bem pequenos.

A refeição da manhã pode ser leite com pão, manteiga ou, então, um mingau. A merenda da tarde pode ser leite, ou, então, frutas.

O horário pode ser este:

6 ou 7 horas — 1.^a refeição: leite com café ou chocolate; mingau ou salada de frutas.

8 ou 9 horas — 2.^a refeição: suco de vitaminas ou frutas.

11 ou 12 horas — 3.^a refeição: almôço constando de sopa, prato principal e uma boa sobremesa.

3 ou 4 horas — 4.^a refeição: lanche da tarde; café com leite; biscoitos, frutas ou, então, um mingau.

6 ou 7 horas — 5.^a refeição: jantar constando de sopa, prato principal, e uma sobremesa.

9 ou 10 horas — 6.^a refeição: mamadeira da noite, caso haja necessidade.

Quanto às sobremesas estas podem variar muito, tanto frutas variadas da estação como doces de leite, pudim, compotas, sorvetes, etc.

O comportamento diário da criança

Dormirá 14 horas por dia, em média, repartindo-se 12 à noite e 2 de sesta, após o almôço. Esta sesta não é feita por todas as crianças.

Já saberá lavar as próprias mãos, e deve controlar perfeitamente as suas necessidades fisiológicas.

Após a refeição das 6 horas da tarde, pode ficar no quarto até a hora de dormir. Costuma pular e revirar-se na cama, antes de adormecer.

A criança gosta de participar da mesa do adulto.

Realmente, ela pode almoçar junto com os pais, e jantar, caso não seja este muito tarde.

Já quer vestir-se sozinha, mas necessita ainda de auxílio.

Seus brinquedos preferidos variam muito. Gosta de livros coloridos; rabiscar com lápis colorido; aparelhos de chá, de matéria plástica; objetos de sons; brinquedos de praia como baldes, pás para formar castelos e montes, etc.

Em geral, brinca só, e, raramente, em grupo.

É muito comum que, nesta idade acorde pelo mínimo ruído e outras vezes assustada como se tivesse tido um mau sonho. É aconselhável perma-

necer-se um pouco ao seu lado mas não levá-la para a cama dos pais, criando, assim, um hábito desaconselhável.

O desenvolvimento do sensório-motriz

Anda de velocípede, em círculos. Já é capaz de subir e descer uma escada sem auxílio do adulto. Caminha e corre com desembaraço.

Forma pequenas sentenças e frases. Usa verbos e pronomes. Dá nomes a objetos familiares.

Demonstra ser ciumenta e já tem consciência do que é "meu" e do que é "teu".

Observa os outros sem participar no que estão fazendo, o que é um comportamento típico desta idade. Gosta de ouvir as conversas dos adultos e muitas vezes contribui com palavras suas.

Mostra muita afeição pelas pessoas que se ocupam dela. Neste período, ela toma mais consciência dos outros, e passa por uma fase de timidez ante estranhos, sobretudo adultos.

Costuma pôr o dedo na boca e esconder-se atrás de cortinas, quando chega algum estranho.

Ao habituar-se com um adulto, e sentindo simpatia, levará generosamente todos os brinquedos para ele.

Aspectos gerais

Quanto à dentição, é o fim dos dentes de "leite".

Berreiro

Quando chega próximo aos dois anos é muito comum os choros aumentarem de intensidade, e vulgarmente são chamados de "berreiros". Nesta fase, a criança começa a manifestar a sua própria individualidade. Não é aconselhável o uso do castigo quando a criança usa o berreiro para conseguir algo ou, simplesmente, para não aceitar uma ordem. Às vezes

com palavras consegue-se mais do que com gritos e castigos. Entretanto, os pais devem procurar o meio mais conveniente, segundo o temperamento do filho.

O comportamento com 2 anos e meio

Uma das características que pode revelar uma criança de dois anos e meio é a mudança brusca de humor, o que devemos olhar como natural, porque ela está atravessando um "período de transição". É tipicamente um período de alternativa, e as oscilações entre os extremos são temporárias, passageiras.

É preciso uma grande paciência por parte dos pais e familiares, porque esta fase de transição será superada, quando ela alcançar três anos, o que iniciará um período de equilíbrio e calma.

Neste período, que vai dos dois anos e meio aos três, é comum aparecerem as "manias", os "caprichos", etc. O "ritual" antes do adormecer se acen-tuará nessa fase. A criança torna-se exigente em relação à rotina, insiste, às vezes, em repetir as mesmas situações. As coisas devem ser feitas da mesma maneira, por ex.: a cama deve estar arrumada sempre da mesma forma; o cortinado colocado do mesmo lado, etc. As exigências nos alimentos tornam-se mais rigorosas. Costuma mostrar preferência pela carne, frutas, manteiga, e não gosta dos legumes frescos. O leite continua a ser preferido. As preferências e recusas mostram a seguinte característica: há alimentos que aprecia e aceita quando lhe servem com a colher, e alimentos que terminantemente recusa.

Pode ser que um alimento, que tenha sido bem aceito, seja recusado de um momento para outro, sem explicação razoável. É mais um dos caprichos que podem aparecer nessa fase de transição.

É aconselhável respeitar estas variações do seu apetite. A mãe poderá fazer um gráfico, se achar necessário, e verá que esse estado é passageiro.

Mas é preciso, também, tomar cuidado em não fazer todas as vontades manifestadas pela criança. Às vezes, costuma pedir balas ou guloseimas nos intervalos

los das refeições, e, sendo atendida, começa a perder o apetite, quando chega na hora marcada da refeição. Repele o alimento, e este é um **mau hábito** que deve ser evitado.

O banho continua a ser o passatempo favorito desta idade. Pode a criança passar de um período de grande submissão a um de autoridade excessiva. Mostra timidez numa ocasião para passar à agressividade em outra. Brincará melhor com crianças de cinco a seis anos, dos quais pode aceitar a companhia e respeitar.

Há grande variedade de atitudes. E a mesma criança, que se mostrou submissa, pode, de um momento para outro, revoltar-se.

Demonstra satisfação em ouvir a mesma história repetida dia após dia. Gosta também de folhear livros de gravuras, sòzinha.

Pode conhecer passagens inteiras de certas canções, que repete espontaneamente em casa, mas fica inibida na presença de estranhos.

Sente prazer no ritmo marcado de certas músicas. No desenho, já experimenta as linhas verticais e horizontais, pontos e movimentos circulares.

Uma excelente ocupação nesta idade, pois prende a atenção da criança, é formar bonequinhos, bichinhos, etc., com massa de modelar ou barro.

É nesta época que a criança gostará de contar histórias inventadas. É preciso notar que ela não o faz por mentira e, sim, por imaginação.

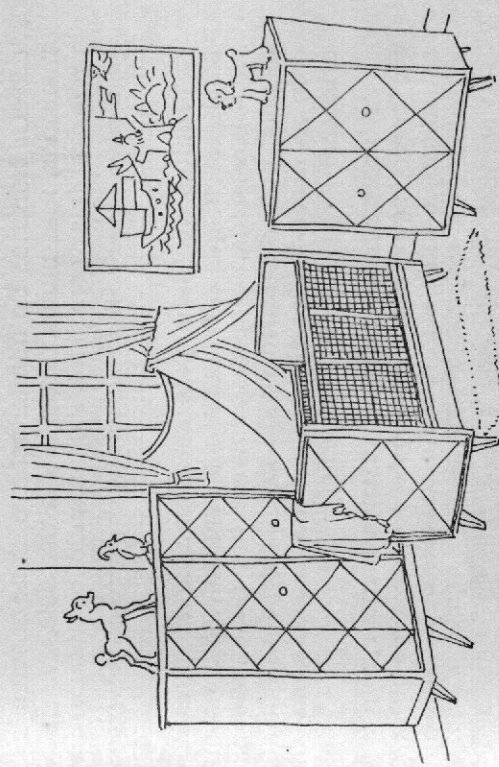
Gosta de imitar os adultos, tanto nas suas atitudes como nas suas ocupações. Assim o trabalho caseiro de passar ferro, varrer, lavar roupa, etc., são imitados pelas crianças.

É muito comum nas crianças dos dois anos em diante (até os 3 anos) a "gagueira". Sabe-se que crianças emotivas ou nervosas estão mais sujeitas a ela. Em geral, cura-se logo com o passar desta fase, e é aconselhável não começar a corrigir e querer ensiná-la a falar direito.

Com dois anos e meio, a criança já deve ser capaz de fazer por si só: lavar as mãos, o rosto e suas evacuações no urinol. Deve também escovar os dentes.

§ 6 — O comportamento com três anos

Com três anos, a criança chega a um melhor controle de si, e sente-se bem mais segura. Já sabe usar um lápis, e começa a imitar o desenho que o adulto coloca à sua frente. Percebe bem as formas, e os pequenos músculos, que movem os olhos, têm mais facilidade e mobilidade do que anteriormente. Pode repetir três números, enumerar três objetos, reconhecer três formas, como o círculo, o quadrado e o triângulo.



Um quarto de criança deve ser bem arejado e cheio de coisas agradáveis.

Presta atenção às palavras, e demonstra compreensão e satisfação em aprender novas.

Devemos ter paciência, e não chamarmos a atenção da criança quando ela fica, por momentos, às vezes longos, olhando a expressão da fisionomia de uma visita ou de qualquer pessoa. É natural essa atitude.

de da criança de três anos. Também é comum aceitar mais facilmente os conselhos, e pode ajudar convenientemente a mãe nos afazeres domésticos.

Gosta de falar da mãe e de si própria, dizendo "nós". É uma nova fase de consciência emocional.

A vida imaginativa desenvolve-se lentamente, e nesta idade, a criança brinca imaginando; é a fase do ludus simbólico.

Aos três anos, já pode brincar em grupos mais calmos e mais prolongadamente do que aos dois e meio. Os brinquedos em grupos espontâneos são mais frequentes.

Não se deve interromper bruscamente uma brincadeira, na qual está participando a criança nesta idade. Os horários de alimentação e sono devem ser mantidos, mas nunca forçar-se em demasia. Assim é preferível falar com jeito, e chamando-lhe atenção para outras coisas, de forma que ela deixe a ocupação em que se encontrava para fazer a que é preciso.

Muitas vezes os pais se impacientam por não conseguirem que a criança faça suas refeições na hora estabelecida. É preciso haver um pouco de paciência, pois o horário rígido nem sempre se adequa com as necessidades fisiológicas ou psicológicas da criança.

É aconselhável deixar a criança brincar com terra, barro, água, etc. Tudo isto lhe dá uma grande satisfação, e mais segurança e tolerância no futuro.

§ 7 — O comportamento com 4 anos

Com esta idade, a criança quer afirmar-se. Precipita-se em explosões de movimentos e idéias. A curva de atividades parece igual à estrutura já ultrapassada, típica dos dois anos! Não é, porém, uma regressão! Funcionam num grau mais elevado em todos os aspectos do seu comportamento: motor, verbal, pessoal e social; comportamento de adaptação, etc.

Parece às vezes, impulsiva, tirânica. Está procurando novos campos de expressão pessoal. Não é

tão sensível aos elogios, como era quando tinha três anos e voltará a ser aos cinco.

Começa a demonstrar curiosidade pela morte, mas não forma uma idéia de sua significação.

Já exerce um melhor controle sobre os seus movimentos, sabe atirar qualquer coisa; pode cortar com tesoura em linha reta.

Embora gostando de atividades corporais violentas, pode ficar sentada durante muito tempo, quando ocupada numa tarefa manual que lhe interessa.

Se seu desenvolvimento se fez normalmente até aqui, vai começar a adquirir, agora, uma graça natural espontânea em seus movimentos e gesticulações.

Gosta de usar palavras novas, inventa pequenos nomes para designar os objetos.

A psicologia da criança de 4 anos repousa na força de seus impulsos, combinada a uma organização mental fluida. Salta de uma coisa a outra com grande facilidade. Começa a desenhar uma tartaruga, e antes de terminá-la torna-a um elefante ou um caminhão!

Quer expressar todas as suas experiências. O vocabulário enriquece-se; quer dizer, começa a usar palavras novas.

Neste período de extraordinária aquisição cultural é quando a criança aprende com muita rapidez. Gosta de imitar o adulto, principalmente as expressões faciais deste.

Geralmente, a criança de 4 anos acorda de bom humor às 7 horas da manhã. Já pode vestir-se só, sem auxílio de adultos. Pode fazer as refeições sozinho, mas convém duas ou três vezes por semana fazê-la na mesa com os adultos, ser servida como uma pessoa, que faz parte da família, o que lhe vai dar um sentimento de segurança, certa confiança em si mesma, muito necessária para a vida adulta.

Para brincar prefere as crianças de sua idade, demonstrando muita satisfação em ter amigos.

O banho pode ser dado à noite antes de deitar-se, ou, então, antes do jantar. Quase sempre toma-o só, mas necessita às vezes do auxílio do adulto.

Conserva o hábito de levar um brinquedo para "conversar com ele", antes de dormir. Também pode pedir para deixar a luz acesa até que durma, mas é comum que adormeça sem protestos.

Nessa idade, o ludus de construção já está bem desenvolvido. A criança arma casinhas, coloca personagens, imita cenas quotidianas, etc.

O ludus simbólico é preferido, e podemos observar nos brinquedos com caixas de fósforo, com botões, e com tampas de garrafas, que "fazem de conta" que são soldadinhos, gatos ou qualquer animal, a gosto da imaginação da criança.

Demonstra vontade de desenhar, mas livremente, sem obedecer a modelos. Desenha os objetos com certos detalhes, não observa, entretanto, as relações de dimensão e espaço, desenhando somente os detalhes, que julga mais importantes. É comum figuras deitadas horizontalmente, colocadas de lado com um olho ao lado da cabeça, a perna ao lado do braço, etc.

Começa a criticar o que faz, empresta valores às suas obras, e sente muita satisfação em mostrá-las.

Embora demonstre certa autoridade, e queira dominar os que a rodeiam pode brincar perfeitamente com outras da mesma idade, ou mesmo em grupo. Escuta histórias com interesse, por certo tempo, e mostra satisfação em acompanhar o desenrolar de uma história contada.

Tôdas essas características são próprias dos quatro anos.

A criança pode apresentar certas crises de comportamento, e a mãe necessita de paciência para não exagerá-las. Às vezes o contar uma história ou mesmo a preparação de um prato preferido pode mudar a atitude da criança.

Ela é como uma planta que está estendendo seus galhos um pouco mais além, está saindo do âmbito li-

mitado de seu ambiente familiar, já dá preferência pelos passeios longe de casa, gosta da rua, quer ter novos amigos, procura conhecer, e mostra curiosidade por tudo que vê e ouve na rua. Os "porquês" e os "como" aumentam, e gosta de exagerar aquilo que conta. Se conta uma história, é sempre com detalhes novos, imaginados por ela, e dá-lhe grande satisfação, quando o adulto ouve com atenção.



*Carinho com a criança en-
ferma dá-lhe segurança.*

Não devemos rir quando conta alguma coisa e exagera, criando, às vezes, até novas palavras. Aos poucos iremos ensinando-lhe a diferença entre o real e o imaginário, mas sem ridicularizá-la. A crítica negativa é sempre perniciosa, e aconselhável é demonstrar um interesse amistososo pelas realizações e pelas qualidades que a criança revela, mas sem chamar muito a sua atenção.

A mãe deve elogiar e animar a criança, mas com muito cuidado. Não deve exagerar nos elogios e, também, deve vencer a tentação de exibi-la aos amigos.

§ 8 — O comportamento com 5 anos

Com esta idade, a criança já mostra a sua jovem individualidade, os traços gerais e as tendências de comportamento, que caracterizam o estado de seu desenvolvimento e a cultura do ambiente.

A criança, que aos 4 anos era muito expansiva, correndo ao encontro de tudo que a rodeava, impetuosa e teimosa, revela, quando chega aos 5 anos, um certo amadurecimento. Procede como se quisesse firmar, solidificar seus avanços no desconhecido, antes de fazer incursões muito afastadas de "seu pequeno mundo".

Quando estiver aproximando-se dos 6 anos, novas formas de turbulência se manifestarão. Nesse meio tempo, como se fizesse um pequeno intervalo de descanso, ela se sente à vontade no seu pequeno universo: o pai, a mãe, sobretudo a mãe, seus brinquedos, seu lugar na mesa, o jardim, a casa, etc. Nessa idade, mostra-se "um pouco caseira", como se costuma dizer.

A criança dessa idade produz uma impressão favorável, não demonstra muitas exigências e parece até muito conformada com tudo. Só reclama a ajuda do adulto quando lhe é estritamente necessária. Gosta de ter pequenas responsabilidades. Tem tendência a adaptar-se ao ambiente no qual vive.

Apesar de sua boa vontade, não significa, entretanto, com todos esses aspectos simpáticos, que ela seja extremamente sociável. Gosta de brincar em grupo limitado, geralmente num grupo de três, e a finalidade é mais individual do que coletiva.

Nessa idade, em geral, mostra-se muito ligada à mãe, obedece-a sem protestar. Gosta de ajudar em casa, e toma parte nos pequenos trabalhos caseiros, que lhe podem ser confiados. Costuma pedir à mãe que lhe conte histórias para ela. No pequeno universo de uma criança de 5 anos, a mãe é uma personagem importante. Às vezes, a criança de 5 anos costuma sentir, subitamente, medo que a mãe a abandone, e apegar-se a ela, mas é um estado passageiro, e se a mãe souber ajudá-la a atravessá-lo, não deixará mar-

PUERICULTURA

cas, isto é, a criança não fixará o medo, porque a fixação desse estado é sempre pernicioso, e pode torná-la, mais tarde, uma criatura insegura, receiosa de ser abandonada por quem mais estima.

Já sabe dominar seus gestos, que são menos violentos. É mais coerente. Não gesticula tanto como aos 4 anos.

Sente prazer na observação, gosta de copiar desenhos, letras e algarismos. É aconselhável deixá-la preparar-se para os 6 anos, copiando e desenhando espontaneamente. Ela não coloca tantos detalhes como aos 4 anos. O domínio manual é completo.

Se a obrigamos a ficar na mesma posição, ela se agitará, levantar-se-á um pouco, mas não durará muito estes movimentos de agitação.

Nessa idade também sofre a influência dos outros nas suas preferências, nas manifestações de agrado ou de desgosto. Por ex.: ante um prato de comida novo ou uma nova fruta, fará expressão de não querer aceitá-las.

Há crianças dessa idade que ainda costumam dormir à tarde, o que não é muito comum.

O comportamento varia muito, algumas crianças têm necessidade de uma atividade antes do sono, por ex.: folhear um livro de gravuras, colorir, etc. Há outras que conversam com um personagem imaginário, gostam de cantarolar, etc., tudo isto são manifestações comuns à criança de 5 anos.

Gosta de brincar com crianças da mesma idade. Algumas preferem ter como companheiros crianças do mesmo sexo. Outras aceitam de boa vontade as do sexo oposto.

Quando a criança de 5 anos é autoritária, ela prefere sempre brincar com algumas crianças que a obedeçam, e, por isso, é comum brincar melhor com as de menor idade, porque essas recebem suas ordens e as executam, sem as porem em discussão. Ela pode brincar também com crianças da mesma idade, e até dar-se bem se as outras aceitam as regras impostas por ela.

Ouve com muito interesse histórias de animais que se portam como seres humanos. Fábulas, por ex., são aconselháveis. Já pode ser iniciada no conhecimento das letras e dos algarismos. Aprende com facilidade, e demonstra um interesse espontâneo pelos primeiros livros escolares. A música também prende sua atenção, e pode passar horas ouvindo discos, e às vezes, repete várias vezes o mesmo disco, que lhe conta uma história ou uma canção infantil.

É nessa idade que o **ludus de regras** se desenvolve. Ela gosta de impor regras para os jogos em grupos, e também obedece as regras estabelecidas por outras, quando se reúnem para brincar.

Poderá tornar-se, no futuro, bom esportista, dependendo muito dos bons ou maus êxitos que tiver nos primeiros ensaios de **ludus de regras**.

Demonstra entusiasmo pelo que faz. Gosta de pegar um livro e começar a ler passagens que já conhece de cor, simulando que está lendo. As histórias de acção são muito apreciadas.

Quanto à alimentação, geralmente tem bom apetite. Pode alimentar-se de carnes, verduras, batatas, legumes variados, leite, frutas, etc. Convém evitar os molhos e os temperos fortes.

Pode aprender as boas maneiras de se portar à mesa, pode usar a faca, mas ainda não sabe cortar a carne e outros alimentos.

Uma das características desta fase é o sono povoado de sonhos. Em geral, são desagradáveis e muitas vezes acorda-se pela noite, chamando pela mãe. Deve ser atendida prontamente, e acalmada até que venha a dormir novamente.

Os sonhos são em geral sobre animais, feitiçeiros, etc., que lhe provocam medo. Muito cuidado para que este medo não seja alimentado. Não convém deixar que ouça histórias fantásticas de pavor, que possam deixar assustada.

Nas suas relações sociais, entra numa boa fase e deve mesmo ser estimulada a brincar em grupos de crianças.

O desejo de toda mãe é que o filho cresça saudável, forte, e para que este desejo se concretize é preciso observar como se processa o desenvolvimento deste ser:

Ela não se desenvolve em "linha reta"; apresenta oscilações. Há ocasiões que parece crescer rápido demais, para depois vir a estacionar. Há outras vezes que aparentemente parece regredir; mas essas oscilações são naturais, porque o crescimento se processa como numa espiral ascendente e a criança, num determinado estado, pode assemelhar-se ao que foi num estado anterior, por isso, se compreendermos assim, entenderemos o que de outra forma acharíamos estranho e nos encheria de preocupações inúteis.

9.º CAPÍTULO

Práticas médicas necessárias à criança

§ 1 É muito importante que a mãe ou quem cuide do bebê saiba realizar certas práticas médicas mais elementares e de grande utilidade. Entre as mais comuns e indispensáveis, temos:

Tomar a temperatura:

A temperatura normal do corpo humano é de 36,5 a 37 graus, variando, entretanto, durante o dia, e podendo chegar, algumas vezes, sem que isto possa ser considerado febre a 37,5 graus. Entretanto, para um bebê, já é considerado um estado febril. No caso de uma criança de 3 ou 4 anos, devido à grande atividade muscular, esta temperatura pode ser normal, sendo tirada na axila. Muitas vezes a temperatura de 39 ou 40 graus pode ser devido a glândulas infectadas ou uma simples angina, daí não deve ser tomado como motivo de alarme, pois nem sempre é indicio de uma grave enfermidade como é para o adulto. Em qualquer caso, deve-se recorrer ao médico para um diagnóstico seguro. Costuma-se dar um medimento infantil e fazer fricções de álcool no corpo para a febre descer. É muito aconselhado um banho morno.

A criança, que se encontra em estado febril, deve beber muita água. Quanto à alimentação, deve ser suprimida, caso o médico não seja de parecer contrário.

A temperatura pode ser verificada nas axilas, na boca, na região inguinal, e no ânus. A parte do ter-

mômetro que deve ficar em contato com a pele é onde se encontra a coluna de mercúrio, representada pela coluna de côr prateada.

Até os 6 anos é aconselhável tomar a temperatura por via retal ou inguinal, pois a bucal apresenta o perigo da criança morder o termômetro. A tomada de temperatura na região anal obriga a certo cuidado, e nem tôdas as mães estão dispostas a fazê-lo. A temperatura anal é normal até 37,8 e a inguinal até 37 graus. O termômetro deve permanecer de 2 a 3 minutos em contato direto com a pele.

§ 2 — Envoltórios

1.º **frio (úmido):** coloca-se a criança sôbre a cama, e envolve-se-lhe o corpo com uma toalha molhada e espremida na água em temperatura comum. Deve permanecer, assim, uns 20 minutos. A temperatura cai até chegar a um ponto normal. Caso a criança fique com calafrios, lábios roxos e tremores, deve-se fazer uma fricção com álcool.

2.º — **Quente (úmido):** serve para elevar a temperatura. O processo é o mesmo que o anterior, só que usa uma toalha molhada em água quente (38 graus). Envolva-se a criança por somente 10 minutos, e pode-se repetir a operação por 2 ou 3 vezes.

§ 3 — **Banho mórno:** Usa-se para diminuir a temperatura. A temperatura da água deve ser de 2 graus abaixo da temperatura do doente. Após 5 minutos de imersão nágua, adiciona-se um pouco de água em temperatura mais baixa, e deixa-se por uns 15 minutos. Após isto, retira-se a criança, envolvendo-a numa toalha seca e felpuda. Caso não abaixe a temperatura só com um banho, pode-se repetir de 2 em 2 horas.

Banho quente: Só devem ser feitos segundo indicação médica.

Banho de amido: é extremamente refrescante, e pode ser usado durante dias de muito calor e age contra brotoejas, queimaduras de sol. Desmancha-se uma colher de sopa de amido num litro de água, e junta-se na água do banho.

§ 4 — **Clisteres:** emprega-se para provocar a evacuação intestinal. Podem ser feitas com seringas de borraça, e segundo indicação médica.

§ 5 — **Supositórios:** são usados como evacuentes e há apropriados para crianças. É aconselhável amolecê-los em água morna, antes de colocá-lo na via retal. Não se deve fazer um uso muito constante, pois cria intestinos "preguiçosos".

§ 6 — **Desinfecção do nariz:** É muito necessário ser feita, principalmente, ao encontrar-se a criança resfriada, em casos de moléstias infecciosas, e como preventivo por ocasião de epidemias. O abuso de instilações pode ocasionar irritação da mucosa do nariz. Não há necessidade de desinfetar-se diariamente o nariz da criança, só quando fôr necessário.

§ 7 — **Desinfecção do ouvido e dos olhos:**

do **ouvido:** a limpeza deve ser feita com "cotonetes" "Johnson", e nunca com palitos ou qualquer objeto pontudo. Caso haja suspeita de dor de ouvido, instila-se uma gôta de algum medicamento indicado pelo médico, pois há muitos extremamente prejudiciais, ou, também, uma gôta de água oxigenada pura, previamente amornada (37 graus). A instilação de qualquer medicamento frio é muito doloroso, daí ser preciso amorná-lo sempre.

Dos olhos: a água fervida é um ótimo desinfetante, em caso de qualquer irritação. Em casos mais complicados como: conjuntivite, purgação, etc., deve ser usado um antisséptico, segundo indicação médica.

É muito comum aparecer uma formação de caspa com vermelhidão na região, onde se prendem os cílios. Passa-se ali uma leve pomada feita especialmente para os olhos.

§ 8 — **Inalações**

Servem para quando a criança sofre de "falso crupe", laringite e algumas faringites. Existem no comércio aparelhos inaladores especiais, com recipiente bucal.

Outro método mais simples e mais antigo é colocar-se no quarto previamente fechado, uma panela com água quente fervente e ali depositar-se uma colher do líquido a inalar. Em poucos minutos, o quarto estará impregnado destes vapores, podendo ser repetida a operação mais vezes no mesmo dia.

§ 9 — Injeções

Quando a criança tem menos de 2 anos, deve-se preferir aplicá-la na região glútea (nádegas). A posição mais conveniente é a deitada. Neste caso, coloque a criança numa cama ou em qualquer superfície horizontal, e procure ter cuidado com o movimento de suas pernas e braços. O local preferido deve ser o do **quadrante superior externo**. Consegue-se localizar a região, dividindo, imaginariamente, a nádega em 2 linhas perpendiculares. A agulha deve ser de platina e não muito comprida.

§ 10 — Banhos de sol

É necessário muito cuidado para expor a criança ao sol.

As exposições devem ser progressivas e não colocar a criança, principalmente tratando-se de um lactente, diretamente ao sol. É mesmo aconselhável iniciar-se os banhos de sol só após os 6 meses. A criança deve estar protegida contra as correntes de ar. A hora mais conveniente é às 10 horas da manhã. Durante o inverno, deve ser feito mais tarde, pelas 11 horas. A cabeça deve sempre permanecer coberta.

A criança tem de ser controlada constantemente para ver se o sol está agindo satisfatoriamente no organismo. Se apresentar: temperatura, cansaço, devem ser retirados os banhos de sol, pois estão agindo nocivamente.

Tratando-se de um bebê de menos de 1 ano, a exposição não deve ultrapassar 15 minutos para a parte da frente e outros 15 minutos para as costas. Naturalmente que as primeiras exposições foram mais curtas, assim começa-se com 3 minutos e progressivamente, 5, 10, até chegar aos 15, que é tempo ótimo. Ultrapassar 40 minutos há perigo de queimaduras, que são graves.

10.º CAPÍTULO

§ 1 — Primeiros socorros e outros cuidados

Prevenir acidentes é dever de qualquer um. É muito comum crianças sofrerem acidentes. Considere-se como **acidente** desde um simples ferimento, até a perda da própria vida. Para prevenir acidentes é preciso, antes de tudo, suprimir tudo o que possa ser perigoso dentro da casa. Citaremos alguns deles:

1.º) Mantenha fora do alcance da criança qualquer objeto, que possa proporcionar-lhe ferimentos, como: tesouras, facas, brinquedos quebrados, vidros, ferramentas, etc.

2.º) Não deixe a criança brincar com fósforos, nem ficar próxima do fogão; não deixe cigarros acesos, etc.

3.º) Atenção às tomadas de luz, pois são perigosas. Caso a criança introduza nelas um objeto de metal pode ocasionar uma descarga elétrica ou um curto circuito.

4.º) Use cadeiras baixas.

5.º) As escadas deverão ser fechadas com uma porta até que ela possa descê-las sem dificuldade.

6.º) Não lhe deixe ao alcance objetos pequenos, que possam ser engulidos como: botões, feijões, conchas, etc.

7.º) Não lhe dê nenhum remédio sem antes ler muito bem o rótulo. Cuidado com remédios, que contenham substâncias tóxicas.

8.º) Mantenha longe do alcance da criança vidros ou potes com: querosene, benzina, amoníaco, etc.

Não esquecer que o chumbo é um veneno para qualquer idade. Nunca use alguma substância que o contenha.

9.º) Não deixe a criança dentro de uma habitação que tenha um aparelho de gás.

10.º) Não deixe que se aproxime de cachorros estranhos.

§ 2 — ABCESSOS

De uma maneira geral chama-se abcesso um acúmulo de pus em qualquer parte do corpo, porém, geralmente, considera-se aquêle que se forma nas gengivas ou nos ouvidos.

A criança, que apresenta sintomas de estar com abcesso no ouvido, seja pelo aparecimento de uma zona inflamada visível, ou por se queixar de dor, deve imediatamente ser levada ao médico. Como tratamento preliminar, o calor serve de ajuda, pois facilita a desinflamação da zona dolorosa.

A inflamação na gengiva deve ser tratada pelo dentista, os comprimidos de aspirina podem aliviar momentaneamente a dor.

A infecção em torno da unha pode provocar um abcesso. Como tratamento preliminar podem-se fazer aplicações de água quente com sal, que facilitam a ruptura do abcesso, pois tornam a pele mais branda.

§ 3 — Acidose — A acidose é causada pela acumulação no corpo da criança de um excesso de ácidos. É o sintoma de uma doença. Apresenta-se por vômitos, podendo, entretanto, haver acidose sem vômito, que são as mais perigosas. Nesse caso, pode haver retenção de urina, ou diarreia com grande perda de água.

Os sinais são: cheiro de acetona no hálito da criança, a presença de ácidos e acetona na urina, e pros- tração, a criança fica "caidinha".

Antes do médico chegar, pode-se tomar a seguinte medida: "dar à criança, de 5 em 5 ou de 10 em 10 minutos, colherinhas de chá da seguinte solução: 1 copo d'água levemente gelada com uma colher, das de sopa de açúcar comum ou Dextrosol, e uma pitada de bicarbonato de sódio. No caso de os vômitos serem intensos, é útil adicionar, também, uma pitada de sal de cozinha. Se a criança não a suportar pela boca, esta solução pode ser dada lentamente em clister, tendo o prévio cuidado de se amornar a solução. Se o médico custar a chegar ou se a mãe estiver no interior do Brasil, sem auxílio, poderá mandar aplicar uma injeção sub-cutânea de soro glicosado (200 grs.) isotônico", como aconselha o dr. Rinaldo de Lamare.

§ 4 — Afogamento — "As medidas a tomar têm que ser imediatas. O paciente apresenta pulso fraco, perda da consciência e baixa na temperatura. As vezes, apresenta-se com coloração azul (afogado azul), outras vezes, extremamente pálido (afogado branco). O primeiro cuidado, depois de tirar as roupas molhadas, é colocá-lo sobre os joelhos em decúbito ventral, para fazer a água descer. Limpar ou aspirar as secreções do nariz e garganta, e iniciar imediatamente a ginstica respiratória. Aquecimento com cobertas ou bolsas quentes, fricções com álcool e injeções de cafeína ou coramina." (Vide respiração artificial).

§ 5 — ASMA

"O que caracteriza a asma é a falta de ar. A criança apresenta dificuldade, não para inspirar, mas para expirar, isto é, pôr o ar para fora. Além da falta de ar, os outros sintomas são tosse, sibilos, opressão no peito e dor abdominal, pelo esforço que fazem os músculos para respirar.

Tratando do acesso — Além dos remédios com que o doente "se dá bem", adrenalina, efedrina, aminofilina, em gotas, xaropes, comprimidos ou injeções, devem ser tomadas as seguintes providências:

- a) Repouso no leito, ventilação ampla.
- b) Assistência psíquica: animar e distrair o doente, não mostrando preocupações.

PUERICULTURA

- c) Dar água açucarada, para beber.
- d) Vapor d'água para inalar, ferver água perto do doente.
- e) Antibióticos (penicilina, estreptomicina, etc.), para evitar infecções secundárias.

Passada a crise, a interferência do médico continua é indispensável, para proceder à investigação da causa e evitar novos acessos." (Dr. Rinaldo De Lamer).

Geralmente está associada a uma alergia. Os ataques são afetados pelas mudanças atmosféricas, a temperatura e outros fatores, como excessivo exercício físico e, especialmente, um estado de turvação mental. Alguns casos são crônicos, e outros, principalmente os que aparecem na primeira idade, podem ser curados em poucos anos, ou mesmo durante a adolescência.

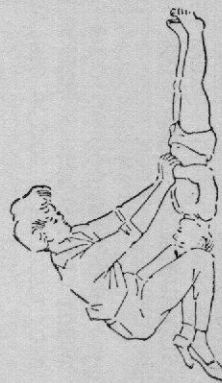
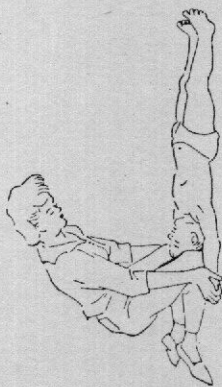
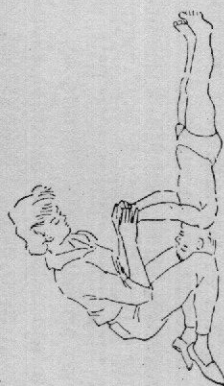
§ 6 — **Comoção cerebral** — Verifica-se quando há um choque no cérebro mas sem lesão. Pode acontecer devido a uma queda, um desastre, um susto, e deixa a criança inconsciente por alguns minutos, ou mesmo horas. É aconselhado repouso absoluto por vários dias.

§ 7 — **Contusão cerebral** — Verifica-se quando há hemorragia ou destruição por afundamento do cérebro. Aparecem alterações visuais, paralisia de um lado só do corpo, sonolência, convulsões.

§ 8 — **Corpos estranhos** — Quando fôr introduzido qualquer objeto no nariz ou no ouvido, é preferível não tentar retirá-lo e, sim, chamar um especialista, que o retirará sem perigo de ferir a criança.

Se já foi deglutido, e atingiu o estômago, o perigo não é tão grande como quando fica preso na garganta, ou, então, passando pela laringe, vai até a traquéia e atinge os brônquios.

Encontrando-se, portanto, já no estômago, dá-se um mingau bem espesso, que formará uma camada protetora em volta do objeto, facilitando, assim, a



Método para salvar um afogado

sua expulsão. O uso de laxantes não é aconselhável, apesar de muitas mães o usarem constantemente.

§ 9 — Desmaios — Os sintomas são: palidez, suores frios, vista escura e queda. Deite a criança, desapeste a roupa e coloque a sua cabeça mais baixa que o resto do corpo. Uma fricção nas mãos e um pouco de café ou coramina ajudam a reanimar.

§ 10 — Envenenamento — Envenenamento por alimentos apresentam os seguintes sintomas: náuseas, vômitos, dores abdominais e diarreia. Caso a criança tenha ingerido um alimento venenoso, deve provocar-se o vômito, que é a primeira providência a ser feita. Caso não se saiba do que se trata, é bom chamar um médico, pois muitas vezes fortes dores abdominais com vômitos são sintomas de um ataque de apêndice, e facilmente podem ser confundidos como envenenamento.

Dois casos diferem da norma geral: sendo o veneno alcalino forte, como: cal, ácido sulfúrico (usado em vários produtos de limpeza doméstica) não deve proporcionar-se o vômito e, sim, neutralizar o efeito do veneno com um pouco de limão e vinagre e depois um pouco de leite.

— Sendo veneno ácido, é preciso dar: magnésia, azeite, leite ou clara de ovo.

Para provocar o vômito, dá-se para beber água morna, ou introduzir-se o dedo na garganta.

§ 11 — Febre — A febre é sempre sinal de infecção, de reação orgânica e daí ser preciso combater a causa principal.

A criança tem tendência a temperaturas altas e súbitas e muitas vezes isto não é sinal de enfermidade grave.

O primeiro tratamento, enquanto o médico não chega, é dar-se um banho morno na criança, ou, então, administrar-se um antitérmico (Salofeno é o mais aconselhado).

§ 12 — Ferimentos — Podem ser de diversos tipos. No caso da pele ficar ferida e não sangrar, é preciso pre-

servar-se a ferida contra a infecção. Uma boa desinfecção se faz necessária. Pode-se limpar a região afetada com água e sabão, e logo em seguida aplicar um antisséptico, como mercúrio cromo, tintura de iodo. Em seguida, cobre-se com um pedaço de gaze (o algodão é aconselhável ser colocado diretamente sobre a ferida) e depois prende-se com um esparadrapo.

Caso a ferida tenha sido feita com algum objeto que esteja sujo ou mesmo com terra, deve-se dar maior atenção, pois sabe-se que o bacilo do tétano vive no intestino do cavalo e os estrumes são portadores deles.

Caso tenha sido picado por mosquitos, pulgas, etc. usa-se pincelar a região com uma solução de mercúrio-cromo. Caso fique um pouco inchado e doa, podem usar-se compressas de água fria com um pouco de álcool que ajuda a desinfetar. As aranhas e escorpiões, na sua quase totalidade, são venenosos, e põem em risco a vida da criança. É preciso aplicar-se soro. A picada de abelhas é muito dolorida, mas não oferece perigo. Entretanto, é preciso primeiro remover-se o ferrão, e depois aplicar uma compressa embebida em solução de bicarbonato de sódio.

§ 13 — Fraturas — Uma queda de mau jeito pode ocasionar uma fratura. É contra-indicado tentar ver como está o membro por meio de movimentos e, sim, deve-se imobilizá-lo com papelão e gaze, enquanto se espera a vinda do médico ou do especialista.

§ 14 — Hemorragia — Podem ser de natureza variada, entretanto estes cuidados podem, e devem, ser prontamente tomados:

— compressão no local da ferida, com gaze e atadura para estancar o sangue.

— Repouso absoluto.

— Aspirina em água para beber, e, ao mesmo tempo, uma aplicação local de bolsa de gelo.

Caso se trate de uma hemorragia nasal, use um tampão com gaze umedecida em água oxigenada e o introduza nas fossas nasais. A criança deve ser colocada em posição horizontal com a cabeça mais bai-

xa que o corpo. Compressas de água gelada sobre o nariz também são aconselháveis. Não cessando dentro de uns 10 minutos, o médico deve ser chamado.

§ 15 — **Inflamações** — Em qualquer tipo de inflamação é preciso ter-se sempre muito cuidado para não haver um agravamento. A desinfecção das mãos e da região inflamada é muito importante. Pode usar-se antibióticos (penicilina, estreptomicina, etc.).

§ 16 — **Insolação** — A criança apresenta estes sintomas: febre alta, dor de cabeça, vômitos e desidratação, e em casos mais graves, convulsão com sintomas de meningite.

O primeiro cuidado a ser feito é:

— levar a criança para um lugar mais fresco;

— envolvê-la em toalhas frias, e colocar-lhe uma bolsa de água gelada na cabeça;

— dar-lhe bastante água com um pouco de sal, para beber.

Em casos mais extremos dá-se coramina e pratica-se a respiração artificial.

§ 17 — **Luxações (Torceduras)** — Localizam-se nas articulações. As mais sujeitas são as do cotovelo e as do tornozelo. As vezes é preciso o auxílio médico, caso por si só não volte ao lugar. Aconselha-se envolver a articulação afetada com ligas, elásticos e ataduras firmes e ao mesmo tempo manter repouso absoluto.

§ 18 — **Quedas** — É muito freqüente que as crianças sofrem quedas, que seriam, na sua maioria, muito perigosas, caso se tratasse de um adulto. Entretanto, a criança tem grande facilidade de sair ilesa, havendo, porém, casos que apresentam certa gravidade, principalmente quando afeta as clavículas ou a cabeça. No 1.º, por haver a possibilidade de ruptura quando o tombo se dá de um lado e sobre os ombros, e no 2.º por poder originar um traumatismo de crânio. Porém o mais comum é aparecer no local da batida (tratando-se da cabeça) um pequeno tumor, que toma às vezes, uma cor roxa, devido à ruptura de al-

guns capilares ou veia, ou, então, uma pequena inchação, que cederá dentro de algumas horas.

Em qualquer queda deve-se colocar a criança sobre uma cama e observar qualquer alteração que se manifeste. Em geral, a criança assusta-se com a queda e chora. Muitos pais crêem que a dor é muito grande, mas, na maioria dos casos, é só susto. Deve-se dar para beber um pouco de água açucarada, dizendo-se ser um remédio, pois isto acalma a criança. Caso tenha uma ferida, deve-se limpá-la com água filtrada, e pincelar com solução de mercúrio cromo.

Certas crianças apresentam, após uma queda, febre de origem nervosa causada pelo choque. Não é aconselhável dar-se qualquer medicamento.

Caso a criança continue, após ter passado o susto, a queixar-se de alguma dor localizada ou esteja muito excitada é preciso chamar o médico.

§ 19 — **Queimaduras** — É muito comum as crianças queimarem-se com fogo. Na maioria das vezes, é falta de cuidado dos adultos, que deixam ao seu alcance fósforos, fogo aceso, cigarros acendidos, etc.

Para fazer passar a dor, faz-se o seguinte: colocam-se compressas de água fervida na região queimada e logo em seguida vaselina esterilizada (em tubo) ou alguma pomada. Cobre-se em seguida com um pedaço de gaze ou pano bem leve. Depois prende-se com um esparadrapo. Em caso de urgência, e não tendo à mão nenhum medicamento, pode-se colocar um pouco de manteiga que aminora a dor.

Entretanto, é preciso distinguir o seguinte: a queimadura que faz surgir bolhas, já é de 2.º grau, e deve ser medicamentada, se possível, pelo médico. Nunca se deve rebentar uma bolha, pois há perigo de infecção. Caso ela rebente por si, corte com uma tesoura de unha (préviamente desinfetada em álcool ou fogo) e ponha um pouco de vaselina esterilizada, e volte a cobrir com gaze.

Tratando-se de queimadura de 3.º grau, quando há lesão na pele, são precisos cuidados urgentes de um médico. Pode-se fazer o seguinte, enquanto se espera: bastante líquido para beber e ventilar bem o lo-

cal. Procure retirar a roupa que cobre a parte queimada, mas não arranque nenhum pedaço que esteja colado à pele. Cubra a parte queimada com um pedaço de fazenda previamente imersa numa solução de água bicarbonatada (três colheres de bicarbonato de sódio em $\frac{1}{4}$ de litro de água fervida). Combata a febre com Aspirina e Salofeno, e coloque uma bolsa de gelo na cabeça. Se a criança não foi vacinada, é preciso a aplicação de soro antitetânico.

O médico é quem tomará providências quanto ao choque que possivelmente irá aparecer.

Caso se trate de queimaduras de sol muitos medicamentos podem ser usados. Os mais comuns e caseiros são: creme de cacau e azeite de oliva.

(Usam-se comumente o "Unguento Picrato de Butesin", pomada "Johnson" e vários outros produtos).

§ 20 — **Sufocação** — As causas da sufocação, na criança, podem ser várias: laringites agudas, conseqüentes a "resfriados", crupe, asma ou algum objeto, que possa ter sido introduzido na laringe pela própria criança.

A criança apresenta uma tosse súbita, falta de ar, e grande nervosismo.

Deve-se chamar o médico logo em seguida. Pode-se fazer o seguinte, enquanto se espera: compressas de álcool, envolvendo o pescoço e $\frac{1}{4}$ de um comprimido de aspirina com chá quente. As inalações de vapores medicamentosos são muito aconselháveis.

§ 21 — **Engasgo** — Verifica-se devido a algum alimento, osso ou qualquer objeto que não foi deglutido. Deve-se suspender a criança no ar, segura pelos pés de cabeça para baixo, enquanto se aplicam energéticas pancadas nas costas. Se for um bebê de poucos dias, dobra-se pela cintura, enquanto se dá pancadinhas nas costas.

Caso a criança não consiga expelir o objeto causador da sufocação, deve ser levada a um Pronto Socorro, ou chamar-se o médico. Não deve procurar-se

tirar o objeto com os dedos ou com uma pinça. Nem se deve dar um purgante.

§ 22 — **Hipotermia** (temperatura baixa) — Quando a temperatura desce a 36 ou 35 graus, é preciso tomar certas precauções. Se a criança ficar fria, principalmente nos pés e mãos, e de côr arroxeada deve-se dar-lhe um banho quente, o que é muito bom. Fricções com álcool canforado podem ser feitas.

§ 23 — **Vômitos** — É muito corrente as crianças vomitarem. As causas podem ser: febre, perturbações alimentares ou, então, nervosismo.

Tratando-se de bebês, que estão no 1.º ano de vida, em geral, não têm grande importância. Deve-se retirar a alimentação, e dar-se água (Prata ou Vichy), e após 4 horas, o alimento novamente.

Em crianças maiores, caso não sejam crônicos; quer dizer, repitam-se regularmente, pois estes precisam dos cuidados de um profissional, pode dar-se um pouco de água, chá ou suco leve e, progressivamente, a alimentação natural do dia.

Quando tratar-se de vômitos que não param, pode-se colocar uma bolsa de gelo no estômago e administrar-se calmantes (supositório de espasmo-cibalena infantil ou Atroveram). Contudo, deve-se avisar o médico e pedir a sua visita

§ 24 — **Respiração artificial** — "Como recurso de emergência, deve ser processado por qualquer pessoa capaz. A finalidade é fazer que o ar, levando oxigênio, entre no pulmão. O método mais prático é o seguinte: tomar a criança de bruços sobre os seus braços, segurando fortemente o tórax e as pernas; balançar a criança de um e de outro lado, com movimentos ritmados, sem interrupção. O método mais antigo e mais conhecido é o chamado Silvester. É aplicado conforme as seguintes normas: delta-se a criança de costas, com os braços estendidos para cima. A pessoa, colocada próximo da cabeça, apanha as suas mãos, empurra-as para frente. Depois devem-se dobrá-las, até cruzá-las sobre o tórax, comprimindo-o de cima

PUERICULTURA

para baixo, repetindo os movimentos constantemente. Há quem prefira colocar a criança de bruços e, com as mãos espalmadas, fazer compressões rítmicas e suaves sobre a base do tórax, nas costas. Respiração artificial do lactente: com uma das mãos segurar o pescoço, e com a outra, as coxas, curvar suavemente, a fim de que aquelas, alcancem o peito, 20 a 30 vezes por minuto." (Do livro "A vida do bebê", do dr. Rinaldo de Lamare).

11.º CAPÍTULO

Doenças infecciosas

§ 1 — As chamadas "doenças infecciosas" são muito graves, e obrigam a um constante cuidado do doente. Antigamente eram quase sempre fatais, mas, atualmente, devido às descobertas realizadas no campo da medicina, muitas delas tornaram-se facilmente debeladas, e outras rapidamente curadas. Lembremo-nos das célebres epidemias que grassavam em países ou regiões inteiras, levando um cortejo de mortos após a sua passagem. Hoje ainda se verificam surtos epidêmicos em certos locais, mas quase sempre, devido aos cuidados realizados prontamente, são facilmente debelados.

É muito importante que as vacinas para certas doenças infecciosas sejam feitas na criança e na idade indicada. Como já vimos, ao tratarmos da Vacina Tríplice e da Vacina contra a paralisia infantil (Pólio), a época de aplicação deve ser indicada pelo médico que cuida da criança, pois, muitas vezes, é conveniente esperar um ou dois meses, principalmente tratando-se de crianças submetidas a certos regimes alimentares ou alérgicas.

Os pais são responsáveis no controle de uma boa alimentação e uma higiene perfeita para manter a criança mais resistente contra estas enfermidades.

Chama-se de **quarentena**, o período de isolamento durante o qual deve ser mantido o doente portador de uma destas enfermidades, abaixo descritas:

§ 2 — **Caxumbas** — Inicia-se a doença com febre, falta de apetite, prostração e após 11 ou 13 dias aparece uma

pequena inflamação em uma ou mais glândulas salivares. Percebe-se isto no momento em que a criança abre a boca e chora devido a dor, assim como comprimindo-se suavemente o tumor glandular. Este atinge o máximo de volume durante 2 ou 3 dias, e depois decresce, juntamente com a febre.

A "caxumba" por si só não oferece perigo, mas acarreta algumas complicações como: inflamação dos testículos e dos ovários, e, a mais grave de todas: a meningite. Daí a necessidade de manter o doente no leite, e tratá-lo com todo o cuidado.

Isolamento: deve ser mantido até quanto dure a inflamação das glândulas salivares.

Tratamento: repouso absoluto, dieta líquida (muitos sucos, leite, etc.). As frutas e sucos ácidos (de limão, laranja, etc.) não são aconselháveis.

Período de contágio: segundo muitos médicos é de 4 a 7 dias antes do aparecimento da inchação das glândulas salivares, indo até 12 dias após o seu início.

§ 3 — **Coqueluche:** caracteriza-se por um tipo de tosse particular, e que ataca, geralmente, crianças de 2 a 4 anos. Quanto menor a criança, mais grave e, daí, ser preciso manter o doente em constante cuidado. A coqueluche leva muito tempo para desaparecer, às vezes, cerca de 3 meses.

O período de acesso ou da tosse convulsa dura de 10 a 15 dias. A criança apresenta o seguinte aspecto: rosto inchado e olhos "empapuçados", e é muito comum que, devido ao esforço realizado, sigam-se vômitos e expulsão de um catarro viscoso. Após o ataque a criança fica prostada, mas volta ao normal logo em seguida.

Período de contágio: é muito prolongado, em geral, 14 dias que precederam o 1.º acesso da tosse, e depois durante uns 30 dias. Daí ser preciso manter a criança longe do contato de outras.

Existe a vacina que é a **Vacinação Tríplice**.

§ 4 — **Difteria (Crupe)** — Caracteriza-se por febre (que às vezes pode não ser muito alta), dor de garganta,

inapetência e pouca disposição. Se fôr feito um exame na garganta, e aparecer uma "placa" branca ou cinzenta, convém a vinda imediata do médico. Muito contagiosa, mas existe a vacina, que é de grande eficiência.

§ 5 — **Disenteria bacilar:** — Caracteriza-se por evacuações freqüentes e dolorosas. As fezes vêm com catarro, sangue e pus. Muito comum nos países de clima quente e tropical.

Período de contágio: dura tanto tempo quanto o doente tenha bactérias nas fezes. Isola-se o doente, e deve-se lavar sempre as mãos.

Tratamento: impõe-se um repouso grande. A dieta consta de muita água, caldo de frango, maçã, banana e alimentos leves. Não há uma vacina específica.

§ 6 — **Catapora (varicela)** — Caracteriza-se por dor de cabeça, inapetência e ligeira febre. Após 24 ou 48 horas depois aparecem pequenas manchas vermelhas sobre a pele. Transformam-se estas manchas em pústulas que, ao esvaziar-se, secam-se e convertem-se em crostas. Estas crostas se desprendem de 15 a 21 dias.

Período de contágio: sendo altamente contagiosa, propaga-se por meio de expulsões da boca e do nariz, assim como das pústulas. As crostas secas não são contagiosas. O período vai desde 24 horas antes do aparecimento da erupção, durante a mesma, e até 10 dias após ter começado.

Tratamento: manda cortar as unhas do doente bem rente, e limpá-las bem. Evitar o prurido que se origina na região afetada.

Pode dar-se Aspirina e Salofeno, e é aconselhável banhos com sabonete sulfuroso.

§ 7 — **Escarlatina** — Apresenta-se bruscamente a doença, tendo o doente febre até de 41°, vômitos, dor de cabeça forte e inflamação da garganta. Dois ou três dias após o início da febre, aparece uma erupção, que é mais acentuada nas regiões do corpo em contato com o colchão e nas dobras das articulações. Co-

meça na cabeça, tronco, braços, pernas e pés. A **erupção** dura de 4 a 6 dias e depois começa a diminuir, iniciando-se a descamação, que se prolonga por um longo período. Esta enfermidade acarreta muitas complicações, como: abscessos, nefrites, etc. É preciso dar muita atenção.

Período de contágio: inicia-se 2 dias antes do aparecimento da febre, durante o período de erupção até a descamação completa.

Tratamento: penicilina. Caso não dê efeito, usa-se a aureomicina e a terramicina.

§ 8 — **Rubéola** ("sarampo alemão" ou "sarampo de três dias") — Na maioria dos casos, a erupção vem antes da febre. O corpo todo é tomado pela erupção. Avultam-se os glânglios linfáticos do pescoço, facilmente notados quando apalpados. Não há secreção dos olhos e do nariz.

Período de contágio: dá-se dois dias antes do aparecimento da erupção, e vai por todo o período da doença.

Tratamento: não há um específico. Indica-se ao doente muito repouso, dieta líquida e tomar salofeno e aspirina.

É muito perigosa no caso da mulher grávida, principalmente no primeiro trimestre de gravidez, pois afetará seriamente o feto.

§ 9 — **Sarampo** — O começo da moléstia caracteriza-se por febre, catarro nasal, e ocular com fotofobia (horror à luz), inflamação da garganta, tosse rouca e seca. Irrompem na boca pequenas manchas de cor avermelhada. Quando a febre estiver bem alta, aparece a erupção, que se inicia no rosto, nas orelhas, tórax, braços, abdômen, pernas e pés. Após a erupção ter-se manifestado uns 3 a 5 dias, começa a descamação. A febre baixa até atingir a normal.

Período de contágio: vai de 4 dias antes do aparecimento da erupção até 5 dias depois. Propaga-se por meio de expulsões, ou através de objetos contaminados.

Tratamento: usa-se a imuno-globulina que dá resultados preventivos por um espaço de 15 dias e moderadores, quando empregados no período catarral antes de se dar a erupção. Usa-se, também, penicilina e outros antibióticos.

Particularidades: em casos muito raros pode atacar duas vezes a mesma criança. O doente não deve ser exposto ao vento, e às mudanças bruscas de temperatura. Deve-se mantê-lo num quarto abrigado e bem ventilado. Diz-se que o "sarampo se recolhe", quando se estabelece alguma complicação pulmonar (pneumonia ou broncopneumonia). Neste caso é preciso muito cuidado com o doente.

§ 10 — **Erisipela** (conhecido por "fogo de Santo Antônio") — Moléstia localizada na pele. É comum aparecer nos recém-nascidos principalmente à volta do umbigo e em crianças maiores à volta de ferimentos mal cuidados. Aparece uma placa vermelha, áspera ao tato, e com um aumento sensível ao calor da região afetada. Provoca altas temperaturas, e seu perigo está na passagem do germe ao sangue ou ao rim.

Período de contágio: durante o período febril e a descamação.

Tratamento: pode ser feito com penicilina que tem um efeito rápido.

§ 11 — **Gripe** — Afeta principalmente o aparelho respiratório: nariz, garganta, laringe, brônquios e pulmões. Aparece rapidamente, com calafrios, febre alta, que provoca convulsões na criança abaixo de 2 anos, dor de cabeça, dor de garganta, dores nos músculos das costas e pernas, vermelhidão da face e olhos brilhantes. No 1.º ano de vida, pode provocar diarreia e vômitos.

Período de contágio: vai de 36 a 48 horas antes da doença, e durante o período febril.

Tratamento: não é específico. Costuma-se manter o doente em repouso, dar-lhe Salofeno, Aspirina e muito suco de frutas. Em casos mais graves, usa-se penicilina, estreptomicina, aureomicina.

Particularidades: a convalescença deve ser considerada tão perigosa como o período da doença. Pode dar-se um estado de fraqueza e depressão, facilitando as célebres "recaídas".

Não há uma maneira de prevenção. O uso da vitamina C não imuniza a doença. As vacinas preparadas com os vírus A e B não são perfeitas. Deve-se manter os seguintes cuidados: evitar grandes fadigas, aglomerações e contato com pessoas doentes.

§ 12 — **Meningites** — Chama-se meningite a inflamação das meninges, que é a membrana envolvente do cérebro, separando-o dos ossos da cabeça.

Os sintomas são variados: sonolência, dor de cabeça, vômitos, febre. Em alguns, aparecem contrações musculares, principalmente nos braços, pernas ou de um lado só do corpo.

Tratamento: usam-se antibióticos (estreptomina, penicilina e sulfadiazina), que chegam a curar muitos casos. A meningite tuberculosa é a única que apresenta grande resistência aos tratamentos modernos.

§ 13 — **Paralisia infantil (Pólio)** — Sendo benigna, imuniza a pessoa contra a mesma. A forma paralítica é a que apresenta perigo. Apresenta-se com uma rigidez dos músculos da nuca e do dorso. A criança só poderá sentar-se na cama, apoiando-se nas palmas das mãos.

Logo que seja declarada a doença é preciso iniciar-se o tratamento, pois grande número de casos podem regredir.

Período de contágio: vai, geralmente, de 7 a 14 dias, e, em casos muito raros, menos de 7 dias.

Tratamento: não há um específico. Na fase aguda, colocam-se compressas quentes, que melhoram as dores musculares e os espasmos.

Como prevenção, usa-se a vacina Sabin. A vacinação deverá ser feita entre os 6 meses e 1 ano de vida.

§ 14 — **Raiva** — O vírus desta enfermidade é transmitido aos seres humanos por meio da saliva dos animais infectados, principalmente cachorros, e também pela mordida de um dêles.

Caso uma criança seja mordida, o mais aconselhável é levá-la prontamente a um Pronto Socorro. O animal deve ser preso e observado por 10 dias. O hábito de matar-se o animal logo após ter mordido, não é aconselhável.

O local da mordida deve ser limpo com uma solução de sabão antisséptico; caso a mordida fôr muito profunda usa-se uma solução de ácido nítrico.

Os cães, portadores da raiva, apresentam os seguintes aspectos: inquietude, ladram muito, olhar apagado e soltam espuma pela boca.

A doença tem a seguinte evolução: na 1.ª, o doente apresenta sonolência ou torpor, sensação de formigamento, de calor ou de frio em redor do local da mordedura. Ao mesmo tempo apresenta muita irritabilidade, desasociação, lacrimejamento e insônia. Na 2.ª fase, a excitação aumenta, espasmos da garganta e dificuldade para alimentar-se ou beber líquidos (hidrofobia), convulsões e dificuldade de respiração. Na 3.ª, param os espasmos e a convulsão, vem a paralisia, coma e a morte.

Período de contágio: pela saliva do doente, 2 dias antes do aparecimento dos sintomas e durante o período da doença.

Tratamento: não há, caso seja declarada a doença. A prevenção pode ser feita com a vacina, que tem ação protetora e deve ser aplicada dentro de 24 horas após a mordida.

Particularidades: além do cachorro, outros animais como morcegos, raposas também transmitem o vírus da raiva.

§ 15 — **Tétano** — Enfermidade que se inocula por meio de feridas ou um simples corte. Toda ferida, por mais insignificante que seja, deve ser cuidadosamente desinfetada e, se esteve em contato com alguma su-

PUERICULTURA

jeira ou estérco, deve ser imediatamente consultado o médico.

Tratamento: mais aconselhável é dar-se soro antitetânico em injeções intramusculares. No local da ferida, usa-se penicilina.

§ 16 — **Tifo** — Fácilmente debelado devido à vacinação coletiva.

§ 17 — **Tuberculose** — Deve-se evitar o contágio com alguma pessoa tuberculosa. No caso do bebê mais cuidado se deve ter, pois ele é facilmente susceptível a esta enfermidade.

Prevenção: vacina BCG é universalmente aceita e tem uma razoável ação protetora.

O bebê deve ser vacinado na primeira semana de vida. Não deve dar-se a BCG juntamente com outra vacina.

§ 18 — **Variola** — A moléstia tem um início violento: vômitos, sonolência, delírio e convulsões. No 4.º dia aparecem as pequenas bôlhas (vesículas) nas faces, a princípio com líquido claro, e no 5.º dia transformam-se em pústulas, que se rompem, deixando marcas na pele. A vacina deve ser feita antes do 5.º mês.

O período de contágio vai desde os primeiros sintomas, até a queda das crostas.

Quanto ao tratamento não há um específico. Usa-se a penicilina para evitar complicações maiores. O tratamento local da pele não é aconselhável. A vacina dá um resultado 100% seguro.

12.º CAPÍTULO

Outras doenças

Apresentaremos aqui os tipos de moléstias mais frequentes na 1.ª infância.

§ 1 — **Aftas:** localizam-se nas paredes internas da cavidade bucal. Em geral as crianças nervosas estão mais propensas, e, também, as que sofrem de distúrbios gástricos e alérgicos.

Tratamento: pulveriza-se anestesia e bicarbonato de sódio em pó, uma grama de cada, colocando-se uma pitada na boca de hora em hora. Mantém-se a assepsia da boca e passa-se na afta uma solução de azul de metileno a 1% igualmente.

Perturbações digestivas: muito comuns, principalmente na 1.ª infância. Já estudamos os vômitos e a diarreia, que são os dois tipos de fenômenos mais comuns.

§ 2 — **Falta de apetite** — causas que provocam a falta de apetite:

1.º) Insistência (às vezes violenta):

- a) Obrigar a comer mais do que necessita;
- b) Obrigar a comer quando está doente;
- c) Obrigar a comer quando está convalescente;
- d) Obrigar a comer quando está contrariado;
- e) Obrigar a comer volume que os pais "imaginam";

f) Obrigar a comer alimentos detestados, por que os pais os julgam muito "bons".

- 2.º) Ambiente agitado: excitações, brinquedos, etc.
- 3.º) Má qualidade do alimento em apresentação e preparação.
- 4.º) Ambiente anti-higiênico, falta de ar, sol, repouso.
- 5.º) Ambiente por demais severo, excesso de tarefa escolar.
- 6.º) Falta afetiva dos pais.
- 7.º) Pais nervosos, angustiados com comida.

Na verdade existem crianças que tudo suportam galhardamente e, apesar de todos os erros, continuam com bom apetite.

§ 3 — **Apêndice** — A inflamação ou infecção do apêndice não é muito comum em crianças pequenas, sendo mais comum dos 10 anos em diante. Em geral, um ataque de apêndice vem acompanhado de fortes dores abdominais, náuseas, vômitos e diarreia. A temperatura também sobe, porém, nem sempre. Enquanto se espera a visita do médico não deve dar-se líquidos nem purgantes, assim como não aplicar-se bolsa de água quente ou fria sobre o abdômen. A intervenção do apêndice não é difícil, e nem apresenta perigo. O restabelecimento é rápido e sem grandes complicações.

§ 4 — **Amigdalites** — As vezes as amígdalas apresentam-se envermelhadas, e muitas vezes com pontos de pus, ou placas. Trazem febre alta, reação dos gânglios do pescoço e dificuldade em deglutir.

As amígdalas como os adenóides (carnes do nariz) devem ser extirpados caso a criança apresente estes sintomas: catarrhos frequentes, dores reumáticas, dificuldade de respiração. Só em casos excepcionais opera-se antes dos 4 anos. Não deve operar-se também, no verão, época de aparecimento de casos de paralisia infantil.

A operação das amígdalas é considerada uma operação simples sem complicações. Em geral, a criança pode, logo após a operação, voltar para casa com os pais, ou então, manter-se hospitalizada um ou dois dias.

§ 5 — **Coriza** — Os corrimentos do nariz, são denominado de coriza. Quando se apresentam sangüinolentos são graves e devem ser tratados. A coriza comum é o sintoma predominante do "resfriado", o qual na maiores das vezes é de natureza alérgica, com secreção aquosa.

Em geral trata-se com instilação de antissépticos. Deve-se sempre pedir o conselho médico, pois muitos remédios não são aconselháveis apesar de serem usados fartamente.

§ 6 — **Tosse** — A tosse pode vir acompanhada de febre e pontada do lado ou no peito. Pode ser profunda, acompanhada de catarro, prêso ou solto; ou então, seca, não havendo catarro e, sim, somente, uma sensação de ardência na garganta.

O tratamento varia conforme o tipo que se apresenta. Entretanto, não se deve dar xarope para os bebês de menos de 1 ano, pois podem causar diarreia.

Os xaropes de tipo expectorantes devem ser dados quando a tosse vem acompanhada de catarro, e os de tipo sedativo para a tosse sem catarro.

§ 7 — **Eczema** — O eczema não aparece em qualquer criança e, sim, só naquelas que têm o organismo predisposto a êle.

Os tipos mais comuns são: eczema do rosto (crosta láctea); interigo (assadura das juntas) e seborréia do couro cabeludo (caspa da cabeça).

O 1.º tipo, é o que dá no rosto um grande prurido. Muitas vezes, a criança nervosa arranha-se, acarretando na região, inflamações. A pele do rosto fica brilhante e áspera e aparecem pequenos nódulos.

O 2.º tipo é freqüente, aparecer nas dobras dos joelhos, dos cotovelos e no pescoço.

O 3.º tipo é mais comum que os anteriores.

Tratamento: é muito delicado, pois não se trata de uma doença exclusivamente da pele e, sim, como já dissemos, resulta duma predisposição orgânica conseqüente a uma sensibilização.

Dá-se grande importância ao regime alimentar, porém, deve haver controle e indicação médica.

Dependendo o eczema ser seco ou úmido, variam os medicamentos usados. No 1.º, não se deve usar água em hipótese alguma e, sim, fazer-se a limpeza com óleo de amêndoas ou óleo "Johnson". No 2.º, pode usar-se a água.

§ 8 — **Furúnculos** — Não se deve deixar a criança coçar a pele no local inflamado nem arranhar-se, pois a infecção poderia propagar-se e originar uma série de furúnculos.

O furúnculo, depois de crescer, amolece e produz pus, havendo, então, necessidade de ser aberto. Outras vezes estoura espontaneamente. O hábito de espremê-lo precisa ser feito com muita higiene e cuidado. Desinfetam-se as mãos com álcool, depois de tê-las lavado com água e sabão. O furúnculo e a região à volta são pincelados com iodo. Após ser retirado o pus, far-se um curativo com pomada antisséptica e cobre-se com gaze esterilizada.

§ 9 — **Anemia** — Chama-se de anemia a diminuição de pigmentos vermelhos abaixo do normal (hemoglobina), nas células vermelhas do sangue. Em geral diz-se que uma criança está "anêmica" quando se apresenta com a pele decorada. Há, entretanto, crianças pálidas que não são anêmicas.

O diagnóstico da anemia não pode ser feito à simples vista e, sim, só após um exame de sangue. Várias causas podem provocar a anemia, entre as mais comuns encontramos: as de origem infecciosas (sífilis, tuberculose), as parasitárias (vermes e impaludismo); as alimentares; as tóxicas; e as constitucionais (bebês prematuros, débeis congênitos).

Em geral, os bebês até os 6 meses possuem uma reserva de ferro, daí não serem propensos a esta enfermidade, porém com o passar do tempo esta reserva diminui, e, daí ser preciso dar-lhe alimentos que possuam a quantidade exigida pelo organismo infantil. Em geral, as anemias mais comuns na infância são as alimentares. É preciso diminuir a quantidade de leite e dar-se a sopa de cereais, fígado, alguns vegetais como a couve. Caso a anemia seja muito forte a criança deve ser levada ao médico, que dará o tratamento adequado.

§ 10 — **Conjuntivite** — A inflamação da conjuntiva pode ser ocasionada por germes ou por alergia. A conjuntivite apresenta como sintomas: avermelhamento do glóbulo dos olhos ou um mero tom rosa; coceira, inchaço e dor. Verifica-se uma pequena supuração, fotofobia (aversão à luz) e pálpebras inchadas. Deve-se procurar o médico, pois a conjuntivite apresenta-se com diversos tipos sendo em alguns casos muito perigosa.

Pode-se dar o caso da conjuntivite acompanhar a gripe, resfriados e certas moléstias infecciosas como o sarampo.

O tratamento é o seguinte: lava-se o globo ocular com água fervida, água boricada e instila-se uma ou duas gotas de algum antisséptico (sulfato de zinco, sal de prata ou qualquer preparado farmacêutico). Em certos casos podem usar-se antibióticos (penicilina, estreptomicina, etc.).

O terçol significa que a criança está com pouca resistência. Em certos casos a predisposição alérgica é que influencia muito. Uma criança nunca deve ter contato direto com uma pessoa que tenha terçol.

§ 11 — **Prisão de ventre** — A criança deve exonerar o seu intestino uma vez ao dia, pelo mínimo.

As causas da prisão de ventre podem ser: alimentar e constitucional. Na primeira, temos um regime alimentar errado, como seja o uso de substâncias constipantes (gordura, carne, banana, etc.) havendo falta de legumes e frutas. Daí ser aconselhável dar-se um regime alimentar bem variado à criança.

Na segunda, quase sempre a origem é nervosa. Nestes casos é bem mais difícil solucionar o problema que se apresenta.

Para as duas causas deve-se usar o regime alimentar como remédio, pois não é aconselhável o uso de laxantes. Assim para os bebês aumenta-se a quantidade de açúcar e dá-se farinhas especiais (principalmente as de aveia). Para as crianças maiores podem-se dar frutas, legumes e caldo de laranja. O mel de abelhas e o extrato de malte são muito eficientes.

§ 12 — **Urina em grande quantidade** — A quantidade de urina eliminada pelo bebê ou pela criança está em relação direta com o volume de líquido ingerido. No verão há um decréscimo devido à eliminação se cessar também pela transpiração, enquanto no inverno o volume das micções aumenta consideravelmente.

§ 13 — **Urina em pouca quantidade** — Nos casos dos bebês que retêm água, eliminando muito pouco pela urina, não há nada de grave.

Estes engordam em demasia devido à retenção da água nos tecidos. Há outros, entretanto, que retêm a urina, mas devido a perturbações digestivas acompanhadas de diarreia e vômitos.

§ 14 — **Fimoses** — Muitos bebês têm ao nascer o membro recoberto por uma pele, só tendo descoberto o orifício donde sai a urina. É costume de certos povos, entre eles os judeus, cortarem a pele, sistematicamente, descobrindo, assim, a glândula. Chama-se a esta operação "circuncisão".

Em geral, tenta-se com os dedos descobrir a glândula. Não conseguindo, o médico, com um simples estilete, de ponta redonda e uma pinça fará a operação necessária.

É muito comum nos meninos, que apresentam fimose, sofrer inflamações do membro, além de ardência provocada pela passagem da urina. Usam-se compressas de água boricada, que muitas vezes diminui a ardência.

§ 15 — **Crianças que urinam à noite** — "A incontinência da urina, chamada enurese, é um dos muitos problemas da criança na idade escolar. Após 18 a 24 meses de idade a criança já deve saber "comandar as suas necessidades, entretanto, existem as que, apesar de conseguí-lo fazer durante o dia, à noite apresentam emissão involuntária da urina.

A causa pode ser decorrente duma doença orgânica: pielite crônica, malformação congênita das vias urinárias, irritação da mucosa dos órgãos genitais, etc. Outros casos têm como causa um desajustamento psicológico, tensão emocional, devido à escola, temor, ciúmes de irmãos, insegurança, angústia, revolta contra proteção exagerada, etc....

1.º — Reparar, com o tempo, o momento em que a criança costuma urinar. Acordá-la, então, e colocá-la no vaso sanitário.

2.º — Os leitos macios relaxam a musculatura, e facilitam a emissão de urina. Os leitos duros são mais aconselháveis.

3.º — A criança urina geralmente quando está de costas na cama. Obrigá-la a deitar-se de lado; colocando-lhe uma cinta com um nó nas costas, evita-se que ela fique deitada de costas.

4.º — Sugestão: Falar suavemente no ouvido da criança, quando estiver dormindo.

5.º — Elevar ligeiramente os pés da cama, ficando a criança em posição oblíqua, com a cabeça mais baixa.

6.º — Tratamento médico do estado geral." (Rinaldo De Lamare).

§ 16 — **Alergia** — Diz-se que alguém sofre de alergia quando apresenta uma reação inesperada e não comum a alguma coisa. Pode ser a alimentos, ar, roupas, remédios, insetos, etc. Assim muitos alimentos produzem urticária, eczemas ou perturbações digestivas em certos bebês, bem como o ar que ele respira, e também devido à variação de temperatura, alto grau de poeira, etc. Certos tecidos, como roupa de lã, flanela, etc.

nela, seda, nylon, etc. Outros elementos também podem ser tomados como alérgicos: almofadas de pluma, pêlo de animais, pós, etc. As reações do bebê são variadas, como: espirros, "nariz correndo", tosse, roncoss. Outras vezes a pele do rosto apresenta-se áspera e brilhante e assaduras nas dobras do corpo. Alguns podem chegar a defecar fezes líquidas ou catarrentas. O sistema nervoso pode ser abalado e aparecem cólicas, inquietude e falta de sono, etc. A alergia pode ser herdada dentro do útero, e depois de nascido, devido à alimentação. A forma clínica mais grave é a bronquite asmática.

Há uma tendência atual em considerar que as diferentes tensões emocionais contribuem muito às desordens alérgicas, especialmente a asma crônica. Assim uma criança, que tenha seus sentimentos oprimidos, pode libertá-los em forma de alergia.

O tratamento dos bebês alérgicos é muito difícil e deve ser indicado pelo médico. Alguns conselhos, entretanto, ajudam o tratamento médico. São eles: evite o uso de roupas de lã, nylon, diretamente sobre a pele. Não use pós antissépticos e talco em excesso. Evite passeios de automóvel e aglomerações. Não se dê alimentos que ele não goste.

Muito importante é o ambiente no qual vive a criança alérgica. Assim muita atenção ao quarto de dormir que deve ter boa ventilação e o mínimo de móveis possíveis. Retire os tapetes e cortinas, e a limpeza do assoalho deve ser diária. A cama deve ter travesseiro de cortina laminada pois os de pena e palha são contra-indicados. Não use cobertores de lã.

Não use inseticidas ou cera no assoalho, é preferível limpá-lo com um pano úmido.

§ 17 — **Pés chatos (pé plano)** — É muito grande o número de crianças que apresentam a anomalia do pé chato. Alguns médicos atribuem o pé chato aos hábitos atuais de fazer o bebê andar em superfície muito lisa. Deve-se deixar a criança andar sobre superfícies não muito lisas e se possível sobre a areia fofa. Usa-se para corrigir tal defeito os sapatos ortopédicos. Caso seja um caso congênito que então apare-

cerá por volta dos dois anos, os pais devem tomar certas precauções. Não é aconselhável procurar formar a criança para que "ande direito", e sim por meio de exercícios musculares procurar compensar esta deficiência.

§ 18 — **Pés para dentro** — É muito frequente ver-se crianças pequenas que caminham com a ponta dos pés ligeiramente inclinadas para dentro. Caso esta inclinação seja muito pronunciada, é preciso consultar-se um ortopedista.

13.º CAPÍTULO

O crescimento

O estudo da Puericultura nos ensina que o desenvolvimento de uma criança não se processa em "linha reta" e, sim, apresenta "altos e baixos", que devem ser considerados como **oscilações normais do desenvolvimento**.

Uma das primeiras medidas feitas no recém-nascido é comprovar qual o seu peso e sua estatura. Sabemos muito bem o motivo de preocupações constantes que é para os pais o crescimento do bebê, pois podem aparecer diversos casos, como: o alimento ingerido não está sendo bem absorvido pelo organismo infantil; o crescimento está se processando muito rapidamente, e, muitos outros, que variam na sua importância e merece ser cuidado e pesquisada a sua causa.

Mas, como dissemos acima, o "ritmo de crescimento" de uma criança apresenta períodos de grande desenvolvimento, intercalados a outros de estagnação. Sabe-se que as crianças possuem dois períodos de crescimento especialmente rápidos: o da 1.ª infância e o da adolescência. Já no útero materno, o bebê se desenvolve muito rapidamente, e, seguirá este ritmo também nos primeiros anos de vida. Ao nascer, ele tem a cabeça relativamente grande em relação ao resto do corpo, que é magro e comprido. Os meninos são relativamente curtos em relação ao corpo e magros. No 1.º ano de vida, aumenta muito de peso. Assim, aos 5 meses o peso do nascimento deve ter sido dobrado; aos 12 meses triplicado, e aos 24 meses, ou seja 2 anos, quadruplicado. Um bebê, que

nasceu com 3.700 grs., deve ter, aos cinco meses, 7.400 e aos 12 meses 11.100 grs. Mas a tabela nem sempre é seguida, e há bebês que apresentam, na idade marcada, maior ou menor peso, sem que isto seja um indicio de má saúde ou desenvolvimento.

A estatura considerada normal para um recém-nascido é de 50 cms. e o aumento mensal já foi indicado pelas tabelas que acompanham o inicio de cada capítulo relativo ao desenvolvimento mensal do bebê.

Para medir-se um bebê, faz-se o seguinte: deita-mo-lo em cima de uma mesa e colocamos um livro contra a sua cabeça e outro contra os pés. Retira-se o bebê e mede-se com a fita métrica a superficie compreendida entre os dois livros.

O aumento regular do peso e estatura de um bebê é acompanhado de um sono profundo e calmo. Este é um dos sinais que o crescimento está processando-se normalmente e dentro do ritmo estabelecido pela tabela.

Os pais não devem preocupar-se, caso vejam que o filho não tem um aumento como o estabelecido pela tabela, pois, como já dissemos, nem todas as crianças têm um desenvolvimento regular. Para sair desta dúvida é aconselhável levá-lo periodicamente ao pediatra, que tomará as medidas necessárias, assim como indicará a alimentação mais conveniente.

14.º CAPÍTULO

A alimentação

§ 1 — O problema da alimentação começa realmente a preocupar os pais quando notam que o filho não está comendo o bastante. Mas é preciso considerar os seguintes casos:

— a criança apresenta períodos desiguais de apetite. Assim, durante a dentição, em estados de muito cansaço ou excitação, durante ou após uma enfermidade, e mesmo após um resfriado simples, há, geralmente, uma queda do apetite.

— a criança manifesta predileção por um ou outro alimento, e muitos pais não se dão conta, obrigando-a a comer de tudo que "acham necessário".

Antes de tudo é preciso que os pais tenham o conhecimento de uma alimentação racional para estejam aptos a proporcionar aos filhos o necessário e básico para um bom e perfeito desenvolvimento físico.

É muito comum que os bebês, ao ser dada a sopa de cereais ou a papa de frutas rejeitem-nas nos primeiros dias. Mas, após um certo período, eles as receberão normalmente. Para crianças maiores é preciso variar, um determinado alimento não-aceito, por outro.

Certos tópicos que não devem ser esquecidos pelos pais:

— nunca faça a criança comer por coação ou róggo. A criança deve comer porque lhe é necessário, e

não para satisfazer os pais, pois usará disto para conseguir, mais tarde, atenção e cuidados.

— Nos casos em que a criança coma pouco, não se deve ficar inquieto ou nervoso. Deve-se mesmo não dar muita atenção, pois assim elle acabará mais facilmente comendo o que antes rejeitou.

Estes conselhos servem para casos não graves e de fácil solução. Tratando-se de casos difíceis, é aconselhável levar ao pediatra, que dará os conselhos e o método a ser seguido.

* * *

§ 2 — A alimentação dos bebês — Atualmente, muitos pediatras aconselham que o bebê deve ser alimentado de acôrdo com suas próprias exigências, quer dizer, ao demonstrar fome deve-lhe ser dado o alimento. Assim se o bebê chorar antes da hora marcada para a mamadeira, não o faça esperar muito. Esta direção demonstra ser sensata, pois sabe-se que o estômago, principalmente dos recém-nascidos, é de pouca capacidade, não devendo, portanto, permanecer vazio por um longo período. Daí ser mais conveniente vigiar o estômago que o relógio!

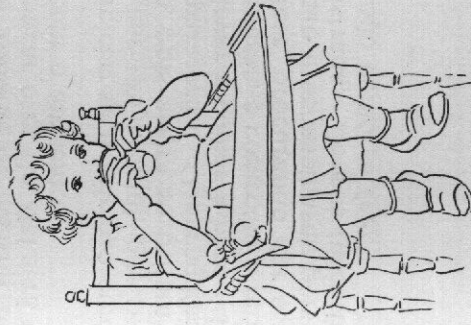
Quando o bebê chorar, a primeira coisa a ver é se tomou a mamadeira dentro do horário estabelecido. Caso assim tenha sido feito, seu choro pode ser devido a: cólicas, uma pequena indigestão ou, então, estar incomodado, devido às fraldas molhadas. Até duas horas depois da última mamada, o choro pode também significar: desassocôgo ou sede. Caso não pare, depois de mudado de posição e tenha tomado um pouco d'água, deve-se dar a outra mamadeira, pois então é fome.

Aos três meses começa a manter um horário, que pode ser, como vimos anteriormente, de 3 em 3 horas ou de 4 em 4 horas.

§ 3 — Alimentos novos — Com 4 ou 5 meses, o bebê pode começar a receber, em uma ou duas refeições, alimentos mais sólidos. Alguns pediatras aconselham a administração da sopa de cereais e da papa de frutas desde o 2.º mês.

Há bebês que não recebem bem a sopa e a papa de frutas. Para solucionar estes casos usa-se o método de dar pouca quantidade nos primeiros dias até que se habitue e venha a tomá-las na proporção exigida.

Para dar ao bebê a alimentação sólida, é mais conveniente que esteja em posição semi-sentada. Deve usar-se uma colher pequena, enchê-la até à metade, e colocar o alimento sobre a língua do bebê.



No segundo ano, já pode tomar os alimentos por si.

Após ter aceito a sopa de cereais (como vimos no capítulo relativo ao 5.º mês de vida) e a papa de frutas, assim como o suco, podem ser administradas outras frutas e legumes sob a forma de purê. Quanto às verduras, estas são mais difíceis de serem aceitas. Já em relação à carne e ovos é mais fácil. É muito comum e mesmo muito aconselhável dar-se um bife para que o bebê, já no 6.º mês, chupe o caldo.

Acostumar o bebê a novos alimentos deve ser feito com calma e gradualmente, começando por pequenas quantidades, e não dando-lhe vários alimentos novos ao mesmo tempo. Se acaso o bebê não aceitar um novo alimento não dê importância; substitua-o por outro, até que venha a aceitá-lo, nunca o force!

Nota: Os regimes alimentares, se possível, devem estar sob controle médico. As opiniões variam muito neste setor.

§ 4 — Comer por si só — A idade em que a criança começa a comer por si só varia. Em regra, já aos seis meses, o bebê é capaz de sustentar a mamadeira; outros só o farão muito mais tarde. Com um ano, já procura segurar a xícara ou o copo. Ao aproximar-se da idade de dois anos, já consegue segurar relativamente bem a colher. O uso da faca e do garfo levará muito mais tempo.

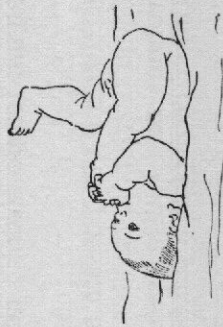
Uma criança manifesta vontade de segurar uma colher quando começa a brincar com ela, daí será um passo para levá-la à boca com o alimento.

É necessário, quando iniciar-se a refeição com a sopinha ou papas, que se use um avental, que pode ser de fazenda ou plástico, pois assim se evitam as manchas que fatalmente aparecerão. O aprendizado da criança para conseguir levar a colher à boca é lento. Muitas mães ficam nervosas, e começam a ameaçar ou, então, tiram a colher, procurando dar a comida elas mesmas. Isto não é aconselhável, pois só fará a criança sentir-se frustrada. Deve-se incentivar e procurar ajudar, mostrando como se faz.

15.º CAPÍTULO

Os brinquedos infantís

§ 1 — Durante os primeiros meses de vida o bebê já brinca, mas sozinho! No 2.º mês, movimenta constantemente as pernas e as mãos. Assim, as mãos que o bebê agita diante dos olhos, as perninhas que balança, são exercícios.



A criança deve ser entregue também a si mesma algumas vezes.

A partir do 3.º ou 4.º mês, começará a brincar com objetos. São as fitas coloridas penduradas no berço, os chocalhos vistosos e ruidosos, e até as páginas coloridas de uma revista. Deve-se notar o interesse manifestado quanto aos quadros que estão pendurados nas paredes e aos objetos coloridos. Estes objetos, usados como brinquedos, têm a função de divertir, estimular e atenção, coordenar os movimentos e a direção rítmica muscular. É aconselhável, entretanto, que se dê, alternativamente, um e outro para que ele não se aborreça de ver sempre o mesmo.

Quando começa a segurar as coisas, deve-se dar caixinhas, latas de talco, bichos e bonecas de plástico ou borracha, bolas, barquinhos e esponjas para o

banho. Os brinquedos não devem ser pintados com uma pintura fácil de sair, pois, logo em seguida, éle acostumar-se-á a levá-los à boca.

Com seis meses, o bebê gosta de brinquedos sonoros. Balbucia e pretende imitar os sons que ouve.

No 9.º mês, para alguns mais cedo, inicia-se a fase na qual irá sentir uma atração toda especial pelos blocos de madeira ou cubos. Gosta de bater um objeto em outro ou, então, atirá-los ao chão. Certos bebês brincam com objetos caseiros, como pentes. Pode-se observar que quando um adulto entra no seu quarto rindo e falando alto, o bebê também rirá. É nesta época que sente prazer com o "brinquedo de esconder". Assim, quando o adulto se oculta de sua vista e volta a aparecer, provoca no bebê sorrisos e gritinhos de alegria e satisfação.

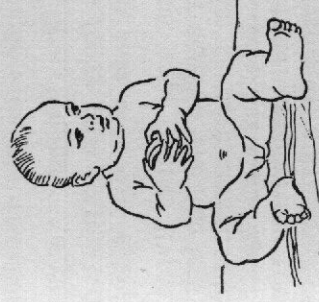
É aconselhável deixar o bebê nesta idade durante algum tempo sozinho com os seus brinquedos.

Depois do nono mês, pode-se dar brinquedos resistentes e que possam ser arrastados com facilidade, como carrinhos, cavalos, trens, bolas, mas sempre de volume não muito pesado, pois ao começar a engatinhar começará a puxá-los.

Em geral, quando o bebê começa a dar os primeiros passos é quando acaba a calma da mãe. Basta passar uns momentos em silêncio, e já é preciso ir ver o que o bebê está fazendo! Neste momento, deve-se retirar da sala ou quarto onde o bebê brinca, todos os objetos que possam oferecer algum perigo, como: vasos, objetos de cima da mesa, cadeiras baixas, pregos, tomadas de luz (que para isto devem ser fechadas com um esparadrapo), estatuetas, cinzeiros, etc. É preciso, também, ver se as janelas estão sempre bem fechadas, principalmente se for apartamento.

De 1 a 2 anos é aconselhável dar-se objetos de rodas como: automóvel, caminhão, carro de boneca, etc. A criança também manifestará muito gosto em brincar com água e areia.

Depois de 1 ano e meio, deve-se começar a proibir que a criança segure tudo. É preciso sempre manter coerência no que é negado. Assim uma coisa que não se permita pegar uma vez, não se deve nunca deixar que o faça. Em geral, muitas mães, cansadas, acabam por deixar que a criança brinque com algo que foi proibido uma vez, e isto é muito contrário e perturba a criança. Assim, para bem agir, não criando dúvidas na criança, deve-se proibir poucos, mas objetos essenciais, e não deixar que venham servir como brinquedos em nenhuma hipótese! Não nos esqueçamos que, nesta idade, a criança tem atração por tudo, e tudo quer conhecer. Ela não sabe distinguir o que deve ou não fazer por seu raciocínio, daí ser preciso que a mãe, ou quem a eduque, permita certos objetos e proíba outros.



Os brinquedos de exercício são imprescindíveis.

Com 2 anos a criança já anda sem nenhuma dificuldade. Nesta idade a compra de um velocípede como presente não tem nenhuma valia, pois ela ainda não sabe pedalar e nem pode desenvolver os movimentos coordenados, necessários para o uso de tal objeto. Forçar uma criança a andar de velocípede nesta idade só serve para provocar-lhe falta de confiança, pois ela verá que não é capaz de realizar aquilo que os adultos esperam dela.

É preciso, nesta fase, dar muita atenção ao desenvolvimento muscular. Deve auxiliar a desenvolver-se com coragem e confiança todas as suas habilidades. Para isto é aconselhável arrumar-se a casa, de forma que não ofereça perigos à criança, pois ela tentará fazer exercícios que são perigosos, como: subir em cadeiras, em sofás, pendurar-se nas janelas, etc.

Nesta idade gostam muito de aparelhos de cozinha, chá, fogões, geladeiras, animais de madeira, trens, aviões, etc.

Com 3 anos a criança já é bem mais sociável. Começa a ter amigos e interessar-se por jogos de cooperação. Os brinquedos de rodas começam a despertar a sua atenção. Nesta idade é que deve ganhar o velocípede.

Gosta de empurrar carrinhos, como por ex.: o irmãozinho ou outra criança pequena no carrinho quando vai de passeio.

A areia e a água, que já lhe despertaram a atenção aos dois anos, voltam a ser um centro de atração. É a época de "brincar de casa". Nesta fase, os carrinhos de bonecas são imprescindíveis, assim como os brinquedos de construção e os quebra-cabeças.

Em geral, a criança gosta de ajudar. Ao pedir-lhe que abra uma porta, ou feche uma torneira, por ex., deve-se elogiar o seu ato, mas com discrição!

Entre os dois e três anos, pode ganhar livros de histórias. É preciso escolher aqueles que não tenham figuras desarmônicas ou que possam amedrontá-la. A harmonia das proporções deve ser dada desde os primeiros dias de vida do bebê. Procure-se tornar sempre o ambiente, que o cerque, o mais agradável e harmônico possível. Assim as cores das paredes e os objetos que ali se encontrem devem ser agradáveis e de cores não muito fortes. Sabe-se que certas cores como o vermelho, o violeta, não são aconselháveis. É muito estudada a influência de certas cores no desenvolvimento emocional e psíquico do homem; daí não devemos ser levados pelo "modernismo decadente", pensando que, segundo certas tendências atuais, estamos ajudando o desenvolvimento artístico da criança, pois estamos fazendo o contrário.

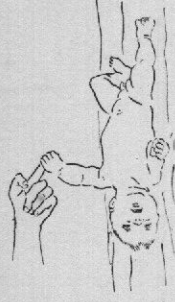
Com três anos e meio, a criança começa a interessar-se pelo que há dentro dos brinquedos. Gosta de recortar papéis com figuras diferentes, segue as linhas indicadas e consegue manear com certa facilidade uma tesoura.

É importante dar atenção ao que a criança faz.

Uns rabiscos no papel podem representar alguma coisa para a criança, apesar do adulto não ver nada ali. Quando modela com barro ou massa alguma coisa, está demonstrando ser capaz de fazer algo e merece atenção, porém não elogios em demasia.

Com quatro anos já está numa fase bem social. Gosta de brincar junto com outras crianças; sobe nos muros; usa o velocípede com desenvoltura e sua palavra de ordem é "vamos brincar". É a idade em que as crianças gostam de representar o que vêem; assim brincam de "papai e mamãe", de mocinhos e índios, etc.

§ 2 — Os jogos da 1.ª infância — Deve-se proporcionar à criança todos os meios para que passe grande parte do seu tempo brincando.



*Pequenos exercícios,
benéficos à criança*

A intervenção do adulto no jogo infantil só deve ser admitido quando a própria criança peça ou, então, para ajudá-la a não desistir, caso fique irritada. O adulto deve, então, sugerir soluções para resolver algum problema, mas nunca dar ordens!

É preciso deixar a criança realizar suas experiências, esforçar-se a encontrar soluções para os problemas que aparecem.

A criança necessita de espaço para brincar, e deve, portanto, ficar à vontade.

Não devem os pais também, dar aos filhos, constantemente presentes. Estes só devem ser dados em épocas estabelecidas, como o aniversário ou Natal. A criança muito presenteada não valoriza o que ganha e, provávelmente, se tornará um adulto dispersivo e desorientado.

Deve-se ter sempre em conta que os brinquedos e jogos da 1.ª infância cumprem um papel muito im-

portante na formação, tanto do sensório-motriz, no caso do **ludus de exercício**, como para o desenvolvimento psicológico da criança.

As atividades lúdicas da criança

§ 3 — **Ludus** (vem do latim *ludere*, brincar). No início, o bebê executa movimentos que podemos definir como **ludus de exercício**. São os primeiros movimentos lúdicos, que encerram certa agradabilidade sensório-motriz. Esses movimentos, no princípio, são executados somente com os dedos, pés e mãos, depois, quando a apreensão está mais desenvolvida, quer dizer, quando já “coordenou a visão com o movimento das mãos”, ele começa a brincar com um objeto, passando-o da mão esquerda para a direita e vice-versa. Este é um tipo de exercício necessário para alcançar a coordenação dos movimentos.



Deve-se deixar também a criança ao natural.

Podemos classificar as atividades lúdicas em:

- 1) **ludus de exercício**: que se manifesta nos primeiros movimentos sensório-motrizes como foi acima dito.
- 2) **Ludus de imitação**: também chamado de “representação”, dá-se quando a criança imita uma atividade, por ex.: imita a mãe nos seus gestos e mais tarde nas tarefas domésticas, ou, então, brinca de “faz de conta”, colocando uma almofada no assoalho e fingindo que dorme, etc.
- 3) **Ludus simbólico** (símbolo é o que está em lugar de...); a criança começa a criar símbolos, assim, para ela, um pedaço de madeira representa o gatinho, uma pedra pode ser um soldado, etc.
- 4) **Ludus de regras**: surge quando a criança começa a estabelecer e a obedecer certas regras, criadas por ela. Os brinquedos de grupos sempre obedecem a regras estabelecidas pelas próprias crianças.

Mais tarde se manifesta nos esportes, que é um desenvolvimento do **ludus de regras**.

5) **Ludus construtivo**: desenvolve na criança as faculdades criadoras. Há várias modalidades de se apresentarem: nos brinquedos de areia, argila, barro, massa de modelar, brinquedos de armar, etc. Desenvolve-se da seguinte maneira:

- a) a criança contempla o produto de sua atividade;
- b) embora o resultado seja a princípio apenas consequência casual, torna-se daí por diante objetivo de um uso preconcebido do material;
- c) a criança considera o resultado **acidental obtido** como uma vitória, como algo do qual se sente orgulhosa. Aí desperta a satisfação de realizar, que substitui o **prazer do simples exercício**;
- d) ela adquire interesse pelos materiais e sua atenção se transfere da observação de seus próprios movimentos aos efeitos que é capaz de produzir nos materiais;
- e) a criança, apresenta, ao construir, problemas e soluções de natureza técnica, intelectual ou emocional, semelhantes às do artista. (Artista, aqui, no sentido amplo da palavra).

Manifesta-se, então, a inteligência criadora no **ludus de construção**, onde já existe o prazer de realizar algo novo, substituindo o prazer do simples exercício e também da simples imitação.

Vemos então que, no início, é uma simples atividade funcional, prazerosa, um simples exercício, que vai transformando-se em **ludus de imitação**, em **ludus simbólico**, em **ludus de regras** e, finalmente, em **ludus construtivo**.

No **ludus de construção**, há uma cooperação do **ludus de exercício** com o **ludus simbólico** e o de **imitação**.

O **ludus** é uma atividade que constitui o tipo fundamental de ocupação da criança normal. Precisamos observá-lo com muita atenção.

Observando como se desenvolvem essas cinco modalidades das atividades lúdicas da criança, que vai do ludus de exercício, o primeiro a se manifestar, até ao ludus de regras, a mãe pode muito auxiliar o bebê para que todas elas se processem com regularidade e normalmente, sem exageros e, sim, com equilíbrio, o que ajudará muito a formação psicológica da criança.

16.º CAPÍTULO

A formação da linguagem

No capítulo "A criança aos 18 meses", vimos que ela já é capaz de repetir algumas palavras e que seu cabedal linguístico desenvolve-se rapidamente. Entretanto, para chegar a tal ponto, um longo caminho foi percorrido e outro maior ainda a espera.

Se bem observarmos, veremos que, desde o 2.º mês, o bebê começa a emitir sons laringeos. Estes sons irão só mais tarde adquirir a forma silábica. São emitidos, em geral, conjuntamente, com movimentos de pés e braços, que são completamente desordenados.

Depois do 6.º mês emite em maior número, como se com isto estivesse exercitando a sua pequenina garganta. Já diz mã-má-má, tá-tá, lá-lá, dá-dá, etc. Estes sons antecedem a linguagem verbal que irá, só mais tarde, processar-se. Muitos estudiosos admitem que só existe uma linguagem verbal quando fôr atribuído a cada um destes sons um objeto do mundo exterior, objeto este atribuído pelos que o rodeiam.

É depois do 6.º mês que as reações sociais adquirem um maior desenvolvimento no lactente. Assim ele sabe que, provocando certos ruídos, solicita a presença da mãe ou de outro familiar. É comum ouvirem-se gritos de choro e ao aproximar-se alguém, cessarem bruscamente. O bebê usa deste meio para obter o que deseja, como ser levado nos braços, para lhe mudarem as fraldas, etc.

PUERICULTURA

O bebê, quando atinge um ano, já tem à sua disposição maior número de palavras. Com 2 anos, tem necessidade de exercer suas aptidões vocais, repetindo o nome de certos objetos, liga as palavras às ações e vice-versa.

O vocabulário varia muito em dimensão. Passa de uma meia dúzia de palavras a uma centena, e aos três anos chegará, então, a uma verdadeira floração verbal.

17.º CAPÍTULO

Conselhos úteis aos pais

Muitos pais preocupam-se excessivamente, enquanto outros não dão a devida atenção aos problemas apresentados pelos filhos. Naturalmente, e levados pelo bom senso, somos contra os dois extremos, sendo necessária uma posição equidistante dos dois polos. O desenvolvimento da criança será afetado, tanto pelo excesso como pela falta de atenção e carinho.

Esta preocupação é relativa, tanto quanto ao desenvolvimento físico como ao psicológico, pois é preciso proporcionar à criança os elementos necessários, para que se desenvolva normalmente.

Aconselhamos às mães que não se sentem capazes de, por meio da leitura de livros especializados ou através de conhecimentos obtidos na prática familiar, podem atender, como é de desejar, os seus filhos, que sigam um Curso de Puericultura, que possibilite um conhecimento mais seguro e mais completo quanto aos primeiros cuidados necessários ao recém-nascido.

Outros pais têm o hábito de consultar o pediatra nas menores coisas do bebê, solicitando, constantemente, os cuidados dêste. Isto é completamente desnecessário, desde que não se trate de algo grave, pois muitas pequenas coisas podem ser solucionadas, agindo-se com bom senso e atenção.

Muitos dêstes conselhos, que damos abaixo, ajudam, em certo sentido, a jovem mãe, são êles:

— sempre que deitar o bebê, coloque-o de lado para evitar que sofra de regurgitações ou asfixia. A posição deitada de costas não é aconselhável para o bebê de poucos meses. Mude constantemente de lado para que não haja deformação craneana.

— Não dê alimentos durante a noite para o bebê com mais de 6 meses, a não ser que mantenha o hábito da mamadeira da madrugada, que deve ser abolida após o 3.º mês, e para alguns pediatras já no 2.º.



O BERREIRO

uma manifestação afirmativa que não deve ser mal considerada pelos pais.

— Não permita que seu filho leve à boca tudo o que segure. Não deixe objetos pontiagudos ou com arestas perto de suas mãos.

— Não deixe na cama ou no berço do seu filho, fitas, brinquedos pendurados, mosquitoireiro, principalmente quando fica sozinho, pois muitos bebês, ao revirem-se, podem machucar-se com tais objetos.

— A moleira, sobre a qual dizem tantas coisas, não é um ponto tão fraco, ela é uma membrana bem resistente. Quanto ao fato de não ser lavada no 1.º mês, não é aceito pelos pediatras, pois pode ser lavada até diariamente na hora do banho e esta é uma medida higiênica.

— Os dentes, ao romperem, podem ocasionar certas perturbações no bebê. Em geral, são variadas e não são obrigatórias a todas as crianças. Assim muitas delas terão febre, um pouco de diarreia, res-

friado, agitação. A dentição é um processo que tem a longa duração de seis anos, pois após a dentição de leite (1.ª dentição), vem a 2.ª, que é a definitiva.

— O choro, como já vimos, pode ter diversas causas. Entretanto, caso o bebê chore muito, deve-se procurar ver qual a causa, mas, de qualquer forma, o choro não prejudica a saúde de um bebê.

— A época de uma criança andar é aos 10 meses, mas são raros os que ao atingir esta fase dão os primeiros passos. Em média, andam entre os 12 e 15 meses. Caso demore além dos 15 meses, não deve ser motivo de preocupação para os pais.

— O fato do bebê ficar de pé muito cedo não é a causa das pernas arqueadas. Isto se deve a um raquitismo, que deve ser tratado, segundo conselho médico.

— A época de tirar as fraldas, dependerá do hábito de realizar as micções no urinol. Caso a criança não tenha sido levada a aprender antes dos 12 meses, geralmente levará muito mais tempo, pois só o conseguirá aos 2 anos. Em geral, as meninas urinam menos que os meninos.

PUERPÉRIO (complicações) — Durante este período, podem ocorrer várias complicações. As mais comuns são: febre puerperal; mastite ou inflamação dos seios; pielite ou infecção da parte superior do canal condutor da urina dos rins para a bexiga; anemia, etc.

1) Febre puerperal: causada por micróbios, que infectam os órgãos reprodutores femininos, durante ou após o parto. As medidas preventivas são: supressão do exame pélvico, sem o cuidado necessário, o uso de união sexual durante o último período da gravidez, que possibilita a entrada de germes na vagina, prontos para a infecção durante o parto ou puerpério.

2) Mastite ou inflamação do seio: ocorre com frequência durante o período do puerpério. A inflamação surge semanas após o parto. Em geral apresenta-se com uma febre repentina nos seios. A pele toma uma coloração vermelha e arde. Caso não desapareça dentro de 48 horas, o abcesso pode transformar-se em mastite supurativa. Neste caso, convém o cuidado médico, e o bebê tem de ser desmamado.

3) Pielite: infecção microbiana no aparelho urinário após o parto. A hemorragia excessiva não é normal. Em geral, o corrimento demora de 10 a 14 dias após o parto. Caso aumente de intensidade após a primeira semana, deve ser feito um tratamento.

4) Anemia: é muito comum devido à perda de sangue. Em geral, nos casos mais agudos faz-se uma transfusão de sangue. Há remédios juntamente com fortificantes e uma boa alimentação, que podem resolver, neste período, caso ela não seja muito profunda.

PURGANTES — Vide Laxantes.

PUS — Vide Abscessos, Furúnculos.

Q e R

QUEDAS — Vide Puericultura — 10.º cap., § 18.

QUEIMADURAS — Vide Puericultura — 10.º cap., § 19.

RÁDIO E TELEVISÃO — Esses instrumentos do progresso moderno penetraram, definitivamente, nos lares e têm um papel de máxima importância na educação e na formação da personalidade infantil. Por muito cuidadosos que sejam tais programas, orientados por pedagogos, não atuam igualmente nas crianças, devido às diferenças de temperamento. Certos filmes de violência, para exemplificar, atuam de modo a provocar nas crianças, sonhos que se constituem em verdadeiros pesadelos. Por outro lado, as irradiações das emissoras, que podem ser mais facilmente controladas pelas crianças, são ainda mais perigosas. Não é possível impedir que tais emissoras irradie programas para adultos, que não são aptos para crianças, o que torna tais processos verdadeiros problemas para a educação. Em países como o nosso, em que tais meios se tornaram meramente mercantis, não é de admirar que os programas não primem pela conveniência, porque a rádio emissão e a televisão, que seriam meios poderosos e eficientes de cultura, transformam-se em meios de ganho, e para obter maior ganho é mister afagar os pruridos nem sempre superiores dos ouvintes, que mais preferem o que lhes é agradável, do que o que lhes seria imensamente mais benéfico.

RAIOS X — Os raios X são necessários para estabelecer um perfeito diagnóstico em algumas enfermidades internas. É muito usado atualmente.

RAIVA — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 14.

REAÇÕES — Vide **Introdução**.

REAJUSTE SEXUAL — Vide **Sexual (educação)**.

RECÉM-NASCIDO — (Primeiros dias) — Vide **Puericultura** — cap. 3.º, § 1.

RECHAÇO DA CRIANÇA (Vide Abandono) — O rechaço pode considerar-se como toda ação ou omissão dos pais consistente em uma atitude negativa em relação aos filhos. Assim são espécies de **rechaço**, e também de **abandono**, o descuido pelos filhos, o desatendimento, a separação da mãe, a entrega excessiva da criança a pessoas estranhas, a entrega a institutos, reformatórios, pensionatos, escolas para infantes ou colônias, interrupções da lactância em tempo indevido e sem causa justificada, a falta de carinho, os maus tratamentos físicos e mentais, as críticas constantes, as recriações infundadas, a humilhação na presença de estranhos, o ridículo, comparações desfavoráveis com outras crianças, o desinteresse pelo que a criança quer conversar, ausência constante do pai, que quase nunca está em casa etc. Essas manifestações podem surgir ou de incapacidade dos pais, por causas psicológicas, que devem ser estudadas (e, neste caso, os pais devem ser passíveis de exame e de tratamento), ou por ignorância no modo de educar e, então, devem ser advertidos dos seus erros pelos meios educacionais que dispomos (educação de pais, livros de puericultura, conselhos dos professores etc.), com apoio dos meios de publicidade. Deve-se, porém, considerar que tais manifestações de rechaço são graves quando habituais, não quando raras.

As consequências do rechaço e do abandono por parte da criança, em regra geral, são as seguintes: primeiramente, tenta chamar a atenção dos pais para si, reclamando por gestos, atitudes, gritos, choros, gemidos a atenção materna, com o intuito de atrair a atenção e receber o carinho desejado. Não obtendo êxito, lança-se na **agressividade** (vide), e tende a cair em desequilíbrios emocionais, em instabilidade e variações temperamentais graves, provocando, ora a inquietação, ora a hiperatividade, que é própria das crianças que sofrem abandono e rechaço. Em casos graves, em que os pais manifestam anormalidade, de-

vem estes ser objeto de estudo por especialistas, pois é possível auxiliá-los a mudar de atitude.

RECOMPENSA — **Recompensa e Castigo** formam os dois pólos de uma antinomia pedagógica de máxima importância. Se partimos de que cada um deve cumprir o seu dever e ser castigado quando erra, ou se partimos de que cada um deve ser recompensado quando cumpre o seu dever, e desprezado quando erra, tomamos duas posições antagônicas, e de grande importância na pedagogia, sobre as quais desejamos tratar. A observação mais cuidadosa revela que a recompensa psicológica (quando não é mera adulação) tem um poder extraordinário, não só entre os adultos, como, sobretudo, nas crianças. Um sorriso de aprovação, um gesto de apoio, uma palavra de louvor ao ato praticado (nunca esquecer que deve ser ao ato) têm um poder extraordinário, e levam a criança (anelante de **prestígio social**, como todo ser humano) à repetição dos atos louváveis, porque foram louvados. A recompensa em moeda não é aconselhável, por ter as características do suborno, e facilitar a criação de um espírito de suborno, que infesta, infelizmente, a nossa sociedade. Contudo, tal não implica que os pais não aumentem a mesada de seus filhos à proporção que cumprem rigorosamente os seus deveres, mas deverão fazê-lo de modo complementar, nunca de modo principal. Também presentes dados devem ser condicionados de modo indireto e não direto. O que deve ser dado diretamente é a aprovação psicológica em termos medidos e graves. Se a mãe deseja que o filho tenha o hábito de lavar os dentes, deve acompanhá-lo em suas primeiras operações, e manifestar sua apreciação, aprovação e agrado.

A boa ação deve sempre ser comentada e louvada. Em nossa época, faz-se o contrário. Falsos moralistas dizem que quem cumpre seu dever não merece louvor. E então, quem merece louvor? Se jornais, rádios, revistas e todos os meios de publicidade dão excessiva importância aos atos antissociais, aos delinquentes, aos heróis baratos de nossa época, como parecer aos olhos inexpertos da criança o valor das boas ações, se elas são relegadas a um plano secundário. Se se levantam louvores exagerados, e quase totais, a um indivíduo qualquer, porque sabe dar bons pontapés numa bola, e não se ergue o lou-

vor que merece um Mauá, um Santos Dumont, um Vital Brasil, um Rui, que pretendemos realizar, que esperamos do futuro de nossas crianças?

Faça-se notar à criança que ao ser premiada, recompensada, se faz por sua boa ação, e não por que a criança é boa, para que ela ligue um esquema de valor aos atos louváveis. É mister que a criança saiba porque é recompensada, para que ela dê valor também ao que faz.

RECONHECIMENTO — As normas e os processos para o reconhecimento oficial de escolas particulares são reguladas por lei, a qual estabelece tudo quanto é mister para que tal reconhecimento se efetue.

RECREAÇÃO — Vide **Divertimento**.

REFLEXOS — Vide **Introdução**.

REGRAS E REGULAMENTOS — Vide **Disciplina e Independência**.

Se compararmos os métodos modernos de pedagogia e a maneira de se comportarem os pais em relação aos filhos, nota-se, desde logo, que se abrandaram de modo intenso as regras e dispositivos que se estabeleciam não só nos lares, como nas escolas quanto à criança. Sem dúvida que, em certas épocas, houve exageros. Contudo, afastar-se completamente das regras e de uma disciplina que contenha certa rigidez, não é aconselhável, porque a liberdade humana não se exercita propriamente pelo afrouxamento das normas de conduta, mas, sim, pelo desenvolvimento mental, que permite dar assistência intelectual, assistência da razão aos impetos do querer, ministrando à vontade uma plena cognição dos fins justos, do que é realmente benéfico.

É mister que os pais e mestres compreendam que não se deve afrouxar a disciplina de tal modo que se permita à criança realizar o que lhe dá na mente, pois, pensando-se que se evitam frustrações, criam-se, ao inverso, indivíduos sem responsabilidade e sem a circunspeção necessária, de modo que, amanhã, ante os erros que cometerem, acusarão mais aos outros que a si mesmos a responsabilidade do que praticam. Uma disciplina consciente é a ideal, aquela em que a parte disciplinada sabe e reconhece porque deve res-

peitar as regras estabelecidas. Mas essa disciplina custa a ser imposta à criança, porque nem sempre compreende ela as razões dos adultos. Convém que tudo se faça para conseguir alcançar essa consciência, tão necessária para a segurança emocional da criança e para dar-lhe a satisfação também do dever cumprido.

REGRESSO (horas de) — O problema do regresso à casa à noite é um problema para o adolescente. Na maioria das vezes, o adolescente julga-se com direito de voltar tarde, já que se encontra numa reunião ou festa que o impede de sair cedo. Os pais, por sua vez, sentem-se intranquillos quando os filhos estão fora de casa às altas horas. A melhor atitude é procurar estabelecer um acôrdo de mútua compreensão. Nenhuma hora pode ser boa ou má. Depende das ocasiões. Por ex.: exame ou festas de fim de ano são ocasiões que diferem das normais, e convém dar-lhes maior elasticidade. Normalmente, o horário deve ser fixado de forma que o adolescente tenha suas horas de sono, e mantenha-se junto à família nas horas das refeições.

REGURGITAR — Vide **Vômitos**, em **Puericultura**.

RELIGIÃO — Vide **Educação religiosa**.

REMÉDIOS (Administração de) — Quando se tem de administrar um remédio a uma criança, deve-se tomar uma atitude serena e firme. Não se deve comentar, nem fazer uma "pregação", pois de nada adiantará. Nos remédios de gosto amargo, pode-se juntar um pouco de açúcar e água. Não é prudente misturar remédios "ruins" a sucos de frutas, ou outro tipo de alimento essencial, pois a criança poderá repudiá-los mais tarde ao associar o gosto do remédio com o alimento.

Deve-se ter sempre presente estes três conselhos:

- 1) Não administrar nenhum remédio sem ter sido aconselhado antes pelo médico.
- 2) Não dar um remédio prescrito pelo médico para uma doença, no caso da criança voltar a ter os mesmos sintomas (que parecem ser iguais). É preciso fazer uma nova consulta.
- 3) Não dar um remédio que tenha sido guardado por muito tempo, porque muitos se decompõem.

REMÉDIOS MODERNOS — Entre os remédios mais usados, temos os **antibióticos**, cujas propriedades são de grande efetividade na maioria dos casos. Os antibióticos são substâncias preparadas com diversos **humus**, que impedem o desenvolvimento de algumas classes de bactérias patológicas. A mais conhecida é a **penicilina**, assim chamada pelo **humus** verde do qual é obtida, **penicillium notatum**. Ela é efetiva na pneumonia e no tratamento de outras bactérias "esféricas". Vários outros antibióticos têm grande aceitação como: a estreptomina, a aureomicina, a terramicina, etc.

Os antibióticos devem ser usados sob controle médico, tanto o tipo de antibiótico, como a quantidade de necessária.

Os **antiistamínicos** constituem um grupo de vários compostos químicos, destinados a combater uma reação excessiva do organismo. Os médicos os prescrevem no tratamento dos resfriados, alergias e outros transtornos.

As **sulfamidas** abrangem um grande número de compostos químicos.

Todos os indivíduos reagem diferentemente a estas drogas, e grande número de pessoas é alérgico a elas.

REPARTIR AS COISAS — Uma das palavras mais frequentemente usadas pela criança é a palavra: "meu"! Com o tempo, começa a usar "nosso". Desta forma, ela começa a repartir e dar o que tem.

Um dos melhores e mais frequentes exemplos que terá a criança, é o dos pais. A atitude destes influirá de forma bem decisiva em sua atuação. Assim a criança, que vê os pais repartirem entre si certos objetos caseiros, tem um exemplo evidente e será mais fácil que ela aceite esta atitude como sua.

Somente entre os três e quatro anos, é que se formará a verdadeira concepção de repartir as coisas. A criança aprende, então, a pouco e pouco, que lhe devolverão os seus brinquedos, depois que tenha brincado com eles, e da mesma forma se divertirá brincando com os brinquedos dos outros, que não são seus.

Há crianças que se agarram aos seus brinquedos, e não querem repartí-los com outras. Não se deve forçar com excesso para que o faça e, sim, falando-lhes e mostrando-lhes exemplos é que se conseguirá que, a pouco e pouco, o faça.

REPRESENTAÇÕES — A criança brinca de representar, e isto é uma forma de aprendizagem. Revivendo suas experiências, ela familiariza-se com o mundo que a rodeia. Assim, quando ela "pretende" ser um cachorro ou um trem, subconscientemente ajuda-se a não temer tais seres.

As representações são uma forma de estabelecer contacto social com outras crianças. Além disto, para a criança é uma forma de expressar sentimentos, e até, em certo sentido, satisfazer as suas necessidades emotivas. Assim as atitudes de violência e hostilidade são um desafio, e servem muitas vezes, para diminuir a tensão.

A criança representa já antes de que fale, quando imita o cachorro, o gato, etc.

REPRESSÃO — São muito comuns os processos repressivos da memória, no referente ao que é desagradável, ao que traz consigo algum esquema de culpabilidade. Não só esquecemos normalmente fatos passados de pequena importância, como temos tendência a esquecer também o que nos é desagradável ou hostil. Estas representações passam a ser tema de estudos acurados dos psicólogos em profundidade, que examinam a alma humana, e muitos deles nos explicam certa conduta dos adultos. A **hostilidade** (vide) que a criança às vezes dirige a um companheiro ou ao mestre é uma manifestação de hostilidade aos pais, que é reprimida quanto a estes, por que a criança sabe que deles precisa e os quer bem, mas como o ímpeto é muito poderoso, dirige-o, então, sem consciência clara, a alguma coisa ou a alguém, que não lhe merece a mesma estima, o que lhes dá um sentimento atenuado de culpa. O conhecimento por parte do adulto de certos atos de hostilidade, como consequência de desvios de uma hostilidade proveniente de algum ato desagradável do seu passado infantil, muito poderá auxiliar para dominar seus sentimentos e até vencer certas manifestações de hostilidade, que não gostaria de ter.

REPRIMENDAS — A criança, que naturalmente gosta de seus pais, não se ofende nem lhe causa mal as reprimendas que recebe, quando pratica alguma coisa que não deveria fazer. Mas quando essas reprimendas são constantes e mais servem para aliviar o estado de tensão dos pais, podem ser o germen de transtornos emocionais graves. Uma constante reprimenda não produz os efeitos desejados. Se a criança perdura em oferecer motivos para reiteradas reprimendas, é preferível examinar as causas dos seus atos, a prosseguir com as mesmas, pelas inconveniências que oferecem. Examinem os pais a criança, quando ela faz reprimendas constantes às suas bonecas ou às coisas. Verá nelas uma repetição das que os pais fazem. É preferível explicar sempre à criança as razões (naturalmente razões que possam ser entendidas), para evitar o que faz. Quando uma criança se nega a ouvir as reprimendas dos pais, é que uma barreira já se formou entre ela e eles. É preferível, então, ouvir a criança, conversar com ela sobre as travessuras que faz com uma severidade tranqüila, e sugerir, com habilidade, as modificações que se impõe. Certamente obterá melhor êxito. Vide **Disciplina, Aceitação, Tensão**.

REPRODUÇÃO — A vida de um novo ser começa quando uma célula masculina (espermatozóide) se une a uma célula feminina (óvulo). Esta união se chama "concepção" ou "fecundação". O ser humano embrionário cresce durante mais ou menos nove meses, quando ao cabo deste período está pronto para nascer.

RESERVA — Muitas vezes a criança deseja conservar alguma coisa em segredo, e os pais podem notar facilmente tais coisas (Vide **Independência, Autoconfiança, Modéstia**). Dos cinco anos em diante, gosta de manter certa reserva sobre sua vida. Não gosta que a mãe a interrompa quando brinca com outras crianças em seu quarto, e também, quando adolescente, gosta de fechar a porta do seu quarto, ou guardar em esconderijos as coisas, que não deseja que outros delas participem. Os pais gostam de intrrometer-se na vida dos filhos e o fazem com boas intenções. Quando vêem o filho de mau humor, desejam cooperar em seu benefício, sobretudo a mãe quanto à filha ensimesmada ou preocupada. Nunca se deve ler o que ela escreve secretamente, e muito menos tentar ouvir, dis-

simuladamente, o que ela conversa com amigas, nem remexer, sem licença dos filhos, as coisas que guarda com intimidade. Se isso fôr feito e percebido, um grande caminho se perdeu, e pode ser o início de conflitos que levam a consequências inconvenientes, que podem ser evitadas, quando se procede com mais habilidade e inteligência. Em primeiro lugar, os pais devem ser bons amigos dos filhos. Não basta, porém, desejar ser, é preciso que realmente se seja. Quando a criança quer fazer confidências, devem os pais ouvi-las, e por mais graves que sejam, não devem escandalizar-se de modo acentuado, nem tampouco lançar reprimendas desde logo, antes de ouvir tudo, e meditar bem sobre o que lhes contam. Devem proceder como um verdadeiro amigo procederia. Este conselho é fundamental e benéfico. Devem os pais auxiliar a independência dos filhos, e, para tanto, têm de proceder mais como amigos experientes do que como pais. A independência individual é uma necessidade do ser humano, na qual se funda um direito e uma obrigação. Devem os pais mostrar sua confiança nos filhos para poderem merecer a confiança dos mesmos. Só como amigos poderão auxiliar os filhos a saírem do "mau passo" em que se encontram, e que, em regra geral, não é tão grave como eles julgam.

RESFRIADOS — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 11.

RESPEITO — Não há, no lar moderno, a mesma severidade e rigidez dos tempos passados. Observam-se crianças que tratam os pais e avós pelo nome próprio, o que parece uma manifestação de falta de respeito. Note-se, porém, que as crianças respeitam muito mais a adultos que tratam pelo seu nome do que aqueles que usam qualquer formalidade. Temos que reconhecer que houve profundas modificações no modo de proceder do homem moderno, em relação ao homem do passado. É comum mesmo notarem-se crianças fazerem observações impertinentes dos pais e de outros adultos, na presença dos mesmos. Tal se deve ao fato destes não exercerem uma pressão que os atemorize, como se observava no passado. Como consequência positiva, as crianças tornam-se mais sinceras. Contudo, há transbordamento dos limites, sobretudo quando as crianças fazem observações injustas. Neste caso, os pais, em vez de uma reação

violenta, devem mostrar a sua desaprovção, e que a atitude é inconveniente, sem fundamento, o que não pode ser tolerado. Sobretudo mostra que é uma manifestação infantil, o que levará logo a criança a procurar evitá-la, já que, por seu anseio de prestígio, não quer parecer infantil. O que não devem os pais esquecer é que o respeito que podem merecer dependerá, sobretudo, do modo como se portam em relação aos avós e a outros adultos. Se desrespeitam a estes, provocarão o desrespeito por parte dos filhos. Nunca devem ridicularizar a criança nem desmerecer o que ela faz, nem rir-se do seu vocabulário, e também dos primeiros pruridos filosóficos do adolescente. Regra fundamental: respeitar para ser respeitado; conceder a cada um, segundo a idade, o respeito que merece.

RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 24.

RESPONSABILIDADE — É produto de um longo processo contínuo e gradual a aquisição do sentido da responsabilidade. A criança considerará a responsabilidade que tem em relação aos pais, à família e à sociedade, através de um progresso lento. O filho, que vê os pais cumprirem regularmente as suas obrigações, sem se queixarem, se sentirá disposto a realizar as suas. O jovem, o adolescente, que observam a maneira correta e responsável com que o pai trata de um problema político, tenderá, quando maior, a tratar, também, com semelhante respeito. Um dos temas mais complexos consiste em saberem os pais quando devem exigir dos filhos o nítido sentido de responsabilidade. Se há vários filhos, empreste-se ao maior a responsabilidade de cuidar dos menores, e fazer ver a ele que deve servir de exemplo. Mostrar ao adolescente que ser o aluno número um não só é obtido pelo prestígio, mas, também, pela aplicação. Um dos caminhos mais seguros para dar o sentido da responsabilidade é o da disciplina (vide).

RESENTIMENTO — Os sentimentos de indignação, ira, ultraje, etc., se agrupam no termo "ressentimento". A criança passa, dependendo das fases, por estes sentimentos com maior ou menor força.

Uma criança pequena pode ressentir-se profundamente pela mais leve observação, esquecimento ou

proibição, o que significará, indubitavelmente, que necessita que lhe seja dada maior atenção. Cabe aos pais prestar atenção a estes estados, procurando ver os motivos de tais atitudes e procurando, na medida do possível, anulá-los.

RETRAÍDO DE BASE — Vide **Temperamento**.

RETRAÍDO FRONTAL — Vide **Temperamento**.

RETRAÍDO LATERAL — Vide **Temperamento**.

RETROCESSOS — Verificam-se facilmente, nas crianças, manifestações de recuo a fazes do desenvolvimento infantil já ultrapassado, como o abandono da colher, para comer com os dedos, urinar na cama. Com grande surpresa dos pais o adolescente retorna a hábitos infantis, chorando por qualquer coisa. Esses retrocessos têm sempre uma razão. A chegada de um novo irmão faz o mais velho tomar atitudes de bebê. Há retrocessos que são normais, pois, em seguida dão-se passos à frente, na evolução. Na maioria dos casos, esses retrocessos são passageiros, e não devem alarmar os pais, pois passarão mais rapidamente se os pais não demonstrarem preocupação alguma por eles, salvo nos casos mais graves, em que é conveniente procurar o auxílio de pessoas mais competentes.

REVISTAS E JORNAIS — Vide "Histórias de quadinhos".

Eis um dos temas que mais devem preocupar aos pais e pedagogos nos dias que correm: a leitura sã para as crianças. O mercado de revistas e jornais está invadido de algumas revistinhas infantis boas, muitas ruins e inúmeras péssimas, que mais contribuem para a má formação moral e mental da criança do que a constroem. Devem os pais manter o maior cuidado neste ponto e orientarem-se pelos mestres, pedindo-lhes que lhes aconselhem as revistas que devem dar aos filhos para lerem ou apenas para manusearem.

RITMO — O emprego do ritmo na educação era uma prática usada na paideia grega e, modernamente, passou a interessar vivamente os pedagogos. A palavra ritmo vem do grego *rythmós*, do verbo *rheô*, que significa fluir. Platão define-o como "a expressão da or-

dem e da simetria que, através do corpo, penetra na alma e em todo o ser, revelando-lhe a harmonia de sua personalidade total". E comentava ainda: "...o que associa a música com a ginástica nas proporções justas, e as adequa melhor à alma, pode, com justiça, considerar-se verdadeiro músico e harmonista, num sentido muito mais elevado que o de um mero tocador de cordas". É hoje matéria pacífica, na pedagogia, a educação rítmica. A eurtímia na educação moderna é importante, como o fôra para os gregos, pois há ritmo em toda a natureza, além de servir de instrumento importante na integração da personalidade. O uso do ritmo, da dança infantil (vide **Dança**) têm efeitos benéficos e estimulantes. São de valor para o desenvolvimento das atividades musculares, do sentido da direção para alcançar um fim construtivo, desenvolve o controle motor, estabelece normas de economia no dispêndio físico, estimula as relações sociais entre as crianças, desenvolve a autoconfiança e a disciplina, estimula a expressão coordenada dos sentimentos, e inculca a apreciação artística, pois prepara a criança a ser capaz não só de apreciar as realizações estéticas como de realizá-las por sua vez. Ademais, facilita a descoberta de vocações e de talentos ocultos.

RIVALIDADE FRATERNA — Vide **Ciumes**. Quando se manifesta entre irmãos, tende a criar um clima de hostilidade do maior para com o menor, o desejo de reviver as vantagens que perdeu, a exigência de atenções paternais e, também, certas regressões à idade menor, comuns de se observarem em tais casos. Ademais a criança, conciente dessa situação, sentindo que há certa hostilidade para com ela, tende a desenvolver um sentimento de culpabilidade e a manifestar temores exagerados, e a exigir práticas de bebê, como querer fraldas, mamar, praticar como bebê as suas necessidades, etc.

Tais fatos não assumem tanta gravidade, como em geral julgam os pais. E há caminhos e métodos fáceis de evitar as consequências más que possam daí decorrer. Deve sempre o pai reconhecer que o filho deve ser considerado e tratado segundo a sua idade, e não deve, de modo algum, deixar o primogênito abandonado, rechaçado, atendendo-o no que lhe é próprio da idade, salientando-lhe bem esses as-

petos. Antes do nascimento do novo filho, deve preparar a mente do primogênito, e ao nascer este, salientar o estado de inferioridade e de auxílio que merece, pedindo a colaboração do maiorzinho. Nunca esqueçam os pais que esses ciumes são naturais, e não devem angustiar-se por eles, se se manifestam.

Nunca os pais devem pôr de lado o maior, negando-lhe atenção e carinho, ou diminuindo estes. Nos casos mais graves, a mãe não deve amamentar o menor na frente do maior. Este deve ser levado à parte, e se fôr possível, pode o pai, neste caso, dar-lhe a máxima atenção e carinho, brincando com ele, despertando-lhe o interesse para outras atividades, enquanto a mãe, à parte, pode atender o seu dever. (Vide **Agressividade**).

RIXAS — As rixas entre as crianças, quando pequenas, são passageiras e não deixam marcas de desgosto, nem de ressentimentos. Contudo, quando já atingiram a idade da razão, guardam um desgosto, que pode prolongar-se às vezes pela vida toda. As crianças pequenas dão menos golpes e proferem mais injúrias; o inverso se dá nos maiores. São mais comuns as rixas entre crianças menores, e mais raras entre os maiores, mesmo por que já assumem, aqui, certa gravidade, porque, na idade da razão, já há regras, normas de lealdade. Realmente, as rixas são mais comuns entre os varões que entre as meninas, e isso se deve ao papel ativo que aquêle tende a desempenhar. Nas crianças menores, as rixas surgem sobre a posse de objetos, brinquedos, e também à proporção que surge a noção mais nítida da propriedade. As crianças rechaçadas no lar revelam maior agressividade e as observações também mostram que há maior número de contendas, onde há um regime mais severo por parte dos adultos. A intervenção destes, em vez de aminorar as disputas, podem agravá-las, quando essa intervenção é mal orientada. Muitas vezes os adultos estimulam os meninos às lutas, chamando de marquinhas os que não desejam lançar mão das mesmas. Por outro lado, é um erro daqueles adultos, que se colocam do lado dos que evitam o conflito, ou melhor que se negam a lutar, faltando muitas vezes à equidade, que deve predominar. O triunfo, numa luta, aumenta muito a auto-confiança, o que não se deve desprezar. Contudo, pode-se apelar para o ca-

valheirismo do maior para não exercer a sua força sobre o menor. Contudo não se deve exagerar, pois é conveniente de certo modo que haja dessas disputas entre as crianças, que se tornam graves quando são crônicas, e quando revelam origens na agressividade, provocada por desequilíbrios emocionais. Os seres humanos devem ser aptos a disputar e os esportes de competição, por exemplo, habilmente aplicados, podem dar ensanchas a resolver conflitos iminentes, sublimando-os através de uma luta de regras, em que o cavalheirismo pode imperar, como numa luta de box. Há os que se opõem a tais práticas. Mas o mestre que consegue convencer os meninos em disputa para que resolvam a sua diferença numa competição esportiva, sem dúvida consegue, pelo menos, transformar a rixa pura e simples numa contenda sublimada, o que já é uma superação louvável, já que é impossível evitá-las totalmente.

RUBÉOLA — Vide Puericultura — 11.º cap., § 8.

S

SADISMO — Os pedagogos modernos dedicam-se seriamente ao estudo do componente sádico. Há diversas teorias para explicar a sua gênese, mas controvertidas e não plenamente satisfatórias. Nas crianças as revelações de crueldade são raras e não tão frequentes como julgam muitos. E o exame dessas manifestações permite-nos concluir que a sua causa está em alguma **frustração** (vide). O menino excessivamente castigado teme enfrentar o adulto, mas desafoga a sua agressividade no menor, ou nas coisas. O que é mister evitar são as explosões de agressividade, impedindo-as pelo afastamento de suas causas. Muitas manifestações de agressividade, como vimos ao analisar esta matéria, podem ser atenuadas pela anulação de suas causas, como, por exemplo, mostrando que é covardia o mais forte exercer seu poder sobre o mais fraco, ou proporcionar o uso de esportes mais violentos, para permitir o desafogo (catarse) da agressividade, e nos menores, a modelagem, o corte de papéis, etc. Defender ostensivamente o mais fraco, alegando essa situação pode trazer más consequências, por provocar, neste, uma diminuição de sua autoconfiança. As manifestações de agressividade podem ser toleradas até certa intensidade, evitando-se, porém, que atinjam a graus exagerados, podendo os adultos chamar a atenção para as consequências penosas que podem decorrer. O que de modo algum devem os adultos fazer é chamar de sádica a criança que manifesta essa crueldade, mas cooperar com ela para que evite as causas de sua manifestação. Freud anotou que crianças, que observaram o ato sexual entre os pais, julgaram-no uma luta, em que o varão

domina a mulher e que tais espetáculos são propiciadores, posteriormente, de manifestações sádicas. O sadismo é um grave problema para os pedagogos, pois notaram que muitas pessoas, que têm o componente sádico desenvolvido exageradamente, tendem a ocupar cargos de mando e domínio, como alguns buscam o magistério, para poderem, nêle, exercer um poder, quando deveriam ser estimulados por ímpetos mais nobres, ser polícia etc., a fim de poderem exercer um poder sobre os mais débeis. É inútil que- rer tratar as manifestações sádicas por meio de casti- gos. O melhor é desviar esse ímpeto para que se exerça sobre coisas e não sobre pessoas. Vide **Mode- lagem, Agressividade**.

SAPINHO — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 10.

SARAMPO — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 9.

SARNA — Enfermidade contagiosa da pele, causada por um parasita, e que se manifesta por pruridos (cocei- ras), e vesículas. Pode se dar em qualquer parte do corpo, mas com frequência surge nas mãos, ná- degas, abdômen, parte interior dos pés, e no pênis.

A criança, que se queixa de forte comichão, de- ve ser levada a exame médico.

SAÚDE MENTAL — Comparada à saúde corporal é a que se refere à mente normal, não enferma. Há saúde mental, quando há uma vida mental equilibrada e har- mônica, adaptabilidade ao meio ambiente, um domí- nio dêsse meio, uma adaptabilidade à natureza inte- rior e o domínio da mesma; em suma, a mente que é capaz de desenvolver normalmente suas possibili- dades. Assim pessoas que sofrem desordens físicas podem ter, contudo, saúde mental, e vice versa.

SCOUTS — Vide **Escoteiros e Bandeirantes**.

SEDATIVOS — Inclue-se nessa classe todos os medica- mentos ou meios usados para apaziguar, acalmar, minorar ou anular uma dor, ou uma agitação de tipo patológico, e até, em alguns casos, tornar mais len- tos os movimentos de determinados órgãos.

A maioria dêles só pode ser administrada sob prescrição médica. Entre os de tipo caseiro, encon- tra-se uma série de infusões aromáticas à base de ti- lia, malva, e outras muito variadas.

SEGREDO — Vide **Reserva**.

SEIO (Coloção do bebê) — Vide **Puericultura** — 4.º cap., § 3.

SENSIBILIDADE — É variável nas pessoas a reação aos estimulantes exteriores. A criança, nas primeiras se- manas, varia gradativamente aos estimulantes, e va- riam essas reações entre elas, pois umas parecem na- da ouvir de sons, enquanto outras se sobressaltam. O desenvolvimento da esquemática sensível se processa lentamente por acomodações dos esquemas préviamen- te dados, e assimilações e formações de novos es- quemas, o que nos explica a constante modificação da sensibilidade geral. Costumam chamar de supersensi- veis as crianças que choram com facilidade. Propria- mente, não há supersensibilidade, mas apenas é o re- sultado de disposições temperamentais e propriamen- te afectivas, e não da sensibilidade. Há pais que se preocupam por seus filhos mostrarem essa capacida- de emotiva fácil, e alguns que revelam maior acuida- de na dor são apresentados como inadaptáveis à vida, temendo os pais que, em face das dificuldades, sejam facilmente vencidos e malogrem. Ora, a acuidade pa- ra a dor é uma acuidade tátil, e desde Tomás de Aquino se sabe que a capacidade tátil desenvolvida é um sinal de nível mental mais elevado. A criança de maior nível mental, quando adulto, tem mais facilita- de de adaptação à vida e, conseqüentemente, de ven- cer as dificuldades. Não temam, pois os pais, quan- do essa acuidade se dá, salvo se exagerada.

SENTIDO MUSICAL — Desde os primeiros dias de bebê, algumas crianças revelam reações favoráveis aos sons musicais, quando harmônicos. Nos primeiros meses, as mãos podem experimentar a capacidade auditiva de seus filhos, procurando produzir sons agradáveis com campainhas, em cristais, cantar com voz afinada e executar algumas músicas agradáveis para notar as reações infantis. Quando a criança já senta à mesa, pode dar-lhe uma colher com que bata em algum ob- jeto, que produza sons. Quando maiores, não devem dar instrumentos imitativos, que produzam sons de- safinados, mas é preferível dar-lhe aqueles que produ- zam sons normais, como campainhas musicais, xiló- fonos de madeira. Os discos infantis, que relatam histórias, e com músicas agradáveis, que permitam às crianças bailarem, dançarem, marcar ritmos, tudo is-

so ajudará a desenvolver nelas o sentido musical, tão necessário para que depois possam penetrar no mundo maravilhoso da música. A rádio e a televisão podem oferecer programas convenientes, com músicas agradáveis às crianças. Por sua vez, a escola deve adotar um programa musical e de dança para as crianças, concertos infantis, e obter inclusive a cooperação de bandas musicais e orquestras para esse desenvolvimento musical da criança.

SENTIMENTO DE CULPABILIDADE — Desde os primeiros tempos, aprende a criança que há coisas que pode fazer, e coisas que não deve fazer, pois a constante ação dos adultos está presente para indicar-lhe o **sim** e o **não**. Contudo, a criança para a qual a intenção e o ato se confundem muitas vezes, revela um sentimento de culpa ao desejar fazer alguma coisa impedi-la, ou mesmo quando a realiza. Esse sentimento de culpa é perfeitamente normal que haja. Quando, porém, ele permanece e atua como centro de convergência de muitas outras reações infantis, está-se em face de um sentimento profundo de culpabilidade, que pode exercer influência em sua atuação, e até firmar-se de modo a promover reações quando jovem e adulto, e de graves consequências. O sentimento de culpabilidade só é grave quando é perdurante e totalizante, porque exerce, depois, um poder deformador da própria vida e da maneira de concebê-la. É mister, desde pequeno, fazer ver a criança que todos estamos sujeitos ao erro, mas que podemos evitar a repetição, desde que firmemos o propósito de não repeti-los, e cumpramos o compromisso que assumimos. Ademais, nossas más intenções surgem inesperadamente, mas podemos vencê-las, e não permitir que elas se repitam. Este é um caminho para evitar que o sentimento de culpabilidade se torne o centro de convergência de um complexo de culpabilidade. A criança, que viveu num ambiente de compreensão dessa espécie, pode estar apta a não sofrer desse sentimento que é tão prejudicial à vida adulta, quando se fixa no psiquismo. Precisamente, para evitar o complexo de culpabilidade, é que as religiões oferecem o caminho do arrependimento e da oração. O primeiro, por firmar o propósito firme de não tornar a errar, e o segundo para integrar a mente nesse propósito, pois dirigida ao Ser Supremo, ela exalta-se acima de seus limites e de sua fraqueza, e encontra, evi-

dentemente, forças que anteriormente não dispunha. Numa época, como a nossa, em que uma mediocridade intelectual, viciada pelas idéias primárias dos séculos irreligiosos, busca afastar os homens da divindade, para maior desgraça do próprio homem, não é de admirar que o sentimento de culpabilidade se processe com tanta generalidade, e faça ingressar na vida almas destroçadas por esse complexo e que, depois, se sintam culpadas de tudo, e até de si mesmas, infelizes e desesperadas, que aumentam a falange dos desviados, dos rebeldes inconsistentes, dos desesperados, que é o mais triste espetáculo de nossa era.

SENTIMENTO DE INFERIORIDADE — Vide Complexos (complexo de inferioridade) — O sentimento de inferioridade é comum e até normal, e tem sua origem na infância, porque todo ser humano sente, realmente, sua inferioridade. Esse sentimento, porém, toma certa gravidade, quando é intensistamente exagerado, em consequência da atuação de fatores que merecem estudos. Quando, além da notação da inferioridade normal, se lhe junta uma inferioridade componente, como defeitos físicos (paralisia, cegueira, surdez, defeitos físicos graves, debilidade física etc.) assumem uma gravidade, que exige providências especiais. Nenhuma criança pode evitar esse sentimento, o que se pode, porém, evitar é o agravamento mórbido que ele pode provocar. Evita-se esse sentimento, obedecendo-se as seguintes normas:

1) não se deve confiar à criança tarefas superiores às suas forças, ao seu nível mental e ao seu grau de maturação; ao contrário, deve-se-lhe dar oportunidades de realizar o que lhe é proporcionadamente realizável;

2) a criança, que revela sinais do sentimento de inferioridade, deve ser afastada do ambiente daquelas que exercem superioridade sobre ela, e colocada em ambiente de iguais, e até de inferiores, dentro de um equilíbrio mais normal possível;

3) as atividades da criança devem ser endereçadas ao que é mais de seu interesse e de suas possibilidades.

É mister, ao examinar cada caso em particular, que se deem as compensações mais justas, de modo

a evitar os malogros, e que impeçam o agravamento de uma situação que se manifesta de certo modo grave. O sentimento de inferioridade torna-se um complexo de inferioridade, quando este sentimento se torna o termo médio, que análoga toda a vida e atividade da criança, como que exercendo um papel dominante em sua atividade, e coerenciando toda a sua atuação, de modo que tudo quanto faz esteja subordinado a esse sentimento. Quando os casos revelam certa gravidade é aconselhável os conselhos de um pediatra competente ou de um psicólogo capaz.

SENTIMENTO DE INSEGURANÇA — A insegurança na criança pode ser provocada por várias causas. As primeiras são as constitucionais, já que todo ser vivo, por ser finito, é um ser inseguro; as segundas são predisponenciais, surgem do ambiente circunstancial, são provocadas, portanto, pelo ambiente. As primeiras são emergentes ao ser vivo; as segundas, **predisponentes**. O ambiente da criança pode acentuar nela a sua inferioridade, e também torná-la mais insegura do que fisiologicamente se sente. É a insegurança psicológica que nos interessa examinar aqui, porque esta é a fonte dos transtornos emocionais. Há pais que não podem escender que os filhos não eram desejados, o que não é raro, mas frequente, porque há pais que não os desejam normalmente. Outros revelam que não se contentam com o sexo que têm, outros revelam que são economicamente dispendiosos. Nas épocas de depressão econômica, muitas crianças abandonam os lares por se sentirem como um peso no orçamento da família. O sentimento de insegurança se manifesta, sobretudo, nos lares desfeitos pelo divórcio, ou pela falta de um dos pais, ou, ainda, pelo abandono em que alguns deixam os filhos. As dúvidas sobre a sua origem o tornam inseguro, pois há pais que gostam de afirmar que seus filhos não são seus, são engeitados. Às vezes essas afirmações partem de pessoas que cercam a criança, o que lhes cria um sentimento de abandono e, consequentemente, de insegurança. Uma criança, em face de mortes em casa, de enterros frequentes, também pode envolver em si o sentimento de insegurança. A falta também de uma educação sexual equilibrada pode fazer-lhe crer que as coisas do sexo são totalmente vergonhosas, e o seu interesse por elas à proporção que é despertado, também lhe desperta um senti-

mento de inferioridade crescente. A falta de crenças religiosas que lhe equilibrem as emoções pode também propiciar o desenvolvimento desse sentimento de inferioridade. O excessivo apego aos pais, o excesso de mimos, pode também provocar tal sentimento na criança, quando se afasta do lar para ir à escola. Defeitos físicos, pequena estatura, disciplina excessiva e rigorosa, a falta de confiança na honestidade dos pais, na reputação social dos mesmos, podem, por sua vez, alimentar esse sentimento. Sem dúvida, é esse sentimento um tema de maior importância, não só para a pedagogia, como para a psicologia, a sociologia e a filosofia, pois o sentimento de insegurança, que é universal no homem, é a fonte de seu desejo de segurança, de paz, de tranquilidade, de equilíbrio, e pode, também, nos ajudar a compreender muitas das ações humanas históricas ao buscar o poder, a predominância técnica, o progresso econômico etc., pois há em todos os homens, e em todos os povos, esse sentir da insegurança e a excitação a um desejo de segurança que é um anelo do ser humano. Vide **Divórcio e separação**.

SEPARAÇÃO — Vide **Divórcio e separação**.

SEPARAÇÃO DA MÃE — A criança necessita extremamente da mãe, ou de alguém que, cuide dela continuamente.

Quando há enfermidade ou uma ausência muito longa, a mãe deve deixar sempre uma pessoa, preferentemente da família, ou uma pagem, em seu lugar, sobretudo quando vai à Maternidade para ter outro bebê.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL — Organização que abrange várias instituições, mantidas por fundações privadas ou públicas, cuja finalidade é ajudar pessoas e famílias, que não dispõem do suficiente para as despesas e, inclusive, para prestar certos serviços, bem como ministrar regras básicas de higiene, cuidado dos filhos, de enfermos, incapacitados, etc.

SEXO (Determinação do) — A determinação do sexo no embrião se efetua no momento de sua concepção; mas não há forma segura de predizer o sexo antes do nascimento.

Cada óvulo e cada espermatozóide contém 24 cromossomos distintos. Cada célula do corpo contém 24 pares de cromossomos distintos, e em cada par, um provém da mãe e outro do pai. Os cromossomos menores são os chamados "cromossomos do sexo".

SEXUAL (Educação) — Tema geral — Um ponto delicado e importante, para o qual devemos devotar toda nossa atenção é a educação sexual das crianças.

Como dar as primeiras noções e qual a idade aconselhada?

Não se pode afirmar, propriamente, qual o momento preciso para se iniciar a educação sexual, porque depende do desenvolvimento da criança; mas uma regra é imprescindível: as primeiras perguntas da criança, relativas ao sexo, devem ser respondidas com franqueza, com lealdade, sem reticências, nem sorrisos maliciosos.

A criança assimila somente o que a sua idade mental permite, se respondermos com naturalidade, respeitando a ingenuidade que ela revela, não provocaremos estados doentios nem despertaremos curiosidades mórbidas.

A curiosidade da criança é natural, sem malícia e uma explicação clara e verídica a satisfará.

Na fase que decorre dos quatro aos cinco anos, geralmente, é quando o mistério do nascimento começa a chamar-lhe a atenção, e é quando vem a primeira pergunta. Naturalmente, a resposta está condicionada à educação dos pais, mas o esclarecer demasiado com citações científicas, não é aconselhável, como também não o é o excesso de fantasia; não convém também que ela perceba que perturba com a sua curiosidade.

Os esclarecimentos devem ser naturais, sem excessos de explicações e sempre num sentido elevado.

Quando a criança pergunta, é porque já está apta a entender, se o esclarecimento dado respeitar sua idade mental, ela o receberá normalmente. Os seus conhecimentos sobre o sexo devem ser relativos à sua idade.

Há ocasiões em que a criança revela já haver recebido certas informações indiretas das relações se-

xuais, como se já percebesse que são assuntos comensurados com malícia, então, nesse caso, o esclarecimento, que fôr necessário dar, deve ser em linguagem científica, sem reticências, sem alimentar falsos preconceitos, que procuram mascarar o verdadeiro sentido que deve ser dado ao sexo.

O sexo desempenha um papel relevante em nossa vida, e muitos problemas psicológicos, da idade adulta, são provenientes da ausência de educação sexual, ou de nos enraizarmos em preconceitos errôneos e anti-vitais.

Mary T. Whitley diz em seu livro (1) "O conhecimento claro e exato sobre a geração é necessário na infância, a fim de que as crianças tenham um pensamento **são** da matéria. Desta forma, terão mais resistência às diabólicas tentações que as assaltam no caminho".

Não podemos deixar de reconhecer que a criança revela, muitas vezes, curiosidade para o que se refere ao sexo, mas devemos considerar, também, que essa curiosidade é despertada pelos próprios adultos, que conversam descuidadamente na presença dela, julgando, como comumente dizem, que a criança não presta a atenção, mas esquecem que ela percebe e capta o que se passa à sua volta, com muito mais agudeza do que se pensa. E nessas ocasiões, em que parece toda absorvida num brinquedo, sem atender o que se passa ao redor, seus ouvidos podem estar voltados para as conversas que, não poucas vezes, giram em torno de fatos ou anedotas de carácter sexual, comentadas a meia voz.

Jung (2) em um de seus trabalhos sobre a psicologia infantil, após expor várias razões, afirmando a necessidade do esclarecimento sexual da criança, termina com essas palavras: "... valeria mais que as crianças aprendessem certos mistérios importantes da vida, de uma maneira limpa, oportuna, para que não necessitassem ser explicados depois de um modo comumente péssimo por seus companheiros de escola".

(1) «Psicologia da criança».

(2) «Psicologia e educação».

Todos os estudiosos dos problemas educacionais, tanto psicólogos como educadores, aconselham esclarecer a criança na ocasião oportuna, mas, talvez, sejam poucos os pais que saibam qual é a ocasião oportuna, e por isso a educação sexual ainda não é devidamente aplicada.

Podemos classificar como o momento oportuno aquele, no qual, ela faz a primeira pergunta, se a explicação for dada, como já aconselhamos, respeitando o nível de desenvolvimento mental, sem acumular citações científicas ou explicações falsas, ela será a primeira semente, bem lançada, e produzirá seus frutos, pois a criança voltará mais tarde com novas interrogações, às quais se darão novas respostas, mas sempre obedecendo ao mesmo critério; isto é, respeitando a idade mental e a capacidade para entender da criança.

Se as respostas não forem dadas com naturalidade, e as explicações forem falsas, a criança, ao percebê-lo, tornar-se-á desconfiada; não perguntará mais aos pais, e daí por diante vai procurar saber por outras pessoas, e estas nem sempre estão aptas a transmitir-lhe os conhecimentos com a devida honestidade.

O papel da imaginação na educação sexual — Há um aspecto muito discutido na educação sexual: — é a respeito do papel que a imaginação desempenha.

E sobre este ponto, Jung tem uma interessante observação, que nos fará meditar um pouco sobre este tema: "... às vezes interrogo a mim mesmo se a explicação fantasista ou mitológica que a criança, sem dúvida, prefere, não é justamente a que lhe convém; se ela não responderá melhor às suas necessidades do que a científica, indiscutivelmente a verdadeira sobre o ponto de vista dos fatos, mas que corre o risco de cortar todo caminho à imaginação".

Embora Jung afirme a necessidade de elucidar a criança sobre certos "mistérios da vida" de modo claro e "oportuno", confessa, depois, sua dúvida a respeito da possibilidade da explicação científica destruir a imaginação.

Não é nosso desejo transformar os séres humanos em autómatos e, por isso, não podemos desprezar essa faculdade humana tão valiosa; reconhecemos

que a imaginação, assim como pode ser criadora e embelezar a vida, pode, também, dar cores sombrias a tudo o que nos rodeia, tornar-se mórbida e destrutiva. Mas, para evitar que assim se torne, é necessário educá-la, guiá-la, proporcionar meios para que desabroche com toda pujança, estimulá-la para auxiliar o ser humano a alcançar os momentos mais elevados, que são os seus momentos criadores.

Reconhecemos que ela pode tomar uma forma villosa, mas não podemos, por isso, justificar seu aniquilamento.

Há os que defendem que, na educação sexual, não se deve deixar entrar o menor resquício de imaginação. Somente a crua realidade na explicação que se quiser dar à interrogação de uma criança sobre o mistério do nascimento.

Mas os que assim se manifestam são aqueles que só vêem o aspecto negativo da imaginação, e naturalmente uma imaginação desregada traz sérias consequências. Contudo, não devemos esquecer que, sem a imaginação, não avançariamos, não haveria progresso, não surgiriam as grandes descobertas e, portanto, se devemos combater seu aspecto negativo, não podemos concluir que é necessário baní-la, eliminá-la da educação infantil. Precisamos, sim, é guiá-la, desenvolvê-la, e torná-la assim a preciosa auxiliar da inteligência, e do progresso e embelezamento da vida.

E quando aparece o dilema: devemos ou não ressaltar, na criança, a sua jovem imaginação?

Respondemos afirmativamente: devemos; e aqui, como em todo processo educativo, aconselhamos o equilíbrio, o verdadeiro equilíbrio, nem a crua realidade nem a fantasia excessiva.

Despertemos, na criança, a possibilidade de ver a beleza que há no mistério da gestação, desde as plantas aos animais. Elevar o ato sexual, no ser humano, ao sublimado, no que vai além da união de dois corpos, que é a união de duas almas, esse aspecto de fusão de dois séres, no amor, que o animal não poderá ter, pois, nele, será apenas a satisfação de uma necessidade fisiológica, é de nosso dever, mas deve ser proporcionado ao entendimento da criança numa linguagem acessível à sua idade mental.

Evitemos cair nas explicações por demais brutais, como se a união dos sexos fôsse somente a satisfação do instinto sexual; mostremos à ingenua, à pura interrogação infantil esse outro aspeto, que também é realidade (embora muitos o neguem, porque eleva o homem além do animal), que é a beleza revelada na fusão de dois seres que se amam, que têm consciência desse amor, que os une além do simples prazer decorrente da satisfação do instinto.

Sexual-educação (normal gerais) — É comum fazer-se "educação sexual para a criança, partindo das informações anatômicas, isto é, descrevendo o mecanismo da reprodução. Entretanto, a criança fica estupefata ante os pais, quando estes acham bom que ela se interesse pelos pés, pelos braços, pelas coisas do mundo circundante, mas acham mal, quando ela se interessa pelas coisas do sexo. A perplexidade da criança, que não compreende esta tomada de atitude dos pais, corresponde a uma perplexidade destes ante as perguntas da criança, e não é de admirar que se sintam impotentes para responder. É inconveniente ralhar com a criança, quando ela faz tais perguntas. Eles devem ouvir com serena gravidade, de modo a colocá-la no terreno de seriedade. A criança tem direito às informações e o problema consiste na solicitação das mesmas, mas na maneira como devem ser dadas as respostas. Estas não devem ser superiores à inteligência da criança, porque malogriam no seu intento. Para muitos, a tarefa é considerada impossível, e sobre este assunto, psicólogos e psiquiatras devotaram-se afanosamente em contribuir para que o mesmo tenha uma solução feliz. De modo algum a criança compreenderá o sexo do mesmo modo que o compreende o adulto. Portanto, não devem os pais sentir-se angustiados, pois o que a criança vai exigir vai ser relativamente pouco. Deve o pai ter sempre presente o que a criança quer saber, e não o que ela não quer saber. Se a criança pergunta onde vem o bebê, ou onde estava antes de nascer, não devem os pais vacilarem, nem aparentarem desgostos com a pergunta formulada, respondendo simplesmente: "Tu crescestes dentro do corpo de tua mãe. É dentro do corpo das mães que estão as crianças antes de nascer". Esta resposta satisfará, momentaneamente, a criança. Quando elas falam sobre estes assuntos, os pais devem ouvi-las serenamente, com

tranquilidade e seriedade, e meditar bem sobre quanto a criança exige para saber e quanto deverão dar em resposta. A resposta deve ser sucinta e, sobretudo, deve corrigir qualquer informação errada que a criança manifeste ao perguntar. Uma regra pedagógica é de que as respostas devem ser sempre simples e claras e, sobretudo, verdadeiras. Digamos que uma criança vê uma mulher, que espera um bebê, e note o volume do ventre. Se as respostas dizem que ela contém uma criança no ventre, a criança nada perceberá de anormal. Não há necessidade de se fazer nenhum mistério. Se a criança, na idade correspondente, não faz perguntas sobre tal assunto, devem os pais saber que tal é devido ao medo ou timidez. Então, neste caso, devem, cuidadosa e simplesmente, contar-lhe a história do seu nascimento. O que nunca os pais devem manifestar é espanto ante as perguntas chamadas inconvenientes. Se a criança o faz em público devem apenas dizer-lhe: "O assunto vai ser tratado em particular e não fica bem falar em público". Se uma menina pequena vê um menino nu e pergunta: "O que é aquilo?". A resposta deve ser: "Serve para fazer pipi, e o faz de maneira diferente das meninas"... Quando uma criança pronuncia uma palavra grosseira, relacionada ao sexo, devem os pais compreender que ela não dá a intencionalidade do adulto, e não sabe o seu significado. Apenas os pais devem dizer que estas palavras não são aplicadas, e que elas revelam má educação. Não devem, porém, dar uma importância muito grande a tal facto. É natural a curiosidade na criança pelas coisas do corpo. Os pais não devem irritar-se com isto, e fazer a criança compreender. Que devem evitar é a idéia de culpabilidade. Um dos temas mais importantes, sobretudo quanto às crianças de seis anos de idade, que é comum, é o seguinte. Ela descobre uma fonte de prazer no manuseio. Uma série de preconceitos levaram a julgar que estas manifestações são fontes de graves defeitos físicos e fisiológicos. Contudo, os pais devem evitar que tais fatos se deem, não mostrando desgosto, mas aconselhando a evitar com palavras serenas. Cabe aos mestres um grande papel na educação sexual da criança, sobretudo dos adolescentes, já que estes procuram informações sobre tal assunto. É conveniente que antes de se manifestar a puberdade explicar-lhes o processo normal

da sua evolução, compreendendo as relações contrárias dos sexos e o respeito que deve haver quanto às diferenças físicas e emocionais de cada um. O que se deve impedir é que as crianças recebam informações fora do lar e da escola, porque quase sempre estão misturadas de falsidade. Se os pais mostrarem irritação quanto às perguntas, normalmente a criança procurará obtê-las com terceiros, mas se, responderem com tranquilidade, e sem perturbação, os filhos confiarão em seus pais. Irão pedir-lhes sempre que necessitarem. A regra fundamental da pedagogia é sempre dar confiança em si mesmas as crianças. Mas esta só pode se fundar quando os filhos tenham confiança nos pais e nos mestres.

SIGNIFICADO — É importante compreender esta matéria tão descuidada em muitos aspectos por filósofos modernos. O sinal é algo que aponta a outro, e tende a apontá-lo. É outro que outro. A palavra é um sinal, porque ela aponta ao que deseja, ao que intende referir-se, que é outro que ela, pois a casa é outra que a palavra casa. A criança quando inicia a usar a palavra, apenas a emprega como um *designatum*; ou seja, como algo que designa a coisa, que aponta a coisa em sua existência. Só depois, quando a intelectualidade se desenvolve, a palavra já não é apenas um *designatum*, mas algo que aponta ao que se entende que a coisa é. É fácil perceber-se essa diferença nas duas fases do desenvolvimento da linguagem infantil. Na primeira fase, ela se contenta apenas em saber como se chama isto ou aquilo; na segunda, ela quer saber o que significa a palavra esta ou aquela. Aquêles filósofos e logísticos modernos, que querem ver na palavra apenas um *designatum*, na verdade revertem para uma fase infantil inferior. Não é, pois, essa posição filosófica um avanço na humanidade, mas um recuo. É o que não percebem os defensores de tais idéias.

SIMBIOSE SOCIAL — Os indivíduos, componentes de um grupo social, podem ser, por sua vez, componentes de muitos outros grupos. Dessa forma, vários grupos heterogêneos, diferentes portanto, podem ser constituídos por grande parte dos mesmos indivíduos.

Estamos aqui em face de um aspecto importante, tantas vezes descuidado pelos sociólogos: a interpenetração desses elementos.

Na vida prática, a simples observação logo nos mostra quanto influi, numa sociedade recreativa, a penetração de elementos pertencentes a um grupo político, quando estes formam um número capaz de influir na sociedade. É fácil encontrarem-se exemplos de interpenetração dos grupos em outros, pela ação dos elementos que os compõem.

Se tais aspectos são convenientes ou não, é discussão que a Sociologia pode registrar; mas o que é importante é serem tais fatos normais na esfera sociológica. Assim, na vida social, os indivíduos se separam ou se unem. E nas formações dos grupos sociais, aumentam ou diminuem a separabilidade dos indivíduos. Os cogumelos e o musgo cooperam, isto é, ajudam-se mutuamente. É o que se chama *simbiose*. Não se deve confundir a simbiose com o parasitismo. O parasitismo é opositivo e negativo. A planta, que é parasita, tira para si e não dá. A simbiose é positiva, por que ambas cooperam. Há, também, na sociedade humana, parasitismo e há simbiose. Os grupos sociais podem ser *parasitários* ou *simbióticos*, em relação a outros. Na divisão do trabalho, há simbiose, como há também entre os grupos sociais; e se esta é necessária, o parasitismo, por ser opositivo e negativo, é reprovável.

SIMBÓLICA — Simbólica é o estudo da gênese, desenvolvimento, vida e morte dos símbolos.

Justifica-se a Simbólica como disciplina filosófica, pois podemos considerar todas as coisas, no seu aparecer, na forma como se apresentam, como um apontar para algo ao qual elas se referem.

SIMBOLISMO — a) Uso sistemático de símbolos.

b) Sistema de símbolos.

c) Teoria dos símbolos, que é a Simbólica.

d) Doutrina pela qual o ser humano só conhece símbolos, no sentido do que representa outra coisa, com a qual tem uma correspondência analógica.

e) Na Estética, é a realização na qual o artista reveste as coisas com a sua marca afetiva, dissolvendo a sensação na emoção.

SÍMBOLO — Na antiga Grécia, quando um senhor recebia a visita de um hóspede, como sinal de afeição, cos-

tumava dar-lhe um objeto que servisse de sinal de reconhecimento. Era comum, entre os amigos, partirem uma moeda pelo meio, cabendo uma parte a cada um, que servia como um sinal de amizade.

Costumava-se também usar dêsse meio para reconhecer pessoas, depois de uma longa separação. Usavam sinais os pais, quando tinham de separar-se de seus filhos por longo tempo.

A tais meios, que serviam de sinais, davam os gregos o nome genérico de **symbolon**. Todo o sinal convencionalizado tomava o nome genérico de símbolo, como também as insignias dos deuses, os emblemas, os preságios augúrios e, inclusive, as convenções internacionais e comerciais, que se faziam na época.

Desde logo se vê que os gregos usavam o termo símbolo num sentido amplíssimo, abrangendo todo o campo do que chamamos propriamente de sinal, isto é, o que aponta, convencionalmente ou não, a um outro, que é referido por aquêle.

Podemos enunciar que símbolo é tudo quando está em lugar de outro sem acomodação atual à presença dêsse outro, com o qual tem, ou julgamos ter, qualquer semelhança (intrínseca ou por analogia), e por meio do qual queremos transmitir ou expressar essa presença não atual.

SIMPATIA — a) Emoção ou atitude emotiva, provocada num indivíduo pela percepção ou idéia do sofrimento em outros, que se caracteriza por um sentimento de desagrado e, geralmente, por atos que tendem a aliviar esse sofrimento.

b) Tendência a repetir em si mesmo a emoção observada nos outros (*imitação simpática*).

Comunicação interior entre dois seres, que embora mantenham exteriormente diferenças emotivas, estão intimamente ligados por uma participação afetiva.

c) Atração que experimenta uma pessoa por outra, antes até de conhecê-la.

d) Solidariedade, apêgo para com outra pessoa, fundada numa semelhança ou na comunhão das mesmas idéias, ou inclinações, ou pendores, que é a mais popularmente conhecida.

SIMPÁTICO — a) O que manifesta simpatia.

b) O que procede por simpatia.

c) O que provoca simpatia.

d) O altruísta.

b) Diz-se, também, do carácter de uma pessoa, que evita complicações em sua vida e proceder, e que busca apresentá-la dentro da mínima complicação possível.

SIMPLICIDADE — a) Carácter do que é simples.

SINCERIDADE — Vide **Mentira**.

SINTÁCTICO OU SINTÁXICO — Sintaxe é a parte da Gramática, que tem a finalidade de estabelecer as relações existentes entre as palavras e as frases, com o fim de captar e expressar as relações entre os pensamentos. É a parte que estuda a construção das frases, segundo as regras gramaticais.

SÍNTESE — (Do gr. *syn*, com, e *thesis*, posto, etimologicamente: composição).

a) Ato pelo qual compomos, reunimos, juntamos elementos diversos, dados separadamente, unindo-os numa totalidade. Neste sentido, opõe-se a *Análise* (vide).

c) Metodologicamente considerado, síntese é a tomada como totalidade dos fatos simples, distinguindo-os pela análise.

d) Emprega-se, também, para indicar a operação que, partindo dos fatos singulares ou de particularidades, alcança ao conjunto.

Com êsses sentidos, é o termo usado nas diversas disciplinas, segundo as distinções próprias de cada um.

SINTOMA — a) Qualquer mutação estrutural ou peculiaridade funcional, que aponta a presença de uma enfermidade ou transtórno num determinado indivíduo.

b) Diz-se de qualquer fenómeno que aponta a presença, do contrário insuspetada, de um estado, de um estado de mutação incipiente, sobretudo no processo de amadurecimento da conduta individual ou no progresso social.

SINUSITE — Os sintomas mais correntes das sinusites são: dor de cabeça (em geral na frente; algumas vezes também detrás da cabeça, em direção da nuca), dor à volta dos olhos, febre, assim como secreção nasal posterior (descarga por detrás do nariz na garganta).

Uma criança, que sofra de sinusite, deve ser submetida a tratamento médico. O tratamento é quase o mesmo que o do resfriado, mas deve-se manter a criança num quarto bem quente, onde o ar não seja muito seco.

SLOGAN — Do gaélico *sluagh-ghairm*, que significa ordem de comando militar. Tomou o sentido de **palavra de ordem** e, na publicidade, de expressão publicitária.

Há slogans famosos "Remember Pearl Harbour", "Quem fôr brasileiro que me siga", etc.

SOBRESSALTOS NO BEBÊ — É fácil verificarem os pais que os bebês, num segundo, manifestam um movimento de ansiedade, movendo, repentinamente, a cabeça, estendendo as pernas, estirando os braços, e abrindo os dedos, o que passa rápido. Tais manifestações de sobresalto, também chamadas de reações de medo, ou ainda monorreflexos, são comuns no recém-nascido, e são devidas, segundo se julga, a estímulos exteriores, um ruído forte, ou por estímulos interiores. À medida que o bebê vai crescendo, tais manifestações se tornam raras, e terminam por desaparecer.

SOCIAL (aceitação) — Vide **Aceitação**.

SOCIAL (Relação) — Todas as coisas do mundo do existir podem ser consideradas sob quatro aspectos:

1) Segundo a direção que exercem, são **positivas** ou **opositivas**, e são chamadas **negativas** aquelas que provocam a deficiência de uma perfeição. Assim um grupo social, enquanto tal, é positivo. Um grupo social, que a outro se opõe, é positivo; negativo, quando prejudica aquêle.

2) Podem ser **ativas** ou **passivas**. Ativas, quando exercem uma atividade; passivas, quando sofrem a atividade exercida por outra.

positivas	{	ativas
		passivas
opositivas	{	ativas
		passivas

Nenhum ser do existir finito é puramente ativo nem puramente passivo. Todos os seres se **opõem**, se põem **ob**, contra outro. E nessa oposição exercem ou não uma atividade sobre o outro, que sofre ou não essa atividade. Esta árvore é ativa e passiva, positiva e opositiva, pois ela exerce uma atividade e sofre as exercidas por outros seres.

O termo relação vem de **relatum**, trazer outra vez, colocar ante. Ora, os seres humanos se colocam uns em face dos outros e atuam uns sobre os outros, influenciando seus atos sobre os atos ou os estados psicológicos dos outros.

Há uma influência recíproca entre êles. A presença de uns e a sua atuação sobre os outros provocam sentimentos, afetos, conhecimentos, manifestações volitivas, e temos os atos psicológicos, constituintes de uma **relação social**. Essa influência sobre os atos, ou sobre os estados psicológicos dos outros, pode exercer-se de várias formas:

- a) pelo emprêgo ativo de uma força de um consangüinidade;
- b) pelo emprêgo da persuasão no sentido mais amplo;
- c) pela troca de vantagens.

Como em toda relação social há, pelo menos, dois termos, entre dois seres humanos, um pode **obrigar** o outro a fazer ou não; pode **persuadi-lo** a isto ou aquilo, ou pode conseguir que faça ou não algo, dando-lhe em troca alguma coisa.

Estas três maneiras podem combinar-se em inúmeras formas.

Tem **força social** quem é capaz de agir sobre outros, quer pelo constrangimento, ou pela persuasão, ou pela troca de vantagens. Toda pessoa, ou todos,

tem tais meios, um ou mais, ou todos, tem uma **fôrça social**. Esta, portanto, pode ser maior ou menor.

O Estado é uma fôrça social, mas o é também o sábio ante o ignorante, o rico ante o pobre, o mais vigoroso ante o mais fraco.

SOCIÁVEL — a) O que é capaz de viver em sociedade.

b) Diz-se, também, do que ama a vida em sociedade, ou que é predisposto à mesma, com a qual sente satisfação.

SOCIOLOGIA — A Sociologia é o estudo da natureza das associações humanas e das suas relações, entre si e com o contôrno bio-cósmico, ecológico, positivas, opo-sitivas e negativas, e da influência que exercem sobre os atos dos indivíduos e dos grupos (realizações materiais, culturais, etc.) e seus estados psicológicos.

SOCORROS (Primeiros) — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 1.º.

SOFISMA — Vide **Falácia** — Como a falácia é um argumento aparentemente válido, mas cuja conclusão é falsa, também o é o sofisma, com a diferença que, neste, há a intenção deliberada de enganar, enquanto, naquele, não há tal intenção, pois, do contrário, será um sofisma.

Chamam alguns, também, de **sofisma** aos argumentos que, partindo de premissas verdadeiras, ou por tal julgadas, terminam por alcançar conclusões que são inadmissíveis, e que não podem enganar, muito embora estejam bem fundadas nas regras formais do raciocínio.

SOLIDÃO — É o estado de ser só, e contrapõe-se ao de estar associado. A unicidade, em sua absolutidade, é solidão, e o Ser Supremo, em sua unicidade, é **solidário**, o que é só.

SOLIDARIEDADE — a) **Solidus**, em lat., é o sólido, o compacto, o unido, o consistente.

b) Dêsse termo, no Direito, criou-se o de **solidariedade**, que é a obrigação que pesa sobre os devedores (*in solidum*).

c) Dependência recíproca, de modo que o que afeta a um dos elementos componentes, afeta ao outro.

d) Na **Ética**, é o dever moral de assistência entre os membros de uma sociedade, que se julgam formando um todo.

SOMA — a) (Do gr. **soma**, corpo, no genitivo, **sômatos**). Muito empregado nas ciências naturais e na língua filosófica, compondo-se em muitas palavras, tais como **somático**, **somatologia**, etc.

b) Do lat. **summa** significa adição, resultado das quantidades adicionais; ou ainda melhor, o número ou quantidade equivalente às parcelas reunidas.

c) Na **Mat.**, além da aceção a, mais precisamente, operação que consiste em alcançar o resultado ou equivalência de muitos números ou quantidades.

d) No sentido usado pelos escolásticos, em suas **Summas Theologicas**, significa resumo, síntese, reunião das partes essenciais e mais importantes da matéria tratada.

Pode-se, neste sentido, empregar para qualquer disciplina. Neste sentido, porém, é preferido por muitos o termo **sumário**.

SOMÁTICO (do gr. **somatikós**, de **soma**, **sômatos**, corpo). Diz-se de tudo que é pertencente ou referente ao corpo orgânico de um ser.

SOMATOLOGIA (Do gr. **somatikós**, de **soma**, corpo). Estudo da constituição corporal geral e da fisiologia do corpo humano. Sinônimo de **Antropologia física** ou **antropofísica**.

SONHAR DESPERTO — Vide **Fantasia** e **Sonho**, **Preguiça**.

SONHO — Vide **Sono**. a) Sucessão de imagens mais ou menos coerentes, que se apresentam ao indivíduo, enquanto dorme.

b) Diz-se, por extensão, de tudo quanto o homem imagina, que não é ainda real, e que é possível, ou não, de se tornar real.

Consideram alguns psicólogos, mas exageradamente, que o sonho é um sinal de deficiência da personalidade, considerando que o ser humano, perfeitamente normal, não sonha nem realiza fantasias. Essa concepção leva a alguns pedagogos julgarem

que sua orientação deve primar em matar, na criação, a capacidade imaginativa, tornando-a uma verdadeira máquina viva. Devemos partir dos seguintes dados: em primeiro lugar, os atuais estudos psicológicos sobre os sonhos, embora abundantes e preciosos, não resolveram quase nada sobre a sua gênese, nem sobre a sua significação, etc. O estudo dessa matéria cabe, portanto, à Psicologia fazê-lo. O que se deve considerar na pedagogia são os aspectos que eles revelam, que passaremos a examinar. O sonho onírico e o devaneio, que é o sonho em vigília, comumente chamado fantasia, são ambos produtos da imaginação. Para alguns pedagogos representam perda de tempo, que deveria ser aproveitado para ocupações mais úteis. Eis um pensamento genuinamente inhumano. A fantasia é constituída de imagens, que são coordenadas pela imaginação. Essa capacidade de representar imagens, segundo determinada concatenação, quase sempre carece de rigor lógico. Se a fantasia leva a criança a confundir a realidade com a imaginação, tal é natural ao estágio mental da criança, como talvez tenha sido ao do homem primitivo. Mas, sem dúvida, como já mostraram os que melhor entenderam d'êste assunto, a imaginação é a pré-avó da ciência, porque, partindo-se da imaginação, em função da realidade, é possível distinguir nitidamente o que é sonho do que é real em sentido objetivo. Essa fase da criança é superável, e só seria de lamentar, e representaria um grave inconveniente, quando em idade mais avançada o jovem, já adolescente, tendesse a viver a fantasia como realidade, o que caracteriza as manifestações esquizóides e, em casos mais graves e acentuados, a esquizofrenia. Considerar que por haver casos exagerados é conveniente extirpar a capacidade de devaneio, de fantasia, de sonho, de imaginação, é atingir a um excesso absurdo, só compreensível em psicólogos materialistas, de formação mental primária, que nada entendem sobre a estrutura e funcionamento normal da mente humana, e que desejam transformar os homens em máquinas, afastando-os da humanidade, para incluí-los, violentamente, no âmbito da mecânica. Devem-se considerar os casos exagerados, mas apenas estes, que merecem, portanto providências, que são aqueles em que a confusão entre a fantasia e a realidade revela anormalidade séria. Parta-se de que é normal a fantasia, o

devaneio, a imaginação, em suma. Quando o sonho revela desequilíbrios mentais (e isso só pode ser devidamente averiguado por psiquiatras hábeis e realmente competentes), há medidas a serem tomadas para evitá-los ou corrigi-los. Tais casos são clínicos, e devem ser tratados por especialistas realmente competentes. O que não pode é o mestre ou os pais tomarem uma atitude geral de oposição ao sonho, ao devaneio, esquecendo que as maiores realizações humanas provêm d'êses estados, que são muitas vezes inspirados, por fatores que não são facilmente avaliáveis.

SONO — Estado do organismo, que se caracteriza por uma imobilidade relativa, e relativa ausência de consciência, cujas causas fisiológicas não são ainda suficientemente conhecidas. É o contrário do estado de vigília.

SONO DO BEBÊ — Vide **Puericultura** — 4.º cap., § 11.

SUBCONSCIÊNCIA — Vide **Consciência**.

SUBJETIVIDADE — a) Carácter do que é subjetivo.

b) Estado de espírito, que considera as coisas apenas sob uma forma subjetiva.

SUBJETIVO — a) É o que pertence ao sujeito.

b) O que é individual.

c) O que pertence ao pensamento humano.

d) O que é meramente imaginativo, ilusório, irreal.

e) O que pertence ao pensamento humano em oposição às coisas existentes **extra-mentis**.

f) O que é portador de algo (sentido usado pela escolástica, para afirmar a existência de algo em si).

SUBLIMAÇÃO — Vide **Psicanálise e Introdução**.

SUBLIMINAL (Do lat. sub e liminis, abaixo do umbral).

a) O que está colocado abaixo do umbral (da sensação, da consciência).

b) É o subconsciente. Vide **Consciência**.

c) É o inconsciente — Vide **Consciência**.

SUBTILEZA — a) Capacidade de distinguir onde o homem comum não distingue.

b) O resultado dessa capacidade.

SUB E SUPER-ALIMENTAÇÃO — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 15.

SUCÇÃO DOS DEDOS — O “chupar o dedo”, como popularmente se diz, é sempre considerado um hábito indesejável. Atribue-se a várias causas a formação deste mau hábito. Geralmente se encontra entre crianças desnutridas ou mal alimentadas, ou quando a criança não mama o tempo suficiente para satisfazer sua necessidade vital, e então, ela se habitua a sugar o dedo e, conseqüentemente, desenvolve a auto-excitação na sucção.

Investigadores do assunto dizem ser freqüente, em crianças alimentadas à mamadeira, o hábito de chupar os dedos, pela necessidade de proporcionar o exercício suficiente aos músculos da sucção, que, em vista dos orifícios do bico demasiadamente grandes, não o proporcionam, e como o mecanismo de sucção necessita ser normalmente exercitado, a criança habitua-se a succionar os dedos.

Esse hábito também pode-se desenvolver quando se inicia a dentição, que comumente traz uma leve irritação e comichão nas gengivas.

Quando persiste até aos três ou quatro anos, devemos providenciar a sua eliminação. Mas se usarmos processos violentos, poderemos arraigar o hábito em vez de eliminá-lo; há casos em que após ser advertida pelos pais ou responsáveis, com certa agressividade, com ameaças ou mesmo castigos, a criança começa a chupar com mais intensidade, não só o polegar, mas todos os dedos.

Crianças, que vivem isoladas, crianças tímidas, ou que não recebem o carinho dos pais, costumam chupar o dedo, o que parece compensar ou também consolá-las do isolamento em que vivem.

Em muitas crianças, o sugar o polegar produz um efeito calmante. Consideremos o fator agradável: há um prazer no succionar, esse prazer está ligado ao esquema da sucção, que se fixou nos primeiros dias, quando a criança formou, através do refle-

xo de sucção, o esquema “— sucção — deglutição — aplacamento da fome, —” e, por conseguinte, a sensação de bem-estar, que sobrevém logo, essa sensação que é expressada, primeiramente, por leves sorrisos, adormecimento, calma e, depois, por movimentos lúdicos. Mais tarde, a criança, que desenvolveu demasiadamente o succionar, procura encontrar esse mesmo estado de agradabilidade ao sugar o polegar, quando se encontra em alguma situação desagradável. Esse hábito pode manifestar-se até em adultos, e não é raro observar pessoas que estão atravessando situações embaraçosas colocarem os dedos na boca, ou roer as unhas, como se isso as auxiliasse a vencer o nervosismo, provocado e estimulado pelas circunstâncias que as rodeiam.

Para evitar que a auto-excitação se produza, é necessário impedir que a criança ponha os dedos na boca nos primeiros meses, e principalmente quando se aproximar dos cinco ou seis meses, período no qual levará à boca tudo que agarrar. Nessa idade, ainda não podemos classificar como hábito indesejável, mas se deixarmos desenvolver a auto-excitação, mais tarde tornar-se-á difícil corrigir.

Se queremos corrigir esse mau hábito, quando a criança já está em idade de entender, então é essencial não comentar o fato na sua presença. O que se deve fazer é distraí-la com atividades manuais, ocupar-lhe as mãos, para que esqueça de levá-las à boca, proporcionando-lhes brinquedos, com os quais precise usar das mãos, brinquedos de armar, livros ilustrados para folhear; levá-la a ambientes onde se encontrem outras crianças, e quando não colocar o dedo na boca dar-lhe um pequeno presente, mas sem chamar a atenção de que ganhou porque não chupou o dedo. A criança não deve perceber que o fato de chupar o dedo preocupa as pessoas da família, porque poderá usar esse costume como uma arma para conseguir certas regalias.

É necessário substituir um hábito considerado mau por um bom. Não devemos esquecer nunca o fator agradabilidade. Esse fator é essencial para que um hábito possa ser substituído por outro.

Há vários tratamentos para a correção desse mau hábito, mas são tratamentos aplicados em casos espe-

cíficos. Todos usam uma desagradabilidade para forçar a criança a abandonar o costume, como, por exemplo, obrigá-la, logo após uma refeição, a colocar os dedos na boca e succionar durante meia hora. Depois um pequeno descanso, e continuar outra meia hora, marcada pelo relógio, assim até cansá-la, ou, então, untar os dedos com algum líquido muito amargo que cause repugnância, ou obrigar a criança a usar luvas. São métodos usados como último recurso, em casos chamados difíceis. Há muitos outros, e alguns até violentos, mas o perigo que existe na aplicação desses métodos é que podem causar um efeito diferente do que se deseja, pois o fato de chamar a atenção da criança pode obstiná-la e até levá-la a estados de nervosismo, ou a outros distúrbios semelhantes e sérios.

SUFOCAÇÃO — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 20.

SUGERIR — (Do lat. *sub* e *gestare*, gestar sob).

a) Emprega-se no sentido de fazer nascer um pensamento num espírito.

b) Provocar uma sugestão (vide).

SUGESTÃO — a) Indução ou intento de induzir uma idéia, crença, decisão, ação, etc., por meio da estimulação de qualquer índole, sem imperativo, nem argumentação. Se em si próprio, é **auto-sugestão**; se em outro, **hetero-sugestão**.

b) Também se usa quando a indução é feita eludindo as funções críticas e integradoras, e até com imperativo, como se dá na **hipnose**. Dai chamar-se essa espécie de sugestão de **hipno-sugestão**, quando há **hipnose** (vide).

Na Pedagogia — Muitos pediatras usam em casos de debilidades nervosas, e hábitos defeituosos infantis, a sugestão durante o sono.

As crianças não despertam facilmente durante o sono quando se lhes fala, daí ser possível usar a sugestão como meio terapêutico. Para melhor resultado, a sugestão deve ser feita pela mãe, ou por pessoa que tem contato amistoso direto e constante com a criança (avós, ama). Muitos defeitos psíquicos têm sido passíveis de cura por tais processos. Mormente, tem-se usado também o **hipnotismo**.

SUGESTIBILIDADE — Carácter do que facilmente está sujeito a sofrer sugestões. Estado momentâneo, mais ou menos pronunciado, durante o qual as sugestões são facilmente aceitas ou executadas.

SUICÍDIO — a) Significa, etimologicamente, matar-se a si mesmo.

b) O sentido comum é matar-se a si mesmo deliberadamente.

c) Emprega-se, também, para indicar o que mata a si mesmo por meios indiretos, mas com consciência do que faz.

SUPERAÇÃO MENTAL — Preocupa psiquiatras, psicólogos, parapsicólogos, pedagogos, filósofos responsáveis de nossa época o desnível mental observado no crescente aumento do retardamento mental e em que há uma tendência a observar-se que os níveis cada vez descem mais.

Buscam atribuir-se causas diversas para tais calabros. São tão patentes os sinais de retardamento mental, cresce de tal modo o número de débeis, de idiotas e de imbecis, que a preocupação, que assoberba homens responsáveis, sobre as causas de tais transtornos, não é menor que as preocupações que avassalam os que buscam uma terapêutica para tais males.

Durante muito tempo e ainda hoje, julgam muitos que assim seja. Pensou-se que a ginástica, o atletismo, a prática do charadismo, do quebra-cabeças, do xadrez etc. fôsem proporcionadores de maior flexibilidade mental, e seriam, assim, modelos especiais de práticas para o desenvolvimento da inteligência e da redução do retardamento mental. Contudo, não é assim. Tais práticas não contribuem como se esperava para diminuir esse retardamento. Ao contrário, tendem a aumentá-lo. Ao se fazerem atualmente certas pesquisas na Europa, entre os que praticam tais exercícios, os resultados foram desalentadores.

Observou-se, porém, que o único exercício que de fato melhora a flexibilidade mental, que aumenta a velocidade do raciocínio e evita o retardamento, é o que aconselharam desde milênios as religiões: a meditação, a atenção dirigida às idéias, o exercício cons-

tante na busca das causas e das razões das idéias, no seu connexionamento, no exame das suas relações etc.

O cérebro não se desenvolve através de exercícios mecânicos, de mera memorização, mas de meditações de carácter mais filosófico, de penetração aprofundada nas idéias. E chegaram ainda a outras conclusões que não deveriam, porém, impressionar: que as pessoas, que se dedicam mais amiudamente à meditação, além de gozarem de melhor saúde, são as de vida mais longa e normal, pois conseguem atingir a mais avançada velhice, sem perda da saúde mental, do pensamento límpido. Portanto, pais e mestres não devem temer ensinar aos filhos e aos discípulos a arte da meditação, nem evitar de lhes dar temas que exijam exercícios mentais superiores, com o receio de "forçar" a mente juvenil. Desde cedo devem ensinar aos jovens a meditar, a medir, a comparar, a confrontar idéias, a buscar razões, a evitar as opiniões fáceis, a julgar com segurança, a demonstrar o que postulam.

SUPERDOTADO — Vide **Supernormal** (criança).

SUPER-EGO — Vide **Psicanálise**.

SUPERNORMAL (criança) — Vide **Nível Mental** — Quando uma criança se revela superdotada, e está acima das outras da sua idade, que sabe contar, ler, expressar idéias acima da sua própria idade, que revela ser capaz de aprender o que outras não o podem, que revela vocação para as artes; em suma, que é uma "criança prodígio", os pais em geral ficam perplexos, temerosos e inquietos. Julgam que tais crianças em nada são iguais às outras, no que se enganam, porque elas têm tendências para brincar e agir como as outras. É verdade que tais crianças têm problemas. Elas, em geral, gostam de livros, que estão acima de sua idade, dedicam-se a práticas que a ultrapassam. Nunca devem os pais e os mestres censurá-las por serem assim. Há uma concepção totalmente estúpida, que leva a mestres afirmarem que tais meninos querem sobressair sobre os outros, dando a entender que cometem um pecado por serem como são. Há uma concepção simplesmente criminosa de alguns mestres que julgam que esses talentos devem ser obstaculizados. Em alguns países, há até práticas simplesmente indignas, em que

se procura ridicularizar a criança superdotada. Essa criança deve ser compreendida e respeitada e dela necessita a humanidade para o progresso. Muitos talentos infantis são obstaculizados, e nisso há inveja dos pais e dos mestres. Essas crianças encontrarão prazer em brincarem com as outras, e são, em muitos aspectos, iguais às outras. Deve-se proporcionar oportunidades para que façam o que as outras crianças fazem, nunca, porém, criar a dúvida de que o que fazem de superior seja algo condenável. Devem os pais e mestres dar ensanchas para que se realizem, onde se revelam superdotadas. Tais casos deveriam ser encaminhados para escolas especiais, como já se faz em alguns países super-civilizados. Tais crianças devem receber aulas especiais, e os mestres precisam ajudá-las para que se desenvolvam onde elas revelam um talento especial, pois têm direito a isso, e ainda é um dever dos mestres e pais em face da humanidade, que não pode dispensar seus gênios, que são a alavanca do progresso real do homem.

SUPERPROTEÇÃO — Consiste esta na série excessiva de providências que usam pais, ou outros por eles, na proteção da criança. A superproteção gera o sentimento de dependência, e este o de inferioridade, com suas conseqüências maléficas (vide **Sentimento de Inferioridade**). Se dá à criança um ambiente de segurança, cria nesta um estado de pânico quando não encontra a proteção no grau acostumado, o qual pode se dar pela ausência temporária ou permanente dos pais (morte, por ex.). Se a proteção paterna é necessária para dar a segurança, a superproteção, por excessiva, criará a insegurança. O meio termo justo e bom, que é a regra fundamental de toda ética, o é também na educação, pois esta pertence ao âmbito ético.

Há uma espécie de superproteção maléfica, que é a do pai que exerce um poder excessivo sobre o filho, negando-lhe toda capacidade de autonomia e de liberdade. Este, sentindo-se incapaz de agir por si, e de pensar por si, ou reage positivamente pela agressividade e rebeldia, ou pela passividade, pela humilhação e pela incapacidade de atuar, enleando-se, facilmente, ante as dificuldades, quando estas se lhe oferecem. São aqueles que, no momento de qualquer

perigo, apelam para a mamãe ou para o papai, numa regressão infantil facilmente observável. O "filhinho de mamãe", o "filhinho de papai" são comuns. Mas há entre eles os que não são superprotegidos e, portanto, não apresentam aspectos mórbidos. Ao que queremos nos referir são os superprotegidos, que se tornam "crianças problemas", e são comumente enuréticos, tartamudos, gagos, pequenos delinquentes, em geral sujeitos a transtornos emocionais. As causas de tais tipos são diversas. Há pais que tiveram em sua infância muitas carências; então, desejam dar aos filhos mais do que lhes é necessário (brinquedos caríssimos, excesso de mimos e de proteção, amas, etc.). Se é um pai que conheceu muitos malogros em suas relações sociais vai dar uma tremenda importância às dificuldades que o filho encontre em suas relações, exagerando o acontecimento e tomando-o como um desafio a si mesmo.

Da parte da criança, esta revela logo, na escola, pelas suas atitudes, a influência da superproteção. É incapaz de tomar parte nos brinquedos, falta-lhe autonomia, ou manifesta uma agressividade descontrolada, ou, então, é inibida ao extremo, chora facilmente, queixa-se do ambiente, sente-o como hostil, e qualquer inatenção para ela é considerada uma grave injúria. Frustrada para a liberdade, sem capacidade de afirmar-se, está sujeita a respostas negativas ou afirmativas excessivas. Sua vida emocional é caótica, revela temores, angústias, insegurança, incerteza, indecisões.

A criança superprotegida não é um problema tão grave, porque é fácil ao mestre e aos pais corrigirem os defeitos. Mas é mister que pai e mestre atuem em consonância em tais casos. Como os casos são singulares, devem ser tratados segundo a sua singularidade. Contudo, algumas regras gerais podem ser obedecidas: 1) o pai deve mudar de atitude, e é um problema às vezes maior que a criança; 2) se a criança responde pela passividade, é mister excitá-la a brinquedos mais violentos, a desenvolver de certo modo a agressividade; 3) se são crianças agressivas, é mister empregar as regras aconselhadas nos casos de agressividade, peculiares ao caso (vide **Agressividade**). O que, porém, é fundamental é que o tratamento deve ser simultaneamente de pais e filhos,

porque se fôr apenas de um não oferecerá os melhores resultados.

SUPERSTIÇÃO — a) Crença ou prática, na qual se manifesta a disposição ou tendência a atribuir a causas sobrenaturais ou ocultas, fenômenos que podem ser explicados por causas naturais.

b) Apêgo exagerado e sem a necessária crítica a um princípio ou a um método.

SUPOSITÓRIOS — Vide **Puericultura** — 9.º cap., § 5.

SURDEZ — Vide **Crianças Deficientes**.

SURDO — a) O que é incapaz de reconhecer a altura dos sons.

b) O que é incapaz de ouvir.

c) Diz-se, ainda, do que é quase imperceptível ao ouvido.

T

TABU — a) Nome polinésio, que se popularizou na Inglaterra, desde início do séc. XIX, e depois se universalizou, que significa o que é proibido de tocar. A árvore, que não se pode tocar, é árvore **tabu**, etc.

b) Dá-se o nome de **tabu** a toda proibição convencional, imposta por tradição ou costume a atos, maneiras de proceder, palavras, gestos, etc., cuja infração é matéria, não de perseguição legal, mas de reprovação, perseguição social e ignomínia.

c) Nas religiões, o **tabu** religioso são os lugares sagrados, os objetos, etc., que não podem ser tocados pelas pessoas comuns.

d) Na Psicanálise, usa-se o termo para indicar a proibição heterônoma sobre ações desejadas. O **tabu** é universal, mas relativo ao grau de cultura de cada povo ou época.

TATISMO — É o deslocamento que sofre um ser vivo, quando influenciado por excitantes, fatores físicos e químicos, que actuam sobre ele numa só direção, assim como a luz, o vento, etc. O **tatismo** é positivo quando o ser se aproxima da fonte de excitação, e é negativo quando dela se afasta.

TATO — a) É o sentido do tocar.

b) Diz-se, também da sensação tátil, que as coisas oferecem. “Que é o tato dessa coisa? Avaliado, áspero, macio?”

c) Metafóricamente, emprega-se para indicar habilidade, intuição segura ou delicada de uma “pessoa de tato”.

TANATOFOBIA — (Do gr. *Thanatos*, morte e *phobia*, aversão, medo). É o medo mórbido à morte.

TANATOMANIA — (Do gr. *Thanatos*, morte e *mania*, loucura). Mania suicida ou homicida.

TAREFAS DOMÉSTICAS — Na família deve predominar o mútuo apoio, a cooperação em todos os trabalhos. Devem-se despertar na infância as nobres e cristãs práticas de ajuda, de elevação moral, e o prazer de ser útil aos outros. Devem as crianças aprender desde cedo que todos em casa têm que fazer alguma coisa e que a todos cabe não só tarefas mas responsabilidades, também.

TEATRO — Vide *Comédias*, *Representações*.

TEIMOSIA — A teimosia é uma direção viciosa da vontade e, sobretudo, do querer, e muitas vezes é acompanhada da hostilidade e agressividade (vide), mas teimosia é natural nas crianças, desejosas de fazer algo, que os pais impedem (*Idade do não*, vide), mas pode desaparecer nos jovens e transformar-se na persistência, que é o querer reiteirado e constante, já dirigido para algo justo e prudente. A persistência é, assim, uma virtude subordinada à fortaleza, mas assistida pela justiça e pela prudência. O excesso de autoridade dos pais, a disciplina férrea não compreendida, pode levar a atos de teimosia. Quase sempre é a revelação de uma falta de confiança em si mesmo (*Vide Autoconfiança*). Quando a criança é teimosa, o melhor é mostrar que deve fazer isso ou aquilo, ou não fazer, por tais ou quais razões, mas tudo isso deve ser dito com boa dose de afetividade e com tato. É preferível sugerir a impor. Quando teima em não fazer o que se pede, então deve-se pedir que depois faça o que se quer. Dê-se-lhe tempo para refletir. E então fará mais rapidamente do que se espera. Se o jovem está entregue a uma tarefa que gosta, não se lhe peça para deixar o que está fazendo para fazer outra coisa, mas peça-se-lhe que, ao terminar o que faz, faça isso ou aquilo, salvo nos casos de urgência, e, nestes, mostre-se a *urgência*, e se justifique. Quando um jovem se mostra teimoso, já revela possuir uma boa qualidade. Se se grita para que faça, se se ordena com veemência, pode-se dirigir essa força poderosa, mas bruta, para a teimo-

sia, quando se pode dirigi-la para a persistência que é benéfica e imprescindível ao ser humano.

Mostre-se que se ser teimoso é fácil, mas persistente revela uma superioridade, porque o asno é teimoso, não persistente. A persistência exige força, coragem, mas exige também inteligência (*prudência*, saber), e é justa porque se dirige para o que é digno de ser feito. O homem pode ser persistente quando inteligente, mas o asno é teimoso. Estas palavras ditas com clareza e severidade, sem veemência, são mais benéficas do que gritos e ordens ferreas.

TELEPATIA — Capacidade de conhecer pensamentos alheios, sem a ajuda de sentidos especiais.

TEMERIDADE — A temeridade é um desvio já vicioso da *Fortaleza* ou *Coragem* e consiste na disposição de ânimo que atualiza atos perigosos (de temor), sem que se justifiquem. Quando uma criança de quatro a cinco anos atravessa uma rua, é inevitável que a mãe se alarme. A criança não tem noção do perigo, e o seu ato de temeridade não se caracteriza pela consciência nítida do perigo que oferece, e que o mesmo é injustificado. A temeridade é a fortaleza desassistida da justiça e da prudência, porque lhe falta a justificação, e muitas vezes a sabedoria exigida, como é o caso da criança. Os pais se preocupam ao ver um filho menor subir numa árvore, trepar num muro, subir numa bicicleta, gastarem desmedidamente o dinheiro que recebem. No entanto, há em tudo isso um exágero que é preciso evitar. A criança poderá subir na árvore, poderá trepar no muro, andar de bicicleta etc, desde que os pais a auxiliem, não criando-lhe uma consciência invencível do perigo, mas de que o perigo é vencível pelo cuidado (*pela prudência*), e ensinarão ao filho assim: "Suba com cuidado que não cairá; segure-se bem, assim, vá devagar, firme as pernas, enrosque-as pelo tronco, assim; segure forte, veja como pode fazer, desde que tenha cuidado" etc. "Não gaste assim o seu dinheiro, porque depois não terá mais. E pode aparecer uma coisa boa para comprar, então? Eu não vou lhe dar mais. Gaste com cuidado; você é inteligente, e não vai jogar fora o que lhe é valioso. Vai agir como um tolo?" Quando a criança tem consciência de que o que vai fazer está além de suas forças, então sua prática é grave. Mas nunca se esqueça que tam-

bém é raro que o queira fazer. E se tais casos se dão, é provável que esteja sendo impulsionada por motivos outros, que devem ser estudados pelos pais e pelos mestres. Observemos esses jovens que se atiram a práticas temerárias, perigosas, como correr de automóvel mais depressa que os outros, atravessar ruas com sinais fechados, fazerem manobras perigosas. Não será um jovem que malogrou nos estudos, que se sentiu inferiorizado por outros, e quer agora sobressair em alguma coisa? Não foi uma criança superprotegida, que nunca lhe deram a autonomia necessária e a autoconfiança de que carecia, e quer mostrar-se agora superior, e sentir-se dona de si mesma? Se tais casos são constantes, é preferível impedir que conduza, e deve-se procurar pessoa competente que o trate clinicamente. Vide **Autoconfiança, Superproteção, Autonomia, Confiança em si mesmo, Autômôvel da Família, Criação Problema.**

TEMPERAMENTO — De temperar, de modificar alguma coisa por meio de sua mistura com outro. Daí o ato de modelar, de atenuar.

a) Na Psic., é a natureza afetiva geral de um indivíduo, a qual é determinada pela herança e pelo desenvolvimento histórico de sua vida.

Diz-se da soma dos efeitos produzidos sobre a própria vida psíquica pelo metabolismo ou mudanças químicas, por que passa o organismo, que modificam o carácter, segundo graus de intensidade e de direção em todas as reações do indivíduo e estímulos e situações específicas. Segundo Hipócrates e Galeno, era o produto do predomínio de um dos humores no corpo. Dividiam os temperamentos em quatro: **sanguíneo** (predomínio do sangue); **bilioso** ou **colérico** (a bilis); **linfático** (a linfa) e **melancólico** ou **nervoso**.

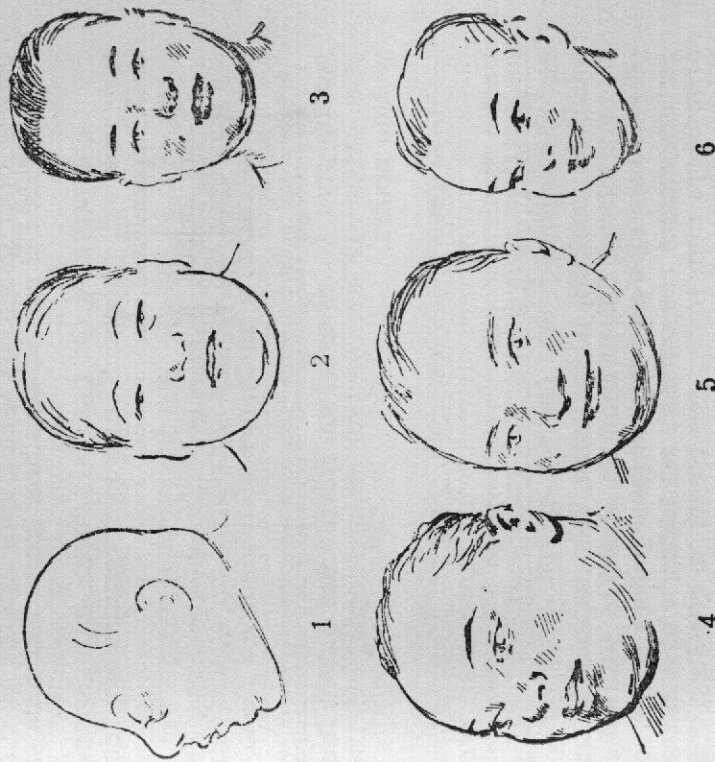
Modernamente, o temperamento se atribui à influência das glândulas endócrinas.

O temperamento está ligado à nossa constituição física e o carácter é formado pela educação. Podemos dizer que o temperamento é o somático, é o físico, e o carácter, o psíquico, a personalidade.

Não há separação total entre temperamento e carácter, há antes uma interação, há a influência de um sobre o outro.

Hipócrates, o velho pai da medicina, dividia os temperamentos em quatro: o sanguíneo, o linfático, o bilioso e o nervoso. Por muito tempo essa classificação foi aceita, e depois abandonada.

O estudo dos temperamentos voltou a interessar modernamente e a teoria de Hipócrates voltou a ser valorizada, através das novas análises e observações que se realizaram.



Tipos dilatados

A classificação do Dr. Periot é a seguinte: há quatro funções que marcam o tipo de temperamento, são elas: a nutrição, a função sexual, a receptividade, a reatividade.

No linfático, predomina a função nutrição; no sanguíneo, a função sexual, no bilioso, a reatividade, e no nervoso, a receptividade.

Jung afirma que o ser humano, em face do mundo ambiente, toma duas atitudes: extroversão e introversão.

Atitudes	{	introversão
		extroversão

São dois extremos, pois a extroversão é uma marcha para o exterior. O extrovertido expande-se, pode-se dizer que tende a sair para fora de si, e a introvertida é o oposto, recolhe-se para dentro de si.

Geralmente se diz que as pessoas introvertidas são "caladas", "fechadas" e as extrovertidas são "dadas", "expansivas" etc.

Entre ambos há uma série de combinações. Estes dois tipos são ainda subdivididos em quatro funções: a sensação, a intuição, a afetividade e a razão.

Não existe ninguém extrovertido puro nem introvertido puro, todos estão em relação das quatro funções. Pode ser extrovertido numa função, e introvertido noutra.

Uma pessoa, por exemplo, pode ser introvertida nos seus sentimentos afetivos, sentimentos mais profundos, guarda só para si, no entanto é extrovertido na sensação, no que lhe toca a sensibilidade, ao admitir um espetáculo, ou a saborear um prato de comida, demonstrará o que sente, será expansiva; outra será introvertida na intuição, guardará suas intuições só para si, e na parte racional poderá ser extrovertida, exporá aos outros suas idéias, etc., e assim através dos numerosos tipos humanos, que Jung analisa com tanta profundidade em suas obras.

O Dr. Louis Corman desenvolveu o estudo da **morfo-psicologia**, baseado, também, nos dois tipos que ele denomina o **dilatado** e o **retraído**, com as suas subdivisões, **retração lateral**, **retração frontal** e **retração de base**.

Na infância predomina o dilatado, de vestibulos abertos (vestibulos são os olhos, a boca, o nariz). É o "desabrochamento" das forças de expansão, é o crescimento. Na idade de três a quatro anos, começa a aparecer a **retração lateral**; na juventude ela é

predominante, anos depois, a retração frontal dá-se na plena maturidade, e, na velhice, a retração de base.

Mas nem todos os tipos humanos seguem essa evolução, alguns tipos podem ser dilatados durante toda a vida, noutros a retração lateral se processa muito cedo ou vice-versa. Noutros, a retração frontal aparece muito tarde, ou na idade juvenil, e a retração de base também pode aparecer até em crianças.

É necessário conhecer o que significam essas retrações, para depois estudarmos os vários tipos de crianças, e classificá-las segundo a predominância de uma tendência, o que se poderá perceber, desde a infância, quando as retrações começam a aparecer.

Segundo Corman todo ser vivo tem tendência a expandir-se no meio-ambiente no qual vive. É o que chama de "instinto de expansão". Ora, sucede que nem sempre o ambiente, oferece elementos favoráveis e as oposições se lhe antepõem. Então se processa um movimento de defesa, de recuo. Esse ser se retrai; é o "instinto de conservação" que repele o que não convém ao organismo.

Esse movimento de alternância na "expansão", absorvendo, assimilando do ambiente o que lhe convém, e na "conservação", acomodando, defendendo-se do que lhe é hostil, esse movimento, que se processa em avanços e recuos, vai revelar-se na fisionomia do ser humano, nas retrações, que Corman analisa na sua **morfo-psicologia**, (**morphé**, em grego, forma exterior), que é a análise psicológica dos temperamentos e dos caracteres humanos, através da forma, da expressão da fisionomia.

Quando há equilíbrio entre as "forças de expansão" e as "forças de conservação", a morfologia revela uma harmonia que se observa na expressão do rosto, e na proporcionalidade da retração lateral com a frontal e o restante da fisionomia, o que quer dizer que as funções estão em equilíbrio, e o ser humano é senhor de si mesmo, está no período da maturidade do homem de ação. Com o desenvolvimento da vida do espírito, a fronte alarga-se, começa a predominar o pensamento, e vem o segundo período, a "maturidade do pensador".

Mais tarde, ao chegar a velhice, as "forças de expansão" diminuem, e as de conservação aumentam. Então começa a se processar a retração de base, que seria como que um retraimento para dentro de si mesmo, como recolher-se para melhor resguardar-se. A fisionomia revela um afinamento do queixo.

Podemos dizer que o que determina todas essas modificações no ser humano, desde que nasce até à velhice, são as condições do meio ambiente e as condições próprias do seu organismo. Mais uma vez confirma-se a interatuação dos dois fatores: os emergentes e os predisponentes.

Vamos examinar agora o que Corman classifica como a criança de tipo dilatado. A criança dilatada não oferece grandes dificuldades para ser educada, porque está em íntima comunhão com o meio ambiente, imita com facilidade tudo o que vê, e não oferece resistência aos costumes estabelecidos.

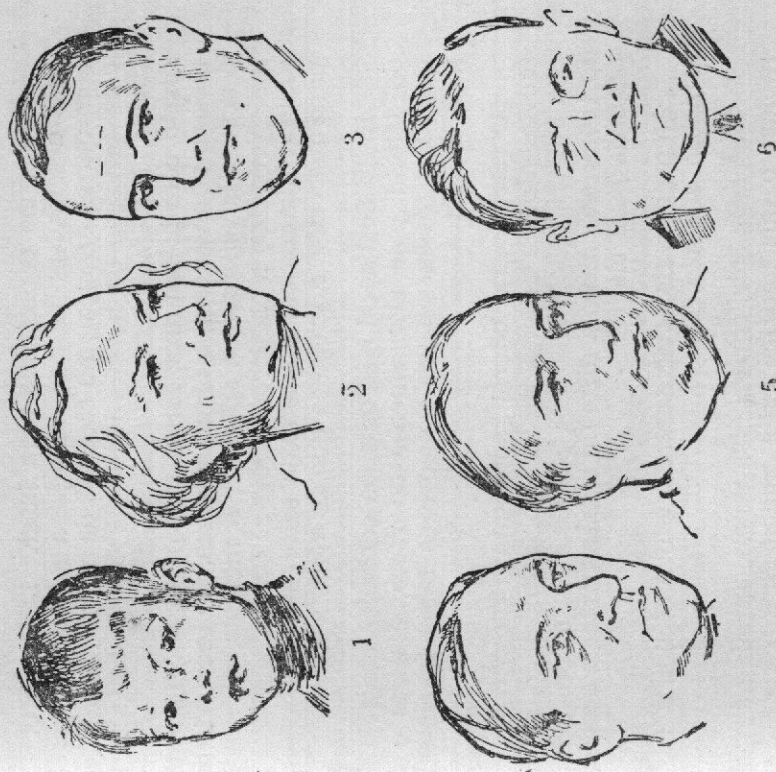
Está sempre bem disposta, e adapta-se bem a todas as tarefas que não exijam muito esforço mental. Gosta de ajudar a mãe nos trabalhos caseiros, e é, como se costuma dizer, de boa natureza; é expansiva, é alegre.

Se alguma contrariedade a faz chorar, não permanece por muito tempo na tristeza, nem abriga ressentimentos. Aprecia a companhia dos amigos, e recebe bem a todos. É carinhosa para com os seus, mas também se torna colérica quando encontra algum obstáculo. Na escola revela-se bom aluno, apesar de não ter muita tendência para os estudos, mas faz sempre de boa vontade as suas lições. Possui boa memória. Ao chegar à idade de escolher uma profissão, geralmente escolhe a do pai. Não gosta de sair do ambiente da família, não lhe exerce atração o mundo exterior; isto é, prefere a sua cidade, ali onde nasceu e se criou, não será nunca daqueles que querem "correr mundo".

Mas, então, uma criança assim é uma maravilha, podem pensar muitos. Contudo, não é o tipo ideal, pois também tem o seu lado negativo.

Uma criança assim seria ideal num ambiente também ideal, mas, infelizmente, o mundo não apresenta esses ambientes ideais que desejaríamos, e, por isso,

o tipo dilatado apresenta um grave defeito. É o de não possuir nenhuma defesa contra o ambiente. Se esse for bom, ela será boa, mas se for mau, ela também se tornará má, pois deixa-se influenciar facilmente. Como não possui capacidade de introverter-se, não tem aptidão para o que exige concentração, e é levada, sem resistência, pelos outros. Falta-lhe a força inibidora, a "retração", pela qual se defenderia dos elementos que a prejudiquem.



Tipos de dilatados

Sempre o ambiente a dominará, e, por isso, inconscientemente, ela não quer mudar de ambiente, o que pode trazer, também, mudanças de hábitos, e lhe ser desfavorável, e como não possui forças de defesa, poder de concentração para decidir o que fazer, ela quer permanecer sempre no mesmo ambiente, na sua casa, nas suas tradições.

Terá facilidade em aprender as coisas concretas, mas as abstratas não. Necessita de meio de proteção e de bons hábitos. Mas as suas tendências instintivas de defesa, que nos revela na sua vontade de não querer sair de seu ambiente, devem ser consideradas e, por isso, os elementos compensadores, que necessita a criança desse tipo, podemos desenvolverlos sem forçá-la a um esforço demasiado, proporcionando-lhe as ocasiões para isso, para que aos poucos ela os adquira.

Falta-lhe capacidade para lutar. Então, precisamos desenvolver-lhe a aptidão para a luta, nos jogos com outras crianças, no "ludus" de regras, nas lutas com crianças da mesma idade. Falta-lhe certa virilidade. Se é menino, devemos mantê-lo em contato direto com a natureza, férias longe de casa, exposto mesmo ao mau tempo algumas vezes. O escotismo é aconselhável, precisa aprender a mandar, porque é mais propenso a obedecer. Deve-se dar-lhe ensejo de realizar alguma coisa que exija esforço de sua parte, para que vença a preguiça que às vezes a domina.

Retraído lateral — Podemos conhecer um retraído lateral pelo alongamento do rosto, o nariz e o queixo se destacam um pouco e as faces tornam-se mais salientes.

O retraimento lateral representa o dinamismo, o movimento. A criança desse tipo, geralmente, caminha e corre cédo. Não fica parada nem um momento (como se costuma dizer) e a casa parece tornar-se pequena para ela.

Não gosta de estar sentada, e o obrigá-la a isso será um suplício.

Necessita sair, correr. Na escola, aprenderá com rapidez o que não lhe exija imobilidade, concentrarão. É viva, é perspicaz, mas quer captar tudo num relance, no ar, e por isso pode tornar-se um aluno medíocre, no recreio é a que faz mais ruído, gosta de brincar de lutas, gritar, dar ordens em voz alta, é o chefe do grupo.

Em ginástica, sempre é a primeira. Se é forçada a ficar quieta, torna-se nervosa e revela o nervosismo por uma excessiva excitação, começa a sonhar com aventuras, as viagens por países longínquos vão

lhe povoar a imaginação, e quando jovem deseja partir para realizar seus sonhos.

É uma criança quase sempre mais magra do que gorda, mas bem feita e de fisionomia franca.

É preciso dar um meio de expansão que lhe convinha para conseguir seu equilíbrio e evitar o desperdício de forças.

Necessita também de muito ar livre, e espaço para brincar.

Se não soubermos educá-la, não saberá escolher uma profissão, e estará sempre mudando passando de uma a outra, sem poder fixar-se em nenhuma, será um inquieto.

Corman aconselha estudar com cuidado pela análise morfo-psicológica, quais as tendências, que podem ser desenvolvidas para auxiliar o equilíbrio que necessita.

Esse retraimento lateral é comum na juventude, mas, quando se processa muito cedo, leva a um esbanjamento de forças de expansão e, por isso, as reservas do organismo diminuem. O estreitamento do contorno, a grande excitabilidade e os movimentos muito rápidos, nervosos, uma contínua inquietação são os sinais que nos revelam, a necessidade de um cuidado especial. A dilatação é o que está fazendo-lhe falta, então devemos colocá-la num ambiente onde possa descansar, onde nada a excite, mas se for forçado a ficar imóvel, o nervosismo se agravará. Por isso, quando o retraído lateral começa a emagrecer, e torna-se irritado, é preciso levá-la para lugares calmos, ambientes serenos, no campo, com alimentação farta, horários regulares, e as pessoas que a cercam devem evitar tudo o que possa estimulá-la a dissipar forças.

Falta-lhe o retraimento frontal, que vai caracterizar o tipo do retraído frontal, quando esse retraimento começa a aparecer é sinal de que já está desenvolvendo-se um certo equilíbrio compensador da retração lateral com a frontal.

O retraído lateral, como o dilatado, está muito voltado para fora; isto é, para o mundo exterior, falta-lhe também vida interior. Ele é solicitado, é atraído

do, pelo que se passa à sua volta, enquanto, no dilatado, há uma certa passividade, uma não reação ao ambiente. No retraído lateral há atividade, e até em demasia; é levado à ação, ao exagero, a mal-gastar suas energias.

É aconselhável interessá-lo em algum trabalho manual, algum trabalho que o auxilie a disciplinar seus impulsos que são um tanto tumultuosos.

Retraído frontal — A segunda tendência compensadora é a **retração frontal**. É rara na infância. Quando começa a aparecer já nos marca o caminho para o equilíbrio, revela-nos muitas vezes uma certa precocidade, a criança demonstra reflexão, e sabe o que quer, mas lhe falta a vivacidade infantil.

A educação não será difícil. Se fôr bem compreendida adaptar-se-á bem ao ambiente; ela revela possuir uma vontade calma, mas perseverante. Para convencê-la, será mais fácil usar-se a razão.

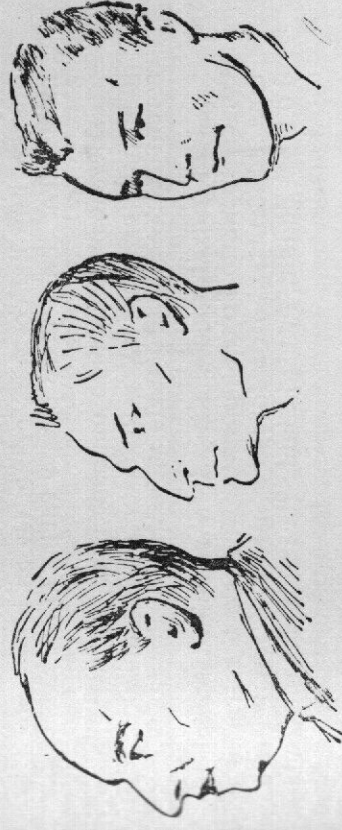
Fisicamente, são menores do que os que apresentam retração lateral, daqueles nos quais domina a retração lateral, o corpo é bem proporcionado, os gestos são medidos, e quase sempre possuem uma fisionomia séria.

Quando a retração frontal é mais forte, nota-se que os vestíbulos são mais fechados: a boca fecha-se com firmeza, o nariz torna-se levemente convexo, as narinas recuam, os olhos se aprofundam nas órbitas. Esta retração nos revela que a expansão não pôde realizar-se livremente, e que houve necessidade de proteger o organismo, demonstra que a criança passou os primeiros anos num meio hostil, contra o qual foi obrigada a defender-se, por possuir, hereditariamente, uma sensibilidade muito viva, susceptível de chocar-se com os fatos do meio ambiente.

O valor de um meio ambiente não se pode definir abstratamente. Está em função da maneira pela qual cada indivíduo recebe as influências. Um meio, que será para uma criança do tipo dilatado, rico de elementos assimiladores, pode ser, para uma com retração frontal, nocivo. Os elementos, que podem favorecer o retraído frontal, podem ser prejudiciais ao dilatado.

A saúde do retraído frontal na infância, é fraca, o crescimento irregular, o apetite é caprichoso, está sujeito a freqüentes indisposições.

Os ossos são finos, e às vezes apresenta uma córdia; essa aparência é produto de uma luta contra um ambiente, que possui elementos prejudiciais para ele; é uma busca de equilíbrio, a necessidade de achar um ambiente, que lhe convenha, e quando o encontra, sua saúde se fortalece e viverá muito tempo, apesar dos perigos que possam cercá-la.



1

2

3

Tipos de retraídos de fronte (de testa)

O mesmo se dá quanto à moral. É o oposto da dilatada. Está sempre revoltada contra o que se passa à sua volta. Tudo a choca, tudo a fere; a susceptibilidade, o espírito de contradição estão sempre à tona.

É necessário muita habilidade para educá-la. É voluntariosa, e quando decide fazer alguma coisa, enquanto não a executa, não socega.

Como é teimosa, e tem capacidade de sofrer sem chorar, julgam-na, muitas vezes, desprovida de afetividade. Não tem a facilidade de assimilação comum à dilatada e à retraída lateral.

Como seu organismo é o retraído frontal, difícil na escolha, só assimila o que lhe agrada, e naquilo que a interessa, ela se aprofunda. Quase sempre se torna autodidata. Possui a capacidade de concentrar sua atenção no que deseja, e observa e reflexiona só-

bre tudo o que vê. Seus julgamentos revelam uma certa precocidade no poder de reflexão. Muita profundidade nas afeições, mas não se revela em manifestações exteriores. Por isso poderá parecer a um observador pouco perspicaz, como frieza e incapacidade afetiva. É exigente na escolha dos amigos, mas é capaz de grande devotamento, e não concebe o meio termo: ou se é por ele ou contra ele.

Há dificuldade em se conhecer o íntimo de um retraído frontal, pois quando o ambiente lhe é propício, ele se torna expansivo, alegre, conversador, mas quando não lhe convém, então, ele se introverte, torna-se silencioso, e pode passar várias horas sem falar.

Essa capacidade de concentrar-se, facilita-lhe o desenvolvimento da vida interior e suas paixões, por serem refreadas, são mais violentas.

Mas precisamos distinguir o retraído frontal rico, do retraído frontal pobre. Naquele a retração é uma concentração de forças e, neste, é um refúgio, é o sinal de uma evasão diante da realidade que o decepciona.

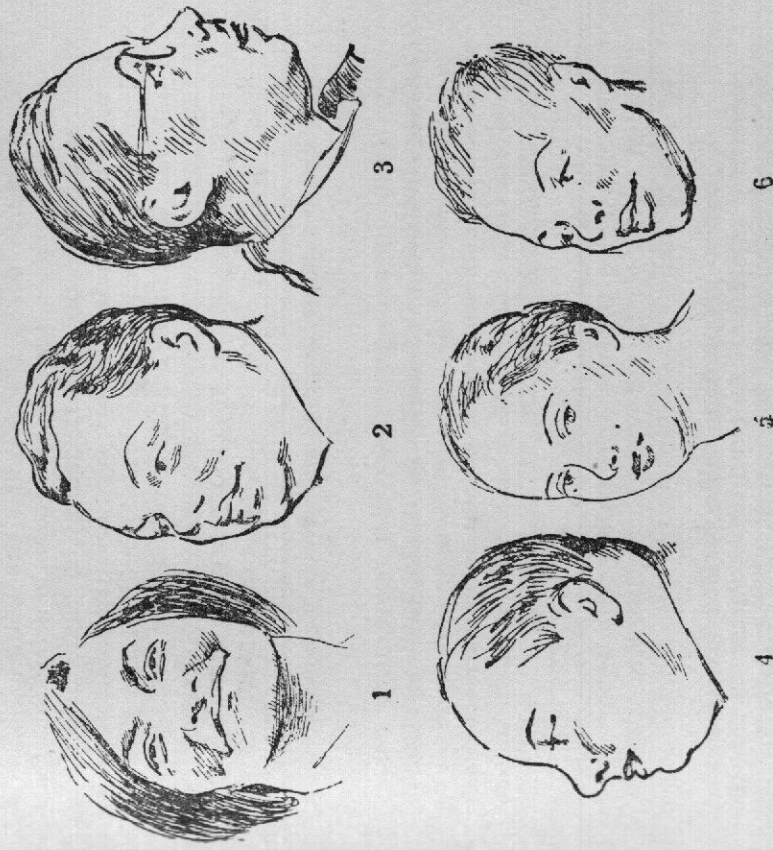
O valor da retração frontal é a vida interior, mas se não é enriquecida por uma constante troca com o meio-exterior, o que já exige uma certa dilatação, pode ser a revelação de uma individualidade estreita, muito egoísta, devemos, então, desenvolver na medida do possível, os elementos compensadores da dilatação e da retração lateral.

Facilitemos um ambiente favorável para que a criança retraída frontal possa expandir-se. Quando a retração frontal se processa numa criança, que já possui uma certa dilatação, então o retraimento é um elemento dinâmico, é uma concentração de forças de expansão acumuladas, e que poderá usá-las em ações de valor. Morfologicamente, o que pode nos indicar um retraído frontal rico é o contorno largo da fisionomia, a retração marca bem o perfil, sem adelgaçamento das formas.

Quando falta a dilatação, a criança volta-se egoisticamente para si mesma. Nesse caso, morfologicamente, o contorno é estreito, a fisionomia parece mais comprida e os vestíbulos mais fechados. É um retraído frontal pobre, sua retração revela uma fu-

ga para dentro de si e não uma concentração de forças, esta é a diferença entre os dois tipos de retraído frontal.

Consideremos que, no início, quando a retração frontal se forma, ela corresponde a uma real necessidade de proteção; o organismo toma tal atitude para defender-se do que lhe é prejudicial no meio ambiente, mas quando essa retração persiste, e torna-se muito acentuada, então é ocasião de intervir para moderá-la. Em primeiro lugar, reconhecamos que a criança, que apresenta uma excessiva retração frontal, necessita de um ambiente especial, diferente daquele, no qual está desenvolvendo-se, mas não podemos forçá-la a expandir-se, porque o fato de forçá-la poderá provocar uma maior obstinação. A tensão nervosa fortalece o retraimento, e a criança opõe uma resis-



Tipos de reagentes

tência ao ambiente que a rodeia e dificilmente conseguiremos o que desejamos.

Portanto, deveremos usar de habilidade com um retraído frontal, captar-lhe a confiança, para que nos sa influência lhe seja benéfica. Em primeiro lugar, não criticar nem ridicularizar o espírito de revolta, que muitas vezes revela, suas contradições, e protestos.

Ensiná-lo a aceitar os fatos, que não são evitáveis, despertar-lhe a simpatia humana, cultivar os sentimentos positivos, para que reserve sua energia, sua grande capacidade de concentrar forças, para as ações úteis, e não desperdiçá-las em pequenas lutas sem valor.

Embora se apresente a retração frontal, tanto em meninos como em meninas, no entanto é mais própria naqueles, porque está mais de acôrdo com as características do sexo masculino, o gosto pela luta, independência de carácter, etc., mas, na menina, também se apresenta, e pode trazer modificações profundas nas tendências sexuais, tornando-se essas meninas, que é costume serem chamadas de verdadeiro menino, aspirando a uma vida independente, fora de casa, longe do ambiente da família, onde ela própria se dilija, etc. Ela sente dentro de si uma luta, sofre o conflito, o choque de duas tendências difíceis de conciliar.

Para dar-se o equilíbrio, são necessárias certas compensações. Um pouco de dilatação e a retração lateral muito ajudam a diminuir a tensão interior, favorecendo a expansão e também revelam esses caracteres cheios de paixão, de poder de combatividade, que ambicionam dominar tudo, à volta.

Vimos, seja menino ou menina, a educação não é fácil. Exige observação, habilidade e saber disciplinar essa força que, do contrário, pode desencadear-se para o mal.

É preciso proporcionar-lhes tarefas que lhes despertem o interesse. As explicações racionais são facilmente aceitas, mas é necessário descobrir-lhes o caminho da afetividade, que procuram esconder. O retraído frontal encerra grande capacidade de devo-

ção, e sabe dedicar-se profundamente a quem consiga despertar sua afeição.

Retraído de base — A característica principal da retração de base é o estreitamento do queixo. A adaptação da criança ao ambiente torna-se mais difícil do que a do retraído frontal. Uma criança, com retração de base, vive recolhida em si mesma, foge de tudo que é nôvo. Não faz amigos, e teme os outros; é medrosa, e vive agarrada aos pais. Sente muita necessidade de proteção, não dá, porém, nada em troca. A fisionomia é estreita, a pele pálida e seca; apresenta um fraco desenvolvimento dos ossos e dos músculos. Os vestibulos quase fechados, oferecem o contraste de um rosto com o queixo estreito, diminuído, e uma testa ampla. Esse contraste é característico da retração de base.



Tipos de retraídos de base

Uma criança retraída de base exige uma educação especial, necessita encontrar um meio adequado para o seu desenvolvimento. Tanto os exercícios, como o ar livre devem ser bem dosados. Para corrigir o retraimento de base e favorecer o crescimento precisa-se criar, para a criança desse tipo, condições de fácil expansão.

Não lhe convém o escoterismo, tão favorável a uma criança dilatada, nem poderá ir passar temporadas no campo em companhia de crianças mais fortes do que ela. O que é aconselhável para o tipo dilatado, não o é para o retraído de base.

O ambiente de expansão para um dilatado pode ser de influência muito brutal, e acentuar a retração de uma criança retraída de base; assim também, co-

mo no retraído lateral, uma sujeição muito violenta, em lugar de moderar a impulsividade, exagera-a ainda mais no retraído de base. Um ambiente não adequado pode provocar uma crise de recolhimento ainda mais acentuado.

Passeios calmos pelo campo, onde possa brincar à vontade, mas sem se fatigar muito. Não se deve forçar a criança retraída de base a muitos exercícios, muita atividade. Não se deve forçar a natureza, nem exigir mais do que é possível obter.

Geralmente revelam muito amor aos livros, gostam de se deixarem ficar num canto com um livro nas mãos. Não se deve criticar, nem ridicularizar essa manifestação, mas procurar interessá-la também nos "ludus" de regras com crianças da mesma idade, alternar sua solidão voluntária, proporcionando-lhe brinquedos com outras crianças, mas sempre em número restrito.

Para conseguirmos que uma criança retraída de base se desenvolva normalmente, devemos, em primeiro lugar, não exigir dela esforços além daqueles que a sua natureza permite.

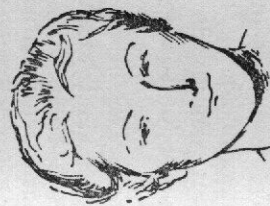
Os exercícios devem ser moderados, os companheiros devem ser da mesma idade, não muito mais fortes do que ela, e os adultos, que o cercam, devem ser calmos, e paciosos.

Afirma Corman que o tipo de retraído de base, com vestíbulos fechados, é muito raro em crianças, porque é uma morfologia muito oposta à condição da criança. O que é comum é o tipo que ele chama **tipo reagente**, de vestíbulos abertos, o que o torna adaptável ao ambiente, mas pelo contórno é um retraído o que o impede de assimilar profundamente as influências do meio.

Quer dizer que, embora esteja apto a assimilar, não acumula nenhuma reserva. A assimilação é superficial portanto, e pode dizer-se que sua adaptação é também muito superficial. A vida interior do tipo reagente é pobre, pois não conseguiu boas assimilações, boas trocas com o meio ambiente. Exteriormente parece rica; a criança dêse tipo revela uma inteligência viva, manifesta prazer em possuir numerosos amigos, e gosta da vida social. Mas as forças

de reserva se perdem rapidamente. Interessa-se por tudo, mas também não se aprofunda em nada.

Não consegue manter amizades firmes, nada é durável nela; se demonstra muita inclinação para o estudo, na primeira dificuldade desanima. Quer tudo aprender, mas o que exige reflexão não a atrai. Não possui essa vontade mais profunda, esse entusiasmo que não se abate ante as dificuldades, porque, na criança dêse tipo, existe uma contradição fisiológica. Há um esgotamento prematuro de forças, revelado no contórno retraído de base, obrigando-a a uma constante economia, o que quer dizer uma vida resguardada. Pela abertura dos vestíbulos, ela está apta a receber todas as influências. O instinto procura a defesa e manifesta-se essa defesa em dispersar toda a sua grande atividade em ações superficiais,



1

2

3

Retraídos de base

não se aprofundando em nada, porque dessa maneira nunca dá o melhor de si mesma. Nela há sempre uma reserva egoísta. Ela tem, como o retraído de base, necessidade de um meio de proteção. Seus vestíbulos abertos dão-lhe a capacidade de se interessar com curiosidade por tudo, e também o gosto de aventuras em ambientes novos, e faz amigos em todos que encontra. Mas apesar de seu egoísmo, ela dispõe muitas forças, e como não possui boas reservas, há, então, o perigo do esgotamento, e é o ponto fraco do tipo reagente.

Possui uma sensibilidade muito viva; qualquer coisa pode feri-la. Os movimentos são precipitados

e quase constantemente sua tensão nervosa nos revela esse estado, e como o retraído lateral, ao qual se parece, porém com menos vigor, a fadiga exagera a tendência, e provoca um grande nervosismo, e há casos em que pode sobrevir um esgotamento com perigo para a saúde.

O que provoca o desequilíbrio do tipo reagente é a contradição entre a retração do contórno e a abertura dos vestibulos.

O que equilibra esse tipo é a dilatação do contórno ou a retração dos vestibulos; a dilatação do contórno obtém-se, proporcionando à criança um ambiente no qual ela possa se expandir, alegrar-se, estar à vontade, um ambiente parecido com o dos primeiros anos; enfim, um meio de proteção. O nervosismo tende a diminuir se a mantivermos em casa, cercada de cuidados, o que vai favorecer o crescimento, e também acumular as forças de expansão. Após conseguir isso, então, a pouco e pouco, pode-se tirá-la de seu ambiente muito vagarosamente, para levá-la a outros ambientes.

Se tiver um dos vestibulos menos aberto, como seja, os olhos, ou a boca, ou o nariz, então, será menos difícil conseguir-se o equilíbrio. O organismo começa a mudar: ela recolhe-se, pode-se dizer, por determinado tempo, às influências, e não reage ao ambiente; então, dá-se uma mudança, de solitária torna-se sociável, e de ativa, preguiçosa. São sintomas de que já está se corrigindo, é uma defesa instintiva contra o esgotamento de forças, e corresponde a uma proteção, à defesa do organismo, a uma acumulação de energias para um novo período de expansão.

Ao educar uma criança do tipo reagente, devemos prestar atenção às inumeráveis manifestações do desejo de proteção, de abrigar-se. Podem-se julgar anormais essas mudanças, e é comum até assim o julgarem, mas é apenas uma manifestação de defesa do tipo reagente; esse estado nos revela um desejo de repouso, repouso de corpo e alma, e deve ser compreendido pelos pais, para que ela possa equilibrar-se e acumular forças. Precisam dormir bem, deve-se evitar todas as excitações que lhe impeçam a vinda

do sono. Necessita de uma vida calma e de bons hábitos.

O tipo da criança reagente é comum nas cidades e, principalmente, nas grandes cidades; necessita para seu equilíbrio físico e mental passar longas férias no campo ou na praia; mas para que ela se adapte bem, e obtenha real proveito, devemos organizar algumas distrações, porque não é conveniente tirá-la da vida agitada da cidade para a calma do campo ou praia, e isolá-la de repente. A mudança brusca não é aconselhável, ela precisa aprender a repousar, mas a pouco e pouco para adquirir forças e conseguir fazer reservas.



Tipos de bossuados

Após a análise das características do tipo dilatado, do retraído lateral, do retraído frontal, do retraído de base e do reagente, segundo o que ensina o caracterologista Dr. Luis Corman, quando observamos que uma criança está apresentando sinais de retração muito exagerados, devemos favorecer, por meio de todas as condições oportunas, a dilatação; isto é, criar o ambiente favorável para provocar a expansão, e à medida que vai desenvolvendo-se, dosar, por assim dizer, progressivamente, as influências que retem.

Para se conseguir o equilíbrio, não se deve reprimir a tendência que predomina, mas favorecer o desenvolvimento, o que quer dizer o desenvolvimento, das tendências secundárias, de maneira que possa assim se formar uma compensação, um equilíbrio entre as diversas tendências.

Há ocasiões que não precisamos intervir. A própria natureza realiza uma harmoniosa combinação de tendências, realizando o tipo equilibrado, o tipo no qual a dilatação, a retração lateral, a frontal e a de base formam o equilíbrio desejado.

TEMPERANÇA — Uma das quatro virtudes cardeais.

A temperança é também a moderação. Consiste ela na moderação nas tendências aos apetites sensíveis, cuja satisfação desregrada põe em risco a saúde do corpo e da alma. Consiste a temperança em conter os desejos dentro dos limites justos, que são estatuídos pela razão.

A temperança para com os alimentos é a **sobriedade**; para com a prática dos atos sexuais, é a **castidade**; para com a exibição do que ofende a castidade, é a **pudicícia**; no reprimir as paixões e a concupiscência é a **continência**; no apetite das glórias humanas, é a **humildade**; no moderar a ira, é a **mansuetude** ou **clemência**; na moderação dos aspectos exteriores, é a **modéstia**; a moderação no castigar, é a **clemência**.

Seu contrário é a intemperança, a imoderação, que surgem dos excessos, que levam a perder o justo meio.

Sem dúvida que, para a plenitude humana, tais virtudes são exigidas, pois como pode o homem concretamente atingir o máximo da perfeição humana sem tais fundamentos virtuosos?

E não é só a presença dos mesmos, que se exige, também, a sua harmonização.

TEMPERATURA BAIXA (Hipotermia) — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 22.

TEMPERATURA DO BEBÊ — Vide **Puericultura** — 9.º cap., § 1.

TENSÃO — Os estados de tensão, que se formam dentro do lar, surgem da incompreensão mútua, da pressão que exige um desafogo, que explode às vezes em efeitos emocionais, choros, explosões de ira. É mister evitá-los, e quando elas se manifestam nas crianças, é possível desfazê-los com os brinquedos, nos jovens pelo esporte, ou empregando alguma atividade. Muitas vezes esses estados de tensão são criados pelos

próprios pais, e estes podem diminuí-los, pois encontrarão, em geral, boa vontade dos filhos, que se adaptam facilmente, quando há manifestações de boa vontade e de justiça. A paz no lar é fundamental para todos, inclusive para os adultos, pois os que têm paz no lar estão mais aptos a vencer as dificuldades que surgem na vida.

TENSÃO PSICOLÓGICA — É o estado tensional, que consiste na unificação da concentração psíquica; e quando voltada para alguma coisa, temos **ad tensão**, **atenção** (vide); num estado de indiferença, temos **privação da tensão**, **atensional**, **não-tensional**; quando perdura, **per**, **per-tensão**; quando cai, **abaixa-se**, **hipo**, **hipotensão**; quando sobe, **eleva-se**, **hiper**, **hipertensão**.

TERAPIA INFANTIL — Vide **Cura pelo brinquedo**.

TERATOLOGIA — Parte da Biologia, que trata das deformações estruturais dos organismos, incluindo as **monstruosidades**.

TERMESTESIA — Sensibilidade ao calor e ao frio, capacidade de sentir as mudanças da temperatura.

TESTES — Esta palavra, vinda do inglês *test*, significa o meio de testar determinado aspecto. É muito usada modernamente no sentido de denominar aquelas provas que, com certa base científica, demonstram a habilidade e a capacidade de uma pessoa para determinadas tarefas. Assim usam-se testes para determinar a capacidade intelectual de um jovem, como também usa-se no campo da indústria e do comércio, na psicologia, etc.

É imprescindível, no teste, que se indique o tempo em que ele é feito.

Teste de inteligência — O mais comum é o que nos dá o quociente de inteligência, como vimos em **nível mental**. Os testes de inteligência permitem estabelecer os tipos de habilidade, por exemplo: a capacidade de compreensão de palavras; o bom uso do espaço por uma criança ao manejar um trem entre móveis numa sala; a capacidade do uso das quatro operações da aritmética; facilidade do uso da palavra para falar e para escrever; capacidade de raciocínio na resolução de problemas, tirar consequências; facilidade de memorização; repetir um verso, o número

do telefone; capacidade de percepção, das diferenças e semelhanças de um objeto.

Teste de aptidão — Consiste este no intuito de determinar a vocação da criança. Como essa normalmente sofre mudanças, os testes de nove anos podem não ser válidos aos quatorze.

Teste de capacidade — Consiste este teste em verificar a capacidade do aluno em aprender num determinado tempo, o qual determina o aproveitamento, e permite deduzir se a criança sofre de alguma perturbação que lhe impede aproveitar, como de vera, as lições recebidas.

Teste de personalidade — Consiste este em verificar a capacidade do jovem em relação aos valores, e a sua adaptação a diferentes situações. O perigo deste teste está em que o jovem tende a dar respostas favoráveis. Para isso, deve ele ser feito de modo indireto. Usa-se muito modernamente com esta finalidade o teste de Rorschach, que usa manchas, e pede-se ao jovem para interpretá-las. Outro teste, com essa mesma finalidade, consiste em mostrar diversas gravuras, pedindo ao jovem que as interprete. Os testes só devem ser empregados por pessoas experimentadas, e nunca se deve esquecer que os seus resultados são muito relativos.

TÉTANO — Vide Puericultura — 11.º cap., § 15.

TIPO — Vide Puericultura — 11.º cap., § 16.

TIMIDEZ — a) Atitude emotiva, que se caracteriza pela vacilação e por uma tendência em experimentar medo ante situações que propriamente não a justificam.

b) Caracteriza-se por inibições em face de outras pessoas, ou ante as relações naturais comuns. É sinónimo de reserva, e contrário de fanfarronice (vide).

A timidez, na infância, é freqüentemente passageira e esporádica. Pode ser uma reação cautelosa ante qualquer pessoa estranha; um retraimento contra alguém de quem a criança manifesta antipatia, ou uma defesa contra seu próprio estado de confusão. O único meio de fazê-la desaparecer é: tempo e compreensão.

Num bebê de sete a doze meses, é comum aparecerem sinais de desgosto ante alguma pessoa estranha. O bebê chora e muitas vezes persistentemente. Não é propriamente uma manifestação de timidez, mas uma espécie de precaução; demonstra que sua inteligência se desenvolve e ele começa a distinguir entre as pessoas, que lhe são familiares das que não o são.

Quando começa a andar é comum esconder-se atrás da mãe, ao chegar uma visita. As crianças são mais instintivas que os adultos em suas reações, e as manifestam espontaneamente. Não se deve forçar a criança a dar a mão ou a sorrir à pessoa, mas com calma e segurança, dizer quem é, deixando-a que resolva por si mesma a tomar qualquer decisão.

A criança passa por períodos de timidez que podem ser mais ou menos prolongados. Convém que os pais não forcem a tratar diferentemente os estranhos, para prepará-las, para, a pouco e pouco manterem contactos sociais.

TIPOLOGIA — É a disciplina que estuda os tipos e as diversas classificações apresentadas. Em geral, e sobretudo, refere-se aos tipos humanos.

TIQUES — Quando a criança revela certos espasmos musculares persistentes e repetidos, e não dominados, é quase sempre sinal de uma perturbação interna, indicando uma ansiedade por não ter a criança podido satisfazer alguma coisa. Quando ela não pode desfogar seu ressentimento, manifestam-se certos tiques, que são mais freqüentes nas crianças submetidas a uma tensão constante. Há tiques, porém, que são sinais de enfermidade física. O aconselhável em tais casos, como nos primeiros, quando não se pode, com segurança, saber a causa, é procurar o pediatra. O que não se deve fazer é admoestar a criança por revelar tais tiques, nem tampouco se deve desinteressar-se deles. Quando não têm uma origem física, devem os pais consultar um profissional competente.

TOLERÂNCIA — A pedagogia moderna afasta-se das leis e regras férreas da pedagogia mais antiga. Isto não quer dizer que haja abandono da disciplina, porque a ausência desta seria ainda mais prejudicial. O que caracteriza a pedagogia que quer auxiliar a formação de homens equilibrados, auto-confiantes, autônomos, livres, consiste em dar uma disciplina consciente, jus-

tificada, capaz de transformar-se numa auto-disciplinada, na qual a criança e o jovem atuem sobre si mesmos. A tolerância, que devem ter os pais, deve ser assistida pela prudência e pela justiça. A criança aceita mais facilmente a ordem justificada do que a imposta. Quando ela coloca seus brinquedos em lugares indevidos, os pais carinhosamente podem indicar onde devem colocá-los explicando porque. As crianças gostam de serem guiadas, mas rebelam-se quando são arbitrariamente dirigidas. O lar deve ser uma democracia, e não regulado totalitariamente.

TOMADA DE CONSCIÊNCIA — É a fixação da consciência já reflexivamente sobre alguma coisa, na qual passará de certo modo despercebida. Chamam também mentalização.

TORCEDURAS (luxações) — É muito comum sofrerem as crianças facilmente torceduras ou deslocções dos músculos. Um movimento repentino e violento, que obriga a criança a torcer a junção de um membro, além do normal, pode causar uma ruptura parcial ou completa dos ligamentos que o rodeiam. Os sintomas, em tal caso, são: intensa dor, uma rápida inchacção e uma momentânea palidez. É preciso administrar-lhe os seguintes cuidados:

- 1) Exercer pressão sobre a área afetada; uma venda é de grande ajuda neste caso de deslocção do pulso, e se caso fôr no tornozelo, colocam-se umas almofadas debaixo da perna, o que alivia a dor.

- 2) Usar compressas frias ou bolsas de gelo para as primeiras horas. Depois disto, o calor pode ser de muito alívio.

Se a inchacção e a dor não diminuiram num curto espaço de tempo, é preciso levar-se ou chamar o médico.

TORPEZA — Quando a criança revela certa torpeza, certo desajeitamento para as actividades próprias da sua idade, como correr, andar, etc., quando normalmente deveria ter o garbo e a destreza normais da idade, não revelando a coordenação normal dos seus movimentos, é preciso verificar se são proporcionados à idade ou não. Quando não o sejam (pois muitas vezes os pais exigem o que está acima de suas forças normais), podem surgir da acumulação de alguns conflitos emocionais ou de um receio da inde-

pendência que devem manifestar. O jovem, que tropeça num salão de baile, pode, como dianteiro, numa linha da sua equipe de futebol, ser dextro e hábil. É que, no salão de baile, preocupou-se com o que não lhe preocupa quando joga uma partida de futebol. Os pais não devem nunca ridicularizar o jovem quando torpe em seus movimentos. Devem, sim, ajudá-lo a vencer a falta de destreza. O uso da ginástica, dos esportes, dos exercícios correspondentes, corrigem muito esses casos, e, sobretudo, se forem acompanhados de uma diminuição do estado de tensão familiar, das causas geradoras de conflitos emocionais, etc. Vide **Consciência de si mesmo**, **Disciplina**, **Autoconfiança**, **Agressividade**.

TOSSE — Vide **Puericultura** — 12.º cap., § 6.

TOTEMISMO — É a divisão e organização social, que se funda na existência de tótems. Tal sistema é chamado **totêmico**.

TRAMPOLINAGEM — É sempre lamentável observar crianças e jovens que as praticam, enganando seus companheiros e envergonhando a si mesmos e aos pais. Não se deve, porém, considerar que sempre é indicio de mau carácter ou que, por outro extremo, sejam normais nas crianças. Nem sempre indicam mau carácter, e não são também normais nas crianças e jovens. Quase sempre tais atos revelam uma insuficiência de educação no lar. Por sua parte, os mestres podem mostrar aos alunos que elas revelam uma fraqueza e não uma força. A astúcia é uma inteligência degradada. A astúcia tem-na os animais, mas a nobreza dos atos e a sinceridade surgem no homem como exemplos da sua grandeza. O aluno, que "cola" no exame, revela que é fraco, e que não tem confiança em si mesmo. O que não usa esses recursos prova a sua inteireza de carácter. Em todos os brinquedos de regras, a criança gosta de que se respeitem as normas do jogo e se seja honesto e probo em seu atuar. O que obtém ganho à custa de uma vileza, mostra-se fraco. Deve-se ganhar ou perder com dignidade. Nos brinquedos e nos esportes, o cumprimento dessas regras e a sua constante acatuação podem ajudar a formar o carácter e a robustecê-lo, e, nisso, pais e mestres podem contribuir decisivamente. O resto a própria índole da criança e o idealismo normal dos jovens podem completar.

É mister auxiliar a criança e o jovem a terem respeito de si mesmos, desenvolver seu amor próprio (que é natural e fundamental), tomando o sentido da justiça e da prudência. Só assim se formará nêles o sentido da honra e do dever. Não devem os mestres de deixarem dominar pela época, pela qual passamos, em que corruptos e delinquentes são melhores aquinhoados na vida social. Lembrem-se que uma sociedade não pode sobreviver imersa na desonestidade e no crime. Temos de trabalhar por uma humanidade melhor, mais digna e mais nobre, onde o valor verdadeiro seja colocado em seu justo lugar. E essa sociedade principia no lar e nas escolas, porque a vida social do homem será, na verdade, uma projeção daquelas. O exemplo dos pais e dos mestres são decisivos. O que não devem fazer é dar um sentido de irremediável a tais casos. Devem enfrentá-los com calma, temperantes no julgar e no punir, e, sobretudo, serem hábeis nos conselhos que dão. No lar e nas escolas, é que se formam os homens de amanhã, e o amanhã será o que pais e mestres quiserem construir. Por isso, cabe-lhes a maior das responsabilidades.

TRANSTORNOS GÁSTRICOS — Estes transtornos decorrem de muitas causas. Uma indigestão, o princípio de uma enfermidade, o comer muito, podem ser causas que perturbem o funcionamento do estômago. Dependendo da causa, o remédio aconselhado difere. Em certas ocasiões, o vômito provocado soluciona o problema. Caso, porém, persista ou venha acompanhado de outros sintomas, convém chamar-se o médico. O que não se deve fazer é administrar purgantes ou laxativos.

TRANSTORNOS URINÁRIOS — Em geral, o fato da criança molhar a cama aborrece muito os pais. Também o fato de uma criança urinar mais vezes que o normal, é devido à bexiga não poder conter a mesma quantidade que outras crianças, ou ser indício de uma infecção. A dor (ardor) no urinar pode ter também diversas causas. Uma jovem, por ex., pode ter uma ligeira infecção vaginal, que teria afetado a uretra. Uma dermatite amoniacal pode ser causa que o pênis se inflame, e dificulte a saída da urina. Em grande número de casos, a dificuldade em urinar desaparece espontaneamente.

TUBERCULOSE — Vide *Puericultura* — 11.º cap., § 17.

U

UMBIGO — Vide *Puericultura*.

UNHAS (roer) — O hábito de roer as unhas pode ser decorrente do de succionar os dedos, mas, realmente, é mais um sintoma, sempre expressa estados de tensão nervosa.

A criança pode também adquiri-lo por imitação, às vezes dos próprios adultos. Na fase em que se desenvolve o *ludus imitativo*, na idade de três a quatro anos, mais ou menos, a criança costuma imitar, não só as pessoas que a cercam, como aquelas personagens que mais a impressionam em livros de gravuras, televisão, etc. E é nesse período que pode se fixar um hábito que tem, podemos dizer, a origem ou a predisposição na capacidade imitativa da criança.

É um mau costume também difícil de ser eliminado. Os métodos violentos não dão resultado; um método, que traz bons resultados e é o mais aconselhável, é a prática de exercícios físicos adequados à idade, ou, então, atividades diferentes daquelas que, comumente, têm a finalidade de descarregar a tensão nervosa.

A causa dessa manifestação de nervosismo pode estar no ambiente do lar, nos estados angustiosos dos pais ou pessoas, que convivam no mesmo teto, a criança, na maioria das vezes, possui a capacidade de captar esses estados inconscientemente. Por isso, convém investigar primeiramente o que poderia ter provocado essa manifestação para depois aplicar um processo de eliminação, que obtenha pleno êxito.

UNIPATIA — É a identificação emotiva, que se dá segundo a "participação" para Levy-Bruhl. Há duas espécies de unipatia: a **idiopática** e a **heteropática**. Numa, o outro é absorvido no eu; na segunda, o eu é absorvido no outro. Vide **Simpatia**.

URINA (em grande ou pouca quantidade) — Vide **Puericultura** — 12.º cap., §§ 12 e 13.

URINA (incontinência urinária) — Vide **Enurese**.

URINAR (à noite) — Vide **Puericultura** — 12.º cap., § 15.

URINOL — Desde os primeiros meses, o bebé deve acostumar-se a realizar as suas funções normais e necessidades fisiológicas de modo educado. Para isto, usa-se o urinol ou, então, cadeirinhas apropriadas para a privada. Assim o bebé acostuma-se, de forma quase automática, a coordenar a idéia da cadeirinha com a sua própria necessidade.

URTICÁRIA — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 13.

USO DE TELEFONE PELOS JOVENS — Vide **Adolescência**.

UTOPIA — (Do gr. u, partícula negativa e **topia**, de **topos**, lugar, o que não está em nenhum lugar).

a) Nome que Tomas Morus deu a um país imaginário (a ilha **Utopia**), em que vivia um povo feliz, graças às leis e aos costumes sábios, que presidiam aos seus atos e à sua vida econômica.

b) No fim da Idade Média e no início do Renascimento, surgiram inúmeras concepções de vida perfeita, a maioria inspiradas nos costumes e exemplos dos primitivos americanos.

c) Pejorativamente, emprega-se para acusar todo e qualquer ideal político, cuja aplicabilidade é julgada impossível por não corresponder, nem ser adequada à realidade humana.

O exame cuidadoso do que é realmente **utópico** e do que é **tópico** é matéria que exige cuidadosa análise, porque muitas **utopias** tornaram-se realidade, enquanto muitas concepções, consideradas tópicas, não passaram de simples quimeras.

V

VACINA TRÍPLICE — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 16.

VAIDADE — a) Carácter do que é vão, do que é vazio de valor, sem consistência, sem fundamento. A coisa vã é a coisa de pouco valor.

b) Carácter do que é vão ou vaidoso, do que apregoa um valor que não tem, do que estima excessivamente, além da medida, um valor pessoal. É o gabar-se a si mesmo.

VALOR — Em sentido ético, o valor de cada um é revelado pela oportunidade de mostrar a **autoconfiança** e a sua **autonomia**. Também valor é tomado no sentido da coragem, e consiste numa virtude subordinada à **fortaleza**, consistente na força de ser capaz de emprender o que é justo (**justiça**) e prudente (**sábio**). Nunca se deve negar à criança e ao jovem o seu valor, mas mostrar como é adquirível, e como pode aumentá-lo, através da confiança em si mesmo. Quando a criança quer fazer algo que é perigoso, aproveite-se para indicar o seu valor. "Você tem valor e coragem, e vai fazer isso com cuidado, e não vai cair, porque vai cuidar-se". O valor é a fortaleza temperada para afrontar as dificuldades e vencê-las. É mister ensinar às crianças para que o obtenham. O cuidado principal é nunca pedirem que façam o que está além das suas forças e da sua idade. Vide **Autoconfiança**.

VALORES (baixa dos valores) — Qualquer pai que tenha a mínima noção de responsabilidade, e que ainda não esteja avassalado pela crescente baixa dos valores éticos, que assoberbam a vida moderna, tem, naturalmente, que preocupar-se com o futuro de seu filho, a

educação que lhe deverá dar, quais os conselhos que convém ministrar, o rumo na vida social e econômica que deverá imprimir ao seu descendente. Estamos, realmente, numa época tremendamente viciada pela ascensão desordenada dos baixos valôres. Tudo quanto a humanidade aceitou, admitiu, respeitou como mais alto, passa a pouco e pouco para segundo plano, enquanto se elevam as normas de conduta, a maneira de proceder, os critérios julgados até então como torpes, baixos, mesquinhos, indignos.

Não há exagêro em nossas palavras quando assistimos a invasão do pior em todos os setores da vida social, na arte, na economia, na política, na filosofia, etc. Em toda parte, tudo quanto se desmereceu passa a assumir um alto prestígio. E por que? Precisamente porque os que até então representavam o que havia de mesquinho e inferior, graças às condições econômicas e políticas, ascendem aos altos postos, conduzem homens, marcam direções, estabelecem destinos.

Não são poucos os pais que perguntam a si mesmos o que devem fazer quanto a educação. Ao assistirem tantos canalhas afortunados, perguntam a si mesmos se a fortuna é apanágio da canalhice, e se se derem a seus filhos uma sensibilidade moral elevada não estarão afastados do caminho do progresso econômico.

Alguns temem educar suas filhas, dando-lhes um sentido ético superior, receosos de transformá-las em joguetes, depois, às mãos de aproveitadores impenitentes.

Outros pais temem ensinar a honestidade aos filhos, tementes de os condenarem para sempre a uma miséria humilhante.

Tais problemas não podem ser escamoteados, não podem ser desconsiderados, não podem ser desprezados, porque há evidentes sinais, que testemunham em favor das dúvidas, que estabelecem temores nos corações paternos, que fazem vacilar a fé em milhos, e precipita não poucos a seguirem um rumo dos mais desastrosos.

Contudo, devemos partir da apreciação de fatos que são reais. O espetáculo atual de nossa pátria é ainda cheio de mazelas e de exemplos que não nos dig-

nificam. Mas países como o Brasil, em iguais situações, também atravessaram essas crises morais. Também tiveram exemplos como os nossos. Mas em muitos países já conseguiram certos povos erguerem-se acima da miséria em que viviam, e puderam estabelecer normas de vida mais justa e mais sã.

Nada contribuiremos para melhorar as nossas condições se nos deixarmos apanhar na rede da descrença, da desesperança. É mister alentar a nossa juventude. Ademais, os jovens, em nossa terra, em sua quase maioria, revelam um anseio de justiça e de decência. O número dos degenerados, dos que se perverteram, dos que se deixaram arrastar pelo vício, é o menor.

Não devem os pais temerem o futuro, nem julgarem que o caminho do bem não assegura aos filhos maior tranqüilidade, porque se enganam. Dentre os que procedem com honestidade, a quase totalidade adquire a tranqüilidade e uma felicidade interior — que é a verdadeira felicidade — que a posse dos bens materiais não é capaz de assegurar. E, ademais, o número dos patifes vitoriosos e afortunados nunca é o maior. É uma minoria, porque a maior parte termina na cadeia ou numa decadência infame, quer moral ou material.

Não temas os pais essa ascensão dos baixos valores. Ela não há de perdurar nem obterá vitória. Lutem pelo que há de mais nobre e mais digno, mas lutem em todos os setores. Não julguem que tolerando que na arte a mediocridade queira transformar em obra superior as degeneradas realizações da morbidez, que nada estão fazendo em favor da decadência moral, porque estão, sim, estão cooperando indiretamente para que a canalhice avance. Não se julgue que quando se tolera que uma música mentirosa e baixa penetre em nossos lares, que não cooperam para o advento do pior. Cooperam, sim. É preciso saber lutar contra a falsa filosofia, a falsa estética, a política desordenada e impudica, o mau cinema, o mau teatro, os péssimos programas de rádio e de televisão, o mau livro, a obra de falsa cultura, o divertimento pouco sã, a valorização da mediocridade, porque a luta contra tudo isso é uma resposta enérgica à decadência e a preparação de um terreno melhor para que nêle surjam realizações mais dignas.

Não devemos cooperar para que um jogador de futebol ganhe mais que um magistrado ou um professor; que um cantor de rádio ou de televisão tenha proventos superiores ao sábio que se dedica ao bem da humanidade. É mister que todos nós saibamos dar o valor real às coisas, e não permitir que as multidoes endeusem seus falsos heróis de barro, erguendo-os a posições que não merecem, em detrimento dos verdadeiros valôres. Saibamos ser justos, se queremos viver em justiça. Não têm direito de queixar-se que é explorado aquele que contribui para que valôres inferiores sejam exaltados.

Não alimente o pai nem o mestre na criança o ideal de ser um herói vulgar, o herói das multidões, porque estarão talvez forjando um futuro delinquente. Alimentem na criança um ideal mais elevado, uma meta superior. A humanidade não se ergueu nos pés nem nas mãos dos atletas, nem no canto desafinado de falsos cantores, mas, sim, pelo trabalho persistente e honesto de homens de saber, de incansáveis lutadores pelo bem, que nos legaram um patrimônio de benefícios que não temos o direito de desmerecer, porque seria uma ingratidão sem par.

Podem os pais ensinar sem receio aos filhos serem homens de brio, porque eles jamais conhecerão a miséria das almas desencantadas. Farão dêles homens que saberão arrostar as dificuldades da vida com a galhardia dos fortes e não com os lamentos e os soluços dos covardes.

VANDALISMO — Na História, os vândalos, quando invadiram Roma, não só a saquearam, como destruíram edifícios e incorreram nas mais torpes crueldades. Desde então, êsse termo serviu para indicar os atos de destruição e de desrespeito ao que deve ser considerado inatacável. O vandalismo foi repetido na História, nas grandes guerras, na ação, também, dos indivíduos e é verificável na criança que destrói, que atira pedras nas janelas, no jovem que rasga o assento de cadeiras de cinema, que destrói plantas nos jardins etc. Muitas penas e castigos se estabeleceram para punir êsses atos. Mas, na pedagogia, deve-se estudar nas crianças e nos jovens as suas causas. As crianças, que se revelam como vândalos, e os jovens de igual espécie quase sempre são maus alunos, e não menos ruins filhos. São comuns em crianças de

famílias acomodadas e ricas. Surgem quase sempre de crianças, que não tiveram desenvolvida a sua **autoconfiança**, que se tornaram rebeldes e agressivas (vide **Agressividade**), ou que foram superprotegidas (vide **Superproteção**).

VARICELA (Catapora) — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 6.

VARÍOLA — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 18.

VERRUGAS — Pensam os especialistas em geral que as verrugas se devem a um vírus. Contudo, êsse vírus não foi isolado. São contagiosas, e quando coçadas, tendem a expandir-se.

As mais comuns nas crianças surgem no rosto e nas mãos e, em geral, desaparecem espontaneamente. Caso tal não se dê, há vários métodos efetivos e sem dor, que podem extirpá-las.

VERTIGEM — a) Sensação de náusea, que é atribuída a um excesso de estimulação dos canais semicirculares receptores.

a) **Vertigem mental** — É a lei psicológica, que Renouvier enuncia do seguinte modo: "Tôdas as vezes que um certo movimento é dado pela imaginação, e previsto como possível; ou ainda, que um certo fim é representado, como podendo encontrar-se junto à seqüência de um certo movimento, e que ao mesmo tempo é uma paixão, mais ou menos viva: desejo, temor, ou somente espera ansiosa e perturbadora, que ocupa a consciência, e quando a vontade não intervém logo, para mudar o curso das representações, manifesta-se, nos órgãos, uma disposição para realizar o movimento imaginado, tanto quanto comporta a sua espontaneidade".

A **imitação automática** e a **vertigem**, no sentido comum, são os efeitos físicos dessa lei.

VESTIDOS (Os) — A roupa infantil deve ser antes de tudo prática. O guarda-roupa infantil deve ser simples, e os vestidos delicados, e com bordados, devem ser reservados para ocasiões especiais. No momento em que o bebê começa a gatinhar convém deixar-lhe os movimentos bem livres, e nada melhor do que calções curtos ou compridos, amplos e agradáveis. O

uso de aventais é muito prático e possibilita manter-se por mais tempo a roupa do bebê limpa.

Deve a mãe orientar-se por este princípio: no verão, usar roupas agradáveis e frescas, e na época do frio, camisas de flanela, sueters de lã, e um abrigo para os dias chuvosos ou mais frios.

Quando a criança já começa a manifestar preferência pelo que vai usar, é preciso dar-lhe às vezes a oportunidade de escolher o que gosta. Nestas ocasiões, leve-a consigo e deixe-a escolher o sapato, ou uma calça.

VESTIR-SE POR SI SÓ — O hábito diário de vestir-se, que termina por tornar-se quase automático, é contudo o resultado de um longo aprendizado pela criança, que o adquire após muitas tentativas e práticas.

O bebê, quando chega a um ano e meio, começa a manifestar interesse pela operação de vestir-se, e tenta, muitas vezes, ajudar a colocar o suéter ou a meia, o que é sumamente difícil para ele. Com dois anos e meio, já conseguirá pôr ou tirar um casaco ou o sapato. Entretanto, não terá a habilidade manual de desabotoar ou abotoar. Os pais devem, quando a criança tenta fazê-lo por si só, ajudar. Contudo devem fazê-lo sem pressa, nem nervosismo, pois podem levar a criança a desanimar.

O elogio é necessário à criança que intenta e consegue retirar uma roupa ou vesti-la, o que a estimulará a tentar novamente. As meninas, normalmente, gostam de escolher o vestido ou algum casaco ou sapato em determinadas ocasiões. Convém deixar que o façam, e se possível que se vistam sôzinhas.

VIAJAR COM CRIANÇAS — Uma viagem longa com crianças pode tornar-se agradável se com antecedência forem tomadas uma série de providências e considerando certos dados. Primeiro: o meio de comunicação a ser usado, se fôr avião, será mais rápido; se de carro, mais demorado, mas com possibilidade de levar uma bagagem maior.

Segundo: o que é necessário levar, comprimidos, calmantes, etc. É conveniente que a criança leve um brinquedo escolhido por si própria.

O bebê tem de viajar com algumas fraldas para trocar; água, alimentação, previamente preparada. Os alimentos mais aconselháveis são frutas, bolachas, chocolate, etc.

Quanto à roupa, deve ser resistente e facilmente lavável. Naturalmente que uma viagem que se prolongue por mais de cinco ou seis dias não pode ser feita dentro de um horário rígido, como poderia fazer o adulto. Muitas vezes haverá atraso na hora de sair, e convém parar algumas vezes devido à criança. Naturalmente que os pais devem ter o máximo de boa vontade e espírito esportivo para que a viagem resulte um descanso recreativo e não uma obrigação.

VIDA EM FAMÍLIA — Vide *Família Moderna*.

VINDITA — Etimologicamente, é vingança, punição. Mas refere-se comumente à reação da consciência moral ofendida, que reclama um castigo ao ato, moral ou juridicamente vituperável, ou criminoso.

VINGANÇA — Ação ou efeito de vingar, no sentido de represália, de desforra, de *vindita* (vide).

VIOLÊNCIA — a) Violento é o que tem vis, força, mas que atua, contrariamente, opondo-se à natureza de um ser: Violentar uma coisa...

b) O que se exerce com uma força impetuosa.

c) Diz-se do sentimento ou da afeição, quando supera a vontade.

d) Diz-se da pessoa que procece de maneira violenta.

e) Violência é o caráter do que é violento.

f) É também o emprego ilegítimo da força.

VIOLÊNCIA NA PEDAGOGIA — Vide *Agressividade, Frustração e a Introdução*.

VIRTUDE — Chamam-se virtudes todos os hábitos constantes, que levam o homem para o bem, quer como indivíduo, quer como espécie, quer pessoalmente, quer coletivamente.

É esse o conceito de *virtude* (de vir, homem). É a potência racional que inclina o homem à prática de operações honestas, tendentes para o bem.

Pode-se, assim, falar de virtudes morais e virtudes intelectuais. As que tendem para o bem honesto são virtudes morais, as que tendem para a verdade são as intelectuais. A caridade é uma virtude moral. As virtudes intelectuais, também chamadas especulativas, são a sabedoria, a ciência, etc.

VIRTUDE (seu sentido atual) — É inegável que o desenvolvimento das ciências, tanto as da natureza como as da cultura, e a crescente confusão de idéias no campo da Filosofia, invadido em muito pelos gostos e pelos processos estéticos, bem como o advento das ideologias políticas e sociais modernas, tiveram um papel de perturbador no campo religioso, fazendo afastar do estudo mais sério das religiões muitas mentes de certo modo intelectualizadas e cultas, que por desconhecerem o verdadeiro sentido das idéias religiosas, confundidas apenas com a sua simbólica, no que têm apenas de exterior, e nos seus rituais, não devidamente interpretados, levaram essas mentes a se afastarem das idéias mais caras da humanidade e, no setor pedagógico, a intervirem de modo dissolvente e pernicioso, contribuindo mais para perturbar os jovens em formação do que lhes dar uma direção mais consentânea com os justos interesses da vida social.

É o que se verifica em torno do termo **virtude** e do seu verdadeiro conteúdo, que, graças a uma ação deletéria, fruto mais da ignorância que da má fé, passou a ser relegada para segunda plana, com grave prejuízo para a boa educação e para a formação sólida de caracteres humanos fortes.

Impõe-se, assim, clarear o verdadeiro sentido deste termo. Se partirmos de um exame etimológico do mesmo, sabemos ter sua origem no termo **vir**, **viris**, do latim, aparentado com **vis**, **fôrça**. Em suma, **virtus** é a força viril, a capacidade forte de fazer. Estamos, aqui, tomando o termo em latíssimo senso. Em sentido lato (*in latu sensu*), porém, significa a capacidade (fôrça) de praticar atos bons; ou seja, capacidade de praticar habitualmente atos convenientes à natureza do homem como indivíduo, e como ser social. Em suma, virtude é, esse **hábito**, essa capacidade de certo modo adquirida, de poder, **habitualmente (constantemente)**, praticar atos bons, que são os que

convém à natureza de uma coisa dinamicamente considerada.

Que pretende a pedagogia? Não é acaso, conduzir (**gógia**) a mente jovem (**pedes**), a mente humana, a habitualmente praticar os atos que são convenientes, não só à natureza do indivíduo como do mesmo em relação à sociedade, tomando essa natureza não em sua extaticidade, mas em sua dinamicidade e em sua cinemática (ou seja, nas atualizações das possibilidades que dispõe, e em suas relações múltiplas no ambiente circunstancial social-histórico em que vive)? Pois se é isso, não pode a pedagogia esquecer nunca a sua grande missão e a sua máxima tarefa, que consiste em tornar o ser humano o mais apto possível para a convivência humana.

Em todos os ciclos culturais, entre os hindus, chineses, egípcios, no ocidente, árabes e em todas as culturas mais primitivas, sempre se fixou a consciência de que o ser humano, para o seu bem e para o bem coletivo, deve primar pela posse, e uso habitual de certas capacidades, como as seguintes:

1) É mister que o ser humano desenvolva a sua capacidade de saber. Não só de um saber prático, que o torne capaz de saber usar dos meios mais eficientes para alcançar os fins justos, como também de adquirir os imprescindíveis conhecimentos técnicos e cultos, que o tornem um homem capaz de ser criador e executor cuidadoso de seus misteres.

2) É mister, ainda, e em todos os ciclos culturais, que esse homem, para poder conviver com seus semelhantes, tenha consciência do que é devido a cada um e do que é devido a si mesmo, numa ampla concepção de seus deveres, não só para consigo mesmo, mas para com a sua família, grupo social e sociedade, bem como a mais clara, ampla e segura orientação de seus deveres correspondentes, de modo que atue no âmbito social, não como um elemento pernicioso a si e aos outros, mas como um elemento equilibrado cumpridor de obrigações e consciente de seus direitos.

3) É mister, e em todos os ciclos culturais, que seja forte em seus atos, que saiba enfrentar as dificuldades, sem trepidar ante o medo, que saiba vencê-lo, que saiba arrostar os perigos com ânimo forte, e

não se deixe abater ante os mais mínimos obstáculos. Que seja, em suma, valente.

4) É mister ainda, e em todos os ciclos culturais, que não se entregue a excessos que possam pôr em risco, não só o seu bem, a sua saúde, a sua vida, mas, também, a de seus semelhantes; que saiba proceder, equilibradamente, bebendo a taça da vida, sem se entregar à embriaguez desenfreada, que, em suma, entre o meio termo justo e bom.

Pois bem, essas quatro capacidades, chamaram os homens em todos os tempos prudência (ou sabedoria), justiça, coragem (ou fortaleza) e moderação. Para alcançar essas quatro capacidades fundamentais é que se esmera a verdadeira pedagogia. A justa e verdadeira pedagogia é a que é capaz de construir homens sábios, justos, valentes e moderados. Toda a atividade pedagógica deve cingir-se a esse caminho, a essa prática.

Assim, toda vez que o pedagogo merece as chamadas quatro virtudes cardeais (do latim *cardo*, cardinis, o gonzo das portas), como assim são chamadas, por que são elas os esteios do bom cidadão e do homem apto e capaz, a pedagogia falseia a sua verdadeira finalidade. Vide *Cardeais (virtudes)*.

VIRUS — Virus é um agente infeccioso que, graças ao microscópio eletrônico, a medicina moderna já se encontra em condições de descobrir, e em muitos casos, identificá-lo como origem de uma enfermidade específica. Algumas destas doenças são: a gripe, a varicela, a caxumba e o sarampo.

A varíola é uma doença causada por virus, que foi combatida com o emprêgo da vacina antivariólica. Outras enfermidades não foram ainda perfeitamente imunizadas, apesar dos estudos realizados por cientistas neste setor.

VISÃO DEFEITUOSA NAS CRIANÇAS — Os defeitos na visão podem em regra geral, ser facilmente corrigidos. O uso dos óculos pode resolver muitos casos, embora haja outros que exigem outras providências. Nos casos de visão parcial, a criança precisa ser ajudada para desenvolver a confiança em si própria.

VISITAS — É aconselhável, antes de uma criança entrar num Jardim de Infância, levá-la a fazer uma ou ou-

tra vez uma visita. Neste caso o pai ou a mãe a leva, e deixa-a por umas horas na casa de um amiguinho. Logo que ela se acostume a outros lugares e pessoas, pode ficar na casa de um amigo ou parente, e até dormir aí num fim de semana.

Uma criança menos independente se acostumará com certa dificuldade, e reagirá, quando levada de visita. O principal é dar a ela o máximo de confiança, de modo que isto se torne uma coisa corriqueira para que não venha criar-lhe maiores preocupações.

VISITAS (receber) — Do mesmo modo que é conveniente a uma criança receber visitas de seus amiguinhos, também lhe convém que as faça. Não obstante, a constante visita de amiguinhos não é conveniente. Deve-se desde cedo fazer sentir o lar, por parte da criança, como algo que merece ser tratado como inviolável e sagrado. As visitas devem ser tratadas como visitantes e só as pessoas da própria família ou muito íntimas poderão ter acesso completo e igual no lar, para que desde cedo se marquem certas distâncias que são necessárias de considerar no resto da vida.

VITAMINAS — O descobrimento das vitaminas abriu um novo campo na nutrição. Já se conhecem várias, mas há outras, cuja descoberta ou isolamento, ainda não foram feitos. Entre as conhecidas, temos a A, cuja deficiência se manifesta por vários sintomas. Entre os mais importantes, temos a cegueira noturna, queda do cabelo, escamas na pele, inflamações da pele, desequilíbrio do crescimento, etc.

Alimentos que possuem esta vitamina: cenoura, espinafre, leite, banana, ovo, manteiga, salsa, brócolo, beterraba, etc.

A vitamina B1 encontra-se muito espalhada na natureza. Temos o leite, fermento de cerveja, nas nozes, nos legumes, nos cereais integrais, etc.

A vitamina B12 combate a anemia perniciosa. Suas fontes são: fermento de cerveja, farelo de trigo e de arroz e fígado dos mamíferos.

A vitamina C se armazena no organismo em pequena quantidade, daí ser necessária a sua ingestão diária. Aparece nas frutas cítricas: laranja, tan-

gerina, etc. Dentre as verduras, o pimentão, o espinafre, a acelga, o repolho, a couve, o agrião e, entre as frutas, o mamão, o abacaxi, a manga, etc.

É preciso ter-se em mente que as frutas e verduras possuidoras de vitamina C, em contacto com o ar perdem esta propriedade. Assim, os sucos de frutas, etc., preparados e expostos ao ar, dentro de uma hora, mais ou menos, perderão metade da vitamina C. Verduras como a couve, a cenoura não devem ser raladas a não ser com um ralo bem grosso.

Nas infecções febris e nas infecções locais (sinusites, otites, amigdalas), no reumatismo crônico, no diabetes, a porcentagem da vitamina C deve ser maior, pois se torna necessária; o mesmo se dá nas doenças intestinais, cuja falta precisa ser suprida com uma dose maior.

A vitamina P é encontrada nas frutas cítricas, no pimentão e nas verduras. Sua falta faz com que a parede dos vasos sanguíneos que ligam as artérias às veias tornem-se muito fracos, originando-se pequenas hemorragias. Como medicamento, sob a forma de rutina é empregada também nos casos de hipertensão.

A vitamina D é outra muito necessária. Suas funções são várias e entre elas a mais importante é concorrer à formação dos ossos. Encontra-se na gema do ovo, no leite, óleo de fígado de bacalhau e nos banhos de sol.

A vitamina E, chamada "vitamina da fertilidade" devido a sua ação no organismo humano, pode ser encontrada no óleo de embrião do trigo; nas verduras de folhas verdes, ovos, leite, óleos e cereais integrais.

Vitamina K — sua falta manifesta-se pela dificuldade de coagulação do sangue. Encontra-se nos vegetais de folhas verdes (espinafre e repolho); feijão, soja, ervilha, etc.

Muitas vezes os processos culinários destroem as vitaminas dos alimentos. Daremos uma série de conselhos a seguir:

1) A cenoura, a beterraba, o nabo, etc., e demais verduras que tenham a raiz em forma de tubérculo e

fólias, logo depois de colhidas, deve-se separar as folhas dos tubérculos, pois assim não continuarão a retirar suas reservas do tubérculo.

2) Não se deve deixar os alimentos imersos na água. A lavagem deve ser rápida.

3) As verduras devem ser cozidas no menor tempo possível. Logo que estejam brandas retire-as do fogo. Algumas vitaminas, como o ácido ascórbico (vitamina C), são completamente destruídas com a cocção.

4) Verduras como a beterraba, cenoura, vagem, repolho, batata, etc., devem ser cortadas em pedaços não muito pequenos. A batata deve ser cozida com sua casca e o tomate também. A película impede perda das vitaminas e dos sais minerais.

VIVÊNCIA — De viver. É um termo ainda vago, introduzido na Filosofia para traduzir a palavra alemã *Erleben*.

Vivência é a primeira experiência do mundo pelo eu, vivência caótica e sensível na criança, vivência dos contrastes da experiência, da elaboração da experiência pelo pensamento. Há, assim, uma vivência sensível (na intuição sensível), uma vivência intelectual (nas operações intelectuais), e uma vivência afetiva (nos processos afetivos).

O termo **vivência** vem enriquecer o vocabulário filosófico e permite diversas prefixações, tais como: **convivência**, que é a vivência simultânea de vários homens, **cosistência**; **retrovivência**, a vivência dos fatos passados, como os históricos; a **supervivência**, a vivência que se dá nos que sucedem no existir social; a **transvivência**, como a vivência da alma sobrevivente (**sobrevivência**) ao corpo.

VOCACÃO — A determinação com segurança da vocação é um dos problemas mais difíceis da atualidade. Além de inúmeros estudiosos, organizam-se diversos institutos, dedicados a estabelecer a vocação de cada pessoa, já que nós nem sempre acertamos quanto às nossas verdadeiras possibilidades. O número de pessoas frustradas, malogradas, marginais, é consequência de erros na escolha da vocação, pois muitos malogram em setores determinados, e que poderiam ser vitoriosos em outros, para os quais estão melhor habilita-

dos. A dificuldade em escolher com a devida segurança tem sido o motivo desses erros. O número de pessoas dessa espécie preocupa seriamente aos psiquiatras, e também aos pais. Estes, normalmente, desejam que os filhos ocupem as melhores posições na vida, e constroem sonhos sobre o futuro dos mesmos. Na sociedade medieval, e até bem próximo aos nossos dias, os filhos seguiam as ocupações dos pais. Modernamente, porém, em vista do acentuado número de malogros e, também, do aumento de autonomia da juventude, os jovens têm oportunidade de imporem a sua vontade quanto à vocação a seguir. A orientação atual é mesmo esta: facilitar à juventude a escolha da sua ocupação. Contudo, em face das dificuldades na escolha segura, o problema continua o mesmo. Sem dúvida que muitos pais, devido à influência que exercem sobre os filhos, forçam-nos a seguir a carreira que eles julgam mais adequada e, são, por isso, causadores não intencionados de prejuízos para os próprios filhos. O papel do pai nesta questão é de facilitar ao filho as possibilidades, não só materiais como espirituais, para que desperte nele a verdadeira vocação, ajudando-o a considerar devidamente a que melhor convém. A ajuda paterna, nesta questão, é de grande importância, porque o pai pode conhecer melhor o carácter dos filhos, as aptidões reveladas, o grau de persistência no interesse despertado, porque a criança revela, em determinados períodos, um interesse acentuado por um setor de atividade e, posteriormente, muda de orientação, não uma, mas muitas vezes. São muito raras aquelas crianças que persistem por longo tempo num campo de interesse sempre o mesmo. Sabemos que, na época moderna, eminentemente dominada pela economia, os jovens são normalmente atraídos pelas profissões mais rendosas. Nestes casos, não há propriamente a manifestação vocacional, porque o móvel não é intrínseco, mas extrínseco. É mais a concupiscência que atua que, propriamente, a vocação. Os próprios pais estimulam nos filhos o interesse pelas profissões mais rendosas, e é natural que o façam, pois desejam assegurar ao filho o bem estar, esquecendo, porém, que este bem-estar pode colocar-se em contraste com a felicidade. (Vide Felicidade).

De qualquer forma, os pais devem atuar racionalmente, e nunca afetivamente. Devem apresentar ra-

ções em favor desta ou daquela vocação, nunca fazer apelos aos ímpetos irracionais do filho, porque poderão despertar-lhe um interesse que poderá ser passageiro e que o levará a tomar um rumo, do qual, posteriormente, se arrependerá, acusando o pai de não o haver orientado devidamente.

Em países como o Brasil, em que há facilidade da pessoa mudar de profissão, os erros de vocação são, de certo modo, remediáveis. Mas em outros países, de economia mais rígida, aquele que escolheu uma profissão errada, terá de arrastá-la pelo resto da vida, sofrendo as consequências do erro cometido, sem o recurso de uma nova escolha.

Porisso, nestes países, os estudos vocacionais são orientados por uma equipe escolhida com o máximo rigor. Isto não quer dizer que entre nós também não se faça o mesmo, pois devemos sempre evitar os malogros. Algumas regras podem ser oferecidas como preparatórias. A escolha da carreira ou ocupação não deve ser feita muito cedo. Realmente, apresentam-se algumas vantagens na escolha precoce, porque permite uma preparação mais intensa e uma melhor especialização, mas, por outro lado, é a fonte mais freqüente de grandes frustrações. Os pais, que já passaram por estas experiências, e que cometeram os seus erros, preocupam-se muito mais intensamente com a escolha que o filho. Entretanto, todos deveriam ter esta preocupação. Existem inúmeros sistemas e testes para aquilatar a verdadeira aptidão de uma pessoa, e há institutos especializados para estas funções. Quando os pais vacilarem, temerosos de errar em seus conselhos, deverão, então, procurar institutos vocacionais, realmente criteriosos e de idoneidade comprovada, para auxiliarem o filho na boa escolha.

VOLUNTARISMO — a) É a doutrina que afirma que o fundo das coisas deve ser concebido como uma **vontade**, em analogia à vontade humana. Um querer... como na concepção de Schopenhauer, de Nietzsche.

b) Na Psicologia, a doutrina que afirma que as representações e as funções intelectuais estão subordinadas à vontade.

c) Na Ética, a doutrina que admite a superioridade axiológica da ação e do sentimento sobre o pensamento intelectual e reflexivo, muito próprio dos românticos, e que encontramos em Nietzsche.

VÔMITOS — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 8 e 10.º cap., § 23.

VONTADE — Para os platônicos, a vontade é a faculdade que tende apenas para o verdadeiro bem. Tal definição não considera a moção psicológica, mas apenas a moral. Também ao definir-se a vontade como a **faculdade** que tende para os objetos materiais, pois a vontade ora escolhe uns, ora escolhe outros, não se inclui aquela moção.

A vontade tende para a apreensão, pelo intelecto, dos bens que são apresentados, através da cognição subjetiva.

A vontade é, assim, um grau mais perfeito do intelecto, pois sendo mais perfeito o seu objeto, é aquela, portanto, mais perfeita. O intelecto tem como objeto o ser enquanto tal, mas a vontade tende para o objeto enquanto apetível. É mediante o intelecto, que a vontade se manifesta.

Pode-se definir o ato voluntário, como o que procede de um princípio intrínseco, com cognição do fim. Não surge de um princípio fora do agente, mas no próprio agente. A cognição do fim indica a direção que toma se a cognição é perfeita, isto é, quando o fim, enquanto tal, é apreendido formalmente temos o ato voluntário perfeito. Este é apenas o apetite sensitivo.

Desejar consiste numa representação mais ou menos vaga de que nos seria um bem a realização ou a obtenção do que é objeto de nosso pensamento.

Querer é esse desejar, mas acrescentado da possibilidade de realizar-se o desejo.

Desejamos o impossível até, mas queremos o que julgamos possível.

No querer, existe uma deliberação, um sopesamento, um balancear de valôres. O desejo torna-se querer, quando há essa deliberação, esse balanceamento. Então, para bem compreendermos o **querer**

para compreendermos o ato voluntário, o ato **volitivo**, necessitamos analisar bem essa **deliberação**.

Não há um querer sem uma idéia do que é querido, isto é, sem um **motivo**, uma representação intelectual.

Mas basta só isso para orientar o querer? Não; é preciso que alguma coisa nos mova para o que é querido; é mister, portanto, um móvel, que tanto pode ser a atração de um prazer como o medo de um desprezar ou sofrimento.

Mas até aí não está formada ainda a deliberação, porque é necessário o exame desses motivos e desses móveis, se convêm, ou não; se interessam, ou não.

Mas ainda não é tudo, porque é preciso **decidir-se** a realizar o ato de vontade para obter ou afastar o que se deseja ou se repele.

Mas a vontade, até chegar a essa decisão não se completa, sem que seja executada, sem que se ponha em ato, sem a **execução do ato**.

“VONTADE” DE ABORRECER — Há crianças que se afanam em aborrecer os outros, e o fazem com uma frequência e constância pasmosas. Tais fatos revelam que a criança se acha sob um estado de tensão interior, e procura desta forma dar uma vazão à pressão interior. Também pode ser que sinta ciúmes ou rivalidade, particularmente de um irmão; ou, então, tenha sofrido constantes repressões e busca, assim, um desafogo por seus protestos, aborrecendo os outros.

Mediante a observação do modo como uma criança aborrece outra, se o faz em tom de brincadeira ou de amargura, e fixando-se em quem pode aborrecer mais, os pais podem descobrir as causas dêste proceder e encontrar os meios para corrigir a criança.

A adolescência é a idade em que mais é frequente manifestar no jovem ímpetos de aborrecer, bem como é a época em que sofre com mais agudeza a impertinência dos outros.

A GRAFOLOGIA A SERVIÇO DA PEDAGOGIA

Em muitos espíritos perdura ainda um preconceito muito comum: o de que a grafologia é uma falsa ciência. São os mesmos espíritos que há anos atrás julgavam ainda que o hipnotismo era uma farsa, aqueles mesmos que ainda hoje não compreendem nem admitem os fenômenos parapsicológicos.

Contudo, a ciência avançou, apesar desses pseudo-espíritos "objetivos", "realistas", que, na verdade, nada captam da realidade, mas apenas de uma realidade como eles imaginam que seja e não como ela o é de fato.

A Grafologia trouxe apontamentos importantes para a psicologia. Os grafismos, que são os traços da nossa escrita, são, realmente, gestos que o homem faz. E assim como os seus gestos podem nos indicar muito do seu temperamento, do seu caráter e da sua educação, também os grafismos oferecem testemunhos do que é alguém em si mesmo.

Graças aos estudos conscienciosos e cuidadosos de cientistas despejados de preconceitos, pode-se impedir que a grafologia permaneça em mãos de falsos estudiosos, que mais exploram as superstições humanas, e fazê-la penetrar no campo da ciência. E como ciência, sem dúvida, as contribuições de Krages são as mais importantes.

A GRAFOLOGIA DE KLAGES

Damos a seguir os quadros esquemáticos da grafologia, segundo Klages, que, como desde logo se pode ver, expressa apenas os aspectos gerais, que são os únicos que têm base científica, já que os atuais conhecimentos não permitem que pelo exame dos grafismos se faça, com segurança, análises mais profundas.

Contudo, para o melhor aproveitamento desses quadros, devemos salientar que se acham expostos em duas colunas os caracteres positivos e os negativos, pelos sinais tradicionais de + e —. Considerando-se o grafismo em exame como positivo ou como negativo, pela predominância ou não dos aspectos positivos ou negativos, o valor de significação corresponderá à coluna respectiva.

Fundando-se nesses dados, que damos a seguir, pode qualquer pessoa, munida de regular dose de intuição e de reflexão, examinar o próprio grafismo ou as de terceiros, apanhando os aspectos gerais.

QUADRO I

REGULARIDADE (1) Predomínio da vontade		IRREGULARIDADE Predomínio do sentimento	
+ Fôrça de vontade	- Frieza de sentimento	+ Fôrça de sentimento	- Fracqueza de vontade
Resistência	Espírito fútil	Vivacidade de sentimento	Instabilidade
Firmeza	Pobreza de sentimento	Intensidade de alma	Impressionabilidade
Estabilidade	Indiferença	Paixão	Inconstância
Constância	Espírito aborrecido	Impulsividade	Falta de perseverança
Resolução	Esquematismo	(Calor de sentimento)	Indecisão
Persistência			Irresolução
Conseqüência			Influenciável
Perseverança			Falta de ideal
(Sentido de ordem)			Inconseqüência
(Sentimento do dever)			

1) Considera-se haver regularidade no grafismo, quando o corpo a parte superior e a parte inferior das letras, como ao a, o, ou ao l, b, ou ao p, q, são sempre constantemente da mesma altura e corpo, e o desenvolvimento do grafismo se processa com regularidade na forma. Há irregularidade quando se dá habitualmente o caso contrário. Para classificar como regular ou irregular um grafismo, deve-se considerar a predominância de um dos aspectos opostos.

QUADRO II

PROPORÇÃO Fracca emotividade		FALTA DE PROPORÇÃO Grande emotividade	
+ Igualdade de alma	- Obtusidade	+ Abertura de alma	- Perturbabilidade
Tranqüilidade	Falta de receptividade	Receptividade	Impressionabilidade
Calma	Entorpecimento	Delicadeza	Irritabilidade
Contemplação	Indiferença	Fineza de sentimento	Excitabilidade
Harmonia	Apatia	Plasticidade	Agitação
(Serenidade)	Insensibilidade	Sensibilidade	Inquietude
		Espírito desperto	Inconstância
			(Necessidade de sensação)
			(Curiosidade)
			(Tagarela)

QUADRO III

ÍNDICES DE VELOCIDADE		ÍNDICES DE LENTIDÃO	
1. Traço lançado	1. Traço não lançado	2. Ausência de encurtamento	2. Ausência de encurtamento
2. Encurtamento do caminho do traço	2. Ausência de encurtamento	3. Acentos normais	3. Acentos normais
3. Acentos alongados	3. Acentos alongados	4. Acentos em direção normal	4. Acentos em direção normal
4. Acentos em direção inexistente	4. Acentos em direção inexistente	5. Escrita tendente para os ângulos	5. Escrita tendente para os ângulos
5. Escrita tendente para a curva	5. Escrita tendente para a curva	6. Ausência de traços de pressa	6. Ausência de traços de pressa
6. Pressas frequentes	6. Pressas frequentes	7. Aumento da disjunção	7. Aumento da disjunção
7. Aumento de ligação	7. Aumento de ligação	8. Escrita sobretudo estreita	8. Escrita sobretudo estreita
8. Escrita sobretudo larga	8. Escrita sobretudo larga		

h) A criança de reações rápidas apresenta os seus grafismos quebrados, descontínuos, as letras estão separadas.

i) Essas crianças, quando tais irregularidades apontadas na alínea h são mais acentuadas, revelam uma emotividade acentuada.

j) Tal já não se observa com a criança que tem grafismos mais cuidados, que mantêm a linha reta, o que revela maior reflexão. Considere-se sempre que a criança, pela imposição dos mestres, é obrigada a uma regularidade forçada, o que pode ocultar, sob alguns aspectos, muito das suas tendências.

l) Os combativos caracterizam-se pelos índices de velocidade em seus grafismos, os traços do t bem lançados, ascendentes, como se fossem dardos atirados ao ar. Se os traços lançados são como flexas revelam agressividade. Se os traços terminam bruscamente, como marcas de punhaladas, é sinal de brutalidade.

Para estabelecer-se a proporção ou a falta de proporção, devem-se considerar os seguintes aspectos:

a) se as letras são das mesmas dimensões no seu corpo e as que se elevam ou abaixam não o fazem de modo desmedido, ou seja mais do dobro de corpo, assim um l, na altura, não supere ao dobro de um a, há proporção no grafismo;

b) se se dá o inverso, ou se o corpo da letra varia de altura como um r muito maior que um a, há desproporção.

c) A análise se fará depois de estabelecer os aspectos positivos ou os negativos, segundo a sua ponderância.

d) Os índices de velocidade ou de lentidão favorecem a reconhecimento de vários aspectos caracterológicos.

e) A velocidade indica reações rápidas; mas, negativamente, significa precipitação;

f) a lentidão indica reações lentas, grande índice de emotividade, de apaixonamento, e positivamente de prudência, de precaução.

g) Se a letra lenta for harmoniosa, bem cuidada, com pontuação regular e os traços obedecidos, indica positividade; ao inverso, negatividade, desleixo, falta de combatividade, de persistência.

QUADRO IV

ESCRITA GRANDE

ESCRITA PEQUENA

11 — PATHOS do sentimento

+	-	+	-
Entusiasmo	Falta de senso realidade	Senso de realidade	Falta de entusiasmo
Ardor	Ilusões	Realismo	Espírito vazio
Necessidade de	Superexcitação	Objectividade	Sequidão
admiração	Exaltação	Reflexão	Aridez
Necessidade de	Parcialidade	Prudência	Rigor
veneração	Falta de senso crítico	(Observação)	Moleza
Entusiasmo		(Fluira do sentimento)	Inflexibilidade
(Idealismo)		(Imparcialidade)	

2 — PATHOS da vontade

+ Necessidade de ação	- Falta de concen- tração	+ Concentração	- Estreiteza de coração
Atividade	Superficialidade	Sentimento do dever	Pequenez
Iniciativa	Imprevidência	Circunspecção	Mesquinha
Grandes projetos	Leviandade	Moderação	Pedantismo
Visão ampla	Inconseqüência)	Concisão	Irresolução
Necessidade de liberdade	(Falta de cons- ciência)	Precisão	Visão curta
		Atividade num pe- queno círculo de ação	
		(Gosto pela vida sedentária)	

3 — PATHOS do sentimento de si

Orgulho	Humildade	Pusillanímidade
Vaidade	Respeito	Falta de confiança
Arrogância	Modéstia	em si
Suficiência	Ausência de pre- tensão	Dúvida de si mes- mo
Palavroso	Devotamento	Natureza ator- mentada
Pretensão	Humor pacífico	Temor
Natureza imperiosa	Frigualdade	
Despotismo	Piedade	
Presunção	Natureza acom- dante	
Mania de grandeza	Paciência	

QUADRO V

RAPIDEZ

LENTIDÃO

1 — Vontade

+	-	+	-
Necessidade de atividade	Agitação	Calma	Inatividade
Agilidade	Natureza muito apressada	Recolhimento	Irresolução
Necessidade de movimento laborioso	Impaciência	Prudência	Indecisão
	Superficialidade	Reflexão	Hesitação
Diligência	Desviabilidade	Circunspeção	Vontade fraca
Vivacidade	Precipitação	Indesviabilidade	Freguiça
Assiduidade	Inconstância	Constância	Indolência
	Falta de método	(Senso de realidade)	
Zêlo		(Pensamentos concretos)	
Infatigável	(Natureza pouco segura)	(Natureza segura)	
(Iniciativa)			
(Necessidade de mudança)			
(Dom de abstração)			
(dom de combinação)			

2 — Natureza do sentimento

+	-	-	+
Vivacidade	Excitação	Tranquilidade	Espírito obtuso
Natureza sanguínea	Inconstância	Natureza fleumática	Indolência
Temperamental	Mudança	Passividade	Apátia
Impulsividade	Variabilidade	Natureza contemp- lativa	Pequenez (Natureza adorme- cida)
Enotividade	Ventolinha	Constância	(Embaraçada) Temerosa
Mobilidade	Deixar-se ir Vaciante	Paciência	
Natureza des- preocupada	Inconstante		

QUADRO VI

PRESSÃO FORTE
Tensão forte

PRESSÃO FORTE
Tensão fraca

1 — Vontade ativa e vontade passiva

+	—	+	—
Fôrça de vontade	Inibição	Agilidade	Fraqueza de vontade
Energia	Dureza	Faculdade de adaptação	Falta de iniciativa
Decisão	Falta de atenção	Natureza inquieta	Indecisão
Resolução	Natureza pouco condescendente		Falta de energia
Constância	Pesadez	Espírito indurioso	
Perseverança	Embaraçamento	Atividade	Falta de resistência
Dona de si	Depressão	Mobilidade	Falta de fins
Zêlo	Natureza ríspida	Otimismo	Inconstância
Resistência			Inatividade
Tenacidade			
conscienciosa			

2 — Vontade reativa

OBSTINAÇÃO	DESVIABILIDADE
Obstinação	Influenciabilidade
Indócil	sugestibilidade
espírito disputador	docilidade
teima	obediência
(impaciência)	educabilidade
necessidade de se afirmar	plasticidade
necessidade de independência	(natureza conciliante)
senso de autonomia	

3 — Sentimento

+	—	+	—
Impulso forte	Irritabilidade	Sensibilidade	Impulso fraco
Masculinidade	Violência	Emotividade	Susceptibilidade
Virilidade	Natureza arrebatada	Delicadeza	Timidez
Combatividade	Afetividade	Espiritualidade	Fragilidade
Paixão	Natureza batalhadora	Fineza de sentimento	Fatigabilidade
Impulsividade	Agressividade		

QUADRO VII

ESCRITA LARGA

ESCRITA ESTREITA

+	—	+	—
Zêlo	Deixar-se ir	Dono de si	Falta de espontaneidade
Ambição	Despreocupação	Moderação	Inquietude
Franqueza	Superficialidade	Ponderação	Prudência egoísta
Facilidade	Impaciência	Moderação	Desconfiança
Vigor	Falta de profundidade	Firmeza	Timidez
Mobilidade	(Comodidade)		(Natureza embaraçada)
	Natureza que não se domina		Cálculo interessado
	Natureza dispersiva		Falta de objectividade
			(Ambição) maldade
			(Inveja, ciúmes)

QUADRO VIII

ESCRITA INCLINADA

ESCRITA VERTICAL

+	—	+	—
Sentimentos sociais	Irreflexão	Predominância da razão	Frieza
Coração	Desregramento	Circunspeção	Indiferença
Natureza inflamável	Falta de medida	Reflexão	Coração frio
Natureza apaixonada	Falta de moderação	Moderação	Falta de coração
	(Indisciplina)	Senhor de si	Isolamento
Arrastamento	(Leviandade)	Presença de espírito	Insociabilidade
Devotamento	Falta de independência	Disciplina	
(Sacrifício de si)	dência	Resistência	
(Impulsividade)	Dissipação de espírito	Senso de organização	
(Espontaneidade)	Espírito vulgar	Retidão de julgamento	
(Natural)	Injusto	Introversão	
Extraversão	Precipitação	Recolhimento do espírito	
Sociabilidade	Agitação		
Docilidade	Inconstância		
Agilidade	Dispersão		
Hábitos sociais			
Faculdade de adaptação			
"Expansividade"			
"Dinamismo"			

ESCRITA VOLTADA PARA A ESQUERDA

+	—
Domínio sobre si mesmo	Inquietação
Renúncia	Espírito artificial
Alienação de si próprio	Afectação
	Dissimulação
	Espírito fingido
	Faz sua própria
	Presunção
	Inacessibilidade
	Justiça
	Inabordabilidade
	Orgulho

Bondade	Falta de inde- pendência	Moderação	Falta de franqueza
Benevolente	Desviável	Reflexão	Falta de sinceridade
Afirmatividade	Influenciável	Tacturnidade	Falsidade
Aprobatividade	Indecisão	Precaução	Desconfiança
Respeito	Fraqueza	Prudência	'Formas exteriores'
Tolerância	Falta de firmeza	Distinção	Formalismo
Condescendência	Versatilidade	Nobreza	Suficiência
Conciliação	Deixar ir...	'Savoir-vivre'	(Subalteriedade)
Doçura	Ociosidade		
Simpatia	Negligência		
Despreocupação	Moleza		
Carácter aberto	Falta de iniciativa		
Confiança			

QUADRO XI

AÇÃO

ESCRITA LIGADA		ESCRITA NÃO LIGADA	
+	Dom de associação	—	Pobreza de idéias
	Lógica		Falta de iniciativa
	Conseqüência		Julgamento com falta de independência
	Discursividade		Falta de engenhosidade
	Raciocínio		Falta de intuição
	Reflexão		Defeito de esclarecimento
	Espirito calculista		
	Providente		
+		—	
	Mobilidade de espirito		Fuga de idéias
	Pensamento sistemático — Faculidade de abstracção		Sem atenção
	Natureza especulativa		Falta de espirito observador — Falta senso de realidade
	(Intelligência masculina)		
		+	
			Estabilidade de espirito
			Atenção
			Dom de observação — Senso da realidade — Compreensão — (intelligência feminina)
		—	
			Falta da Faculdade de abstracção — Falta da faculdade de de adaptação — Avaria
			Espirito irregular
			Compreensão curta
			Tópico
			Irreflexão
			Falta de conexão
			Espirito que procede por saltos
			Falta de lógica

QUADRO X

CARÁCTER DA LIGAÇÃO

Os instintos e instinto de conservação

LIGAÇÃO FILIFORME		LIGAÇÃO ANGULOSA
Instabilidade		Estabilidade
+ Diversidade de espírito	- Indecisão	+ Resistência
Variedade de dons	Influenciabilidade mórbida	Firmeza
Faculdade de adaptação	Sugestionável	Decisão
Aptidão	Natureza "reflexa"	Segurança
Natureza dotada	Versatilidade	Constância
Diplomacia		Retidão
Impenetrabilidade	Falsidade	
	'Falta de carácter'	Divisão da personalidade
	Simulação	Falta de unidade
	Astúcia	'Desequilíbrio'
	Manha	'Divisão interior'
	Cúme	Grosseria
	Imitação histórica	Irritabilidade
		Arrebatamento

QUADRO XII

RIQUEZA		POBREZA	
+	-	+	-
Fantasia	Fraqueza intelectual	Fôrça intelectual	Falta de fantasia
Dom de representar Faculdade de intuição (Imaginação)	Natureza fantástica Confusão de espirito Falta de senso critico Espirito agitado	Dom do pensamento teórico Claridade intelectual Perspicacidade Critica	Falta do dom de representar Falta da faculdade de intuição Espirito vazio Aridez Falta de gosto
Enriquecimento Instinto de formação		Simplicidade Instinto de simplificação	
+	-	+	-
Sentido das formas	Exageração	Sentido da utilidade	Falta do sentido das formas
Dom da "representação" Gosto de formas exteriores Gosto da ostentação	Natureza embaraçosa Prolixidade Falta de gosto	Sentido da ordem Simplicidade Gosto	Negligência do exterior Utilitarismo "Puritanismo"

DO PONTO DE VISTA INTELECTUAL

Objetividade		Esquematismo		Negligências	
Espirito que capta o essencial		Falta de sentido do belo		Dissimulação	
Segurança do julgamento (Disciplina)		Pobreza interior		Ambigüidade	
				Dissimulação	
				Astúcia, manha	
				Enganador	

DO PONTO DE VISTA INTELECTUAL

QUADRO XIII

Direção da letra, para a direita ou para a esquerda

Desdregio		Sinistregio	
Instinto de dar	Instinto de se apropriar		
+	-	Energia	Egoismo
Desinteresse	Fraqueza de vontade	Independência	Antipático
Bondade	Dependência	Resolução	Falta de compaixão
Benevolência	Irresolução	Instinto de conservação	Egoismo
Sympatia	Influenciável	Sentido do lucro	Natureza interessada
Adaptação			Ávida
Amor ao próximo			Inveja
Altruismo			Maldade
			"Resentimento"
EXTRAVERSAO		INTROVERSAO	
Atividade	Falta de oportunidade	Recolhimento	Egocentrismo
Espirito de empreendimento	Precipitação	Contemplação	Susceptibilidade
Espirito industrial	Falta de reflexão	Lirismo	Sentimentalismo
Desembaraçamento	Agitação		

QUADRO XIV

REFÓRÇO INICIAL

Instinto de estima de si

Necessidade de importância	Vaidade
Gosto do majestoso, do grande	Necessidade de se fazer valer
Sentimento de honra	Gloria
(Consciência de si-mesmo)	Arrogância
Altivez	Altura — Presunção
	Suficiência
	Mania de grandezas, de glória

QUADRO XVIII

DIREÇÃO DA ATENÇÃO

Formas de letras grandes, longas médias	Formas de letras curtas
Grandeza, largura, posição, 'tempo', intensidade (Pé direito)	Tôdas as outras propriedades gráficas Subtilidades interiores e acentos (perfil da letra)

QUADRO XIX

MASCULINIDADE DO CARÁCTER

+	+	+
1. Organização (diferenciação)	2. Entusiasmo (amor pela coisa)	3. Fantasia
4. Decisão, espontaneidade (iniciativa)	5. Atividade	6. Força de persuasão
7. Horizonte estendido, vastos interesses	8. Objectividade, dom de abstração	9. Dignidade
Divisão	Ilusão (exatamente: ver a realidade como se vê que ela é).	Estranho ao momento presente
Agitação	Dureza	Doutrinarismo e irritação
Falta de contacto	Falta de ócio, inaptidão a ser feliz	Insuportável necessidade de ser importante (validade sobre forma de exageração do valor, da profissão, do dever, das capacidades, do que se faz).

FEMINILIDADE DO CARÁCTER

1. Unidade, harmonia	2. Abnegação de si (amor pela pessoa)	3. Sentido da realidade (perspicacidade) pelo que é próximo	4. Equilíbrio	5. Calor do coração, simpatia	6. Instintividade próxima da natureza	7. Constância (conservantismo, fidelidade, endurecimento)	8. Segurança de juízo pela descoberta, intuição	9. Veracidade (confissão espontânea dos sentimentos)
Impulsividade do juízo	Parcialidade, falta de senso da justiça	Cegueira para o que é distante (compreensão limitada)	Dependência dos sentidos	Falta de atividade	Falta de princípios directores	Estreiteza, mesquinha	Falta de objectividade	Subjetividade (incompreensão dos valores extra-pessoais)

QUADRO XV

PEQUENAS DIFERENÇAS DE COMPRIMENTO

GRANDES DIFERENÇAS DE COMPRIMENTO	+	+	+
Necessidade de acção	Descontentamento	Contentamento	Indolência
Iniciativa	Egotismo	Humildade	Pachorra
Atividade	Desproporção entre desejo e poder	Modéstia	Preguiça
	Desejar ir além de si próprio	Frugalidade	Indiferença
	Incoerência	Interesse pelas coisas	Apatia
	Ambição	Moderação	

QUADRO XVI

LENITIDÃO DE ESPÍRITO

LIGEIREZA DE ESPÍRITO	+	+	+
Entusiasmo	"Sang léger"	"Sang lourd"	Espírito terra-à-terra
Transporte	Falta de raízes	Acalorado	Falta de mobilidade
Exaltação	Falta de fundo	Sentido do real	Lenitidão de espírito
Gostos intellectuais	Exaltação	Realismo	Pedanteria
"Idealismo"	Ilusões	Pensamento concreto	Inábil para pensar
Vivacidade de espírito	Falta de objectividade	Natureza que se fixa	"Materialismo"
Mobilidade	Superficialidade	Objectividade —	
Pensamento abstrato	Evaporado	Senso técnico —	
		Exatidão	
		Natureza conscienciosa — Dom de observação	

QUADRO XVII

Linhas directas	+	+	+
Linhas ascendentes	Igualdade de humor	Espírito de ordem	Falta de fineza de espírito — Falta de vida
Linhas sobrepostas	Disposição elevada	Zêlo	Leviandade
Ascendentes	Dominio	Grav de + ou —	Espírito inquieto
Linhas descendentes	Vivacidade com fraca energia	Melancolia — Depressão	
Linhas sobrepostas descendentes	Luta contra disposições sombrias		
Linhas côncavas	Zêlo que se acende pouco a pouco		
Linhas sinuosas	Disposição mutável, idéias instáveis		

Mas os olhos não enganam:

são vivos, palpitantes, brilhantes, profundos.

Revelam-se, pois, pelos olhos:

olhar profundo e intenso. Afirmam que há algo interiorizado.

Os não-emotivos:

Olhar calmo, tranqüilo. Os traços da fisionomia são predominantemente imóveis.

Enquanto os emotivos usam muita mímica, os não-emotivos quase não a usam.

Grafologia:

Nos emotivos os grafismos são desiguais e irregulares. Um a ao lado de um i, um é muito maior que o outro. De repente um r ascende mais alto que qualquer outra letra.

O **emotivo exteriorizado**, que não esconde a sua emotividade, expressa-o na letra aberta, enquanto o emotivo interiorizado a tem junta, apertadinha, embora apresentando a irregularidade própria de todo emotivo.

Já a letra do não-emotivo é regular, inclusive nos detalhes.

A irregularidade do emotivo é a regra. Como nas escolas as crianças são obrigadas a uma caligrafia cuidada, os traços de emotividade mostram-se quase apenas nos detalhes, onde a irregularidade transparece, o que não se verifica nos não-emotivos, que não deixam transparecer irregularidade.

Para se examinar com cuidado, convém dar-se sempre preferência a escritos que não sejam de tarefas escolares, porque a disciplinação exigida pelos

A MORFOLOGIA DE CORMAN E A GRAFOLOGIA DE KLAGES EM AUXÍLIO DA PEDAGOGIA

Inegavelmente, o físico revela o temperamento e muito do carácter de uma criança. E pais e mestres podem, observando cuidadosamente esses aspectos, estabelecerem dados suficientes para formarem um esquema da criança, a fim de contribuir com segurança a orientação que deverão imprimir à ação pedagógica.

Daremos a seguir um exame geral dos aspectos da Morfologia de Corman, em seu auxílio à Pedagogia, acompanhada das contribuições que a grafologia de Klages pode oferecer para o conhecimento melhor das crianças.

CRIANÇAS EMOTIVAS E NÃO-EMOTIVAS

As crianças emotivas revelam desde logo essa emotividade pelos olhos vivos;

a fisionomia é móvel, expressiva, e o sorriso é total, com todo o rosto;

olhos e nariz fazem pregas quando riem.

Contudo, há crianças emotivas que ocultam a sua emotividade.

Parecem frias, impassíveis, carrancudas, cara “amarrada”, fechada.

mestres pode impedir que se manifestem melhor as irregularidades.

Se se tiver às mãos vários escritos de dias diferentes, mais facilmente se notarão as diferenças, permitindo melhor exame.

Se a letra apresentar movimentos bruscos, tremuras, desordens constantes, estamos, então, em face de uma criança muito nervosa.

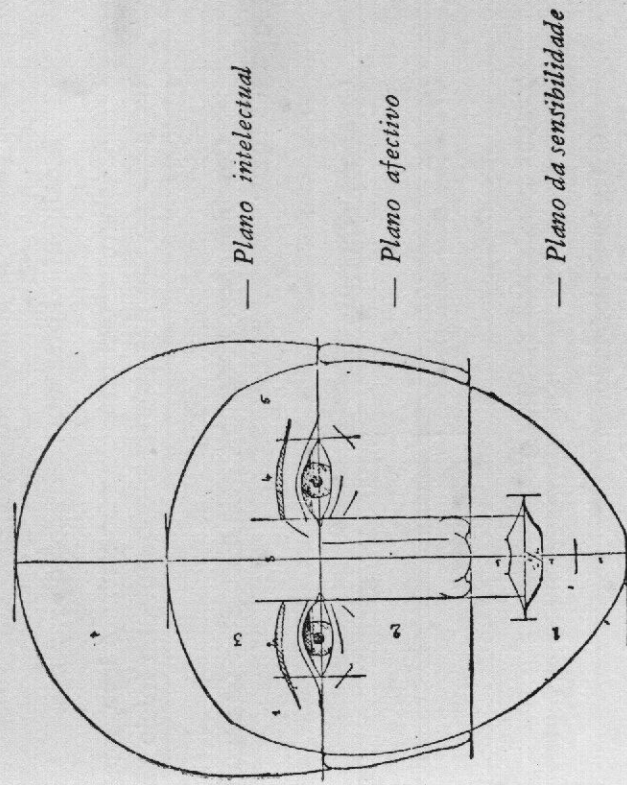
A CRIANÇA ATIVA E A NÃO-ATIVA

Quando a criança apresenta um equilíbrio nos três planos da face, é uma criança ativa.

Se é predominante o plano intelectual, e o rosto é oval ou afilado, sua atividade é mínima.

Se o rosto é retangular, curto ou quadrado, é ativa.

Se triangular ou retangular alongado ou oval, não-ativa.



Os planos da face (vide pág. 749)

É mister, porém, cuidar dos aspectos, pois podem nos enganar, já que há a possibilidade de uma atividade não manual ou física, mas intelectual.

A criança não-ativa é molenga, de construção frágil ou então pesada, cansada; a ativa, de movimentos mais rápidos, tem músculos mais firmes, as maçãs do rosto são altas, os lábios estão mais juntos, a construção é maciça, a boca é fechada.

A criança ativa tem uma fisionomia que revela firmeza.

Grafologia:

A letra revela o tônus, a força das crianças ativas, porque estas, por se apoiarem sobre as canetas, os traços são mais fortes, mais grossas. São as que mais gastam as pontas dos lápis.

A caligrafia apresenta os traços da rapidez.

A caligrafia das crianças não-ativas é leve, letras menores no fim das palavras, enquanto no início são maiores.

Combinações: Podemos, pois encontrar os seguintes tipos:

Crianças emotivas	{ ativas não-ativas.
Crianças não emotivas	{ ativas não-ativas.

Traços gerais dos emotivos:

O rosto é alongado.
Mas a parte superior é maior.
Olhos expressivos.

Pescoço delgado.
Queixo um tanto pontudo.
Olhos grandes, vivos, expressivos.
Pele fina.
Traços móveis.

Traços gerais dos emotivos-ativos:

Rosto como os emotivos, mas cabelos abundantes.
Pescoço mais grosso, sólido.
Corpo bem proporcionado.

Traços gerais dos não-emotivos:

Falta de relevos musculares no rosto.
Palidez da pele.
Boca carnuda.
Expressão tranqüila.
Fenda dos olhos e comissuras dos lábios, dirigidas para baixo.

Os emotivos não-ativos são mais raros.

Os não-emotivos são predominantemente não-ativos.

As reações da criança:

A criança reativa é aquela que oferece reações imediatas às ações estimuladoras que sofre.

Morfológicamente:

A reação se manifesta logo na fisionomia:

As sobrelanceiras são altas, móveis. Formam comumente um semi-círculo.

Olhar atento, vivo. Mobilidade no olhar.

Responde com mímica à ação que a ela se dirige.

As orelhas são destacadas.

Em geral os olhos são salientes.

A não-reativa ou de reações retardadas revela:

Olhar menos móvel, sonhador, refletido;

pouca mímica;

olhos aprofundados;

sobrancelhas caídas;

testa achatada.

Grafologicamente: A criança de reações rápidas:

Letras separadas, caligrafia quebrada, cheia de retalhos, riscada, irregular. A letra sobe e desce. Não se respeitam as linhas, nem as margens.

A criança de reações retardadas:

Escrita menos rápida, letras mais ligadas, maior cuidado, linhas retas, cuidadosas no escrever, regular.

Se a letra revelar ainda irregularidade mais acentuada;

letras que sobem e descem;

desrespeito às linhas, estamos, então, em face de uma criança emotiva.

A criança refletida liga melhor as linhas; mantém a escrita em linhas retas.

CRIANÇA CONCILIANTE E A CRIANÇA COMBATIVA

Há crianças que são quase sempre do "contra", que constantemente dizem não. E há crianças que quase sempre dizem sim e estão predominantemente de acôrdo.

As primeiras são fundamentalmente combativas; as segundas, fundamentalmente conciliantes.

Morfologia das crianças combativas:

rosto viril. As meninas parecem viris;

olhar carrancudo, nariz reto;

ângulo do maxilar é saliente;

perfil anguloso;

olhar firme;

nariz apontado;

orelha oblíqua.

Grafologia:

Caligrafia angulosa, lançada, bem apoiada, forte, traços como setas.

Morfologia das crianças conciliantes:

Rosto arredondado;

curvas graciosas;

ângulo do maxilar em curva suave;
queixo redondo, perfil mais suave, sem ângulos.
olhos sem agressividade; orelha vertical.

Grafologia:

Letra arredondada; os "n" parecem "u", caligrafia bem ornada.

**CRIANÇAS DISPERSIVAS E CRIANÇAS
CONCENTRADAS**

A criança dispersiva:

Morfológicamente:

Olhos afastados;
têmporas redondas e convexas.

Grafologia:

escrita grande;
curvas enormes;
desordenada. Falta de simetria;
falta de acentos, letras saltadas, desleixo.
no ditado, salta palavras.

A criança concentrada:

Morfológicamente:

Olhos aproximados;
têmporas escavadas.

Grafologia:

letra pequena;
escrita compacta, curvas estreitas;
cuidada, pontuação bem colocada.

CRIANÇA SOCIÁVEL E INSOCIÁVEL

A criança sociável:

Morfológicamente:

Rosto redondo, sobretudo a parte média;

Procedimento:

O que caracteriza, sobretudo, a criança sociável é o seu procedimento, que apresenta estes sinais:

A criança detesta ficar sòzinha;
é serviçal;

gosta de estar em grupos;

empresta de boa vontade os seus livros, suas coisas;

recebe bem os estranhos e logo se familiariza com eles;

gosta de contar aos outros as suas "coisas".

Grafologia:

As letras são abertas no alto, assim o a, o, g, d; escreve com letras simples, sem ornamentos; a escrita é dextrógrafa (para a direita).

A criança insociável:

Morfológicamente:

A face é encovada;

faces retraídas;

lábio inferior para a frente, muito mais que o inferior.

Procedimento:

Retraimento;
gosta da solidão;
foge aos estranhos;
desconfiada;
faz poucos amigos, aos quais, contudo, se devota.

Grafologia:

escrita pequena;
sinistrógrafa (volvida para a esquerda);
letras retocadas.

improvisa facilmente;
entusiasma-se logo;
aceita as idéias que lê;
gosta de falar e de ser ouvida (faladora, "cabecinha de vento");
não suporta a monotonia;
muda constantemente de amigos;
agitada.

A CRIANÇA NERVOSA

A criança nervosa apresenta os seguintes caracteres:

Morfológicamente:

rosto delicado;
fisionomia vibrante;
olhos grandes, cintilantes;
sobrancelhas altas, às vezes em arco;
corpo delgado;
pescoço fino;
orelhas grandes, um tanto destacadas;

Procedimento:

Afetiva quando criança, vivaz; leve, saltitante, rápida, inesperada em seus movimentos;
engraçada no falar;
não engorda;
gosta dos esportes que exigem agilidade;
travessa, sem noção instintiva do perigo;
não fica parada em nenhum lugar;
gosta de brincar, e com brinquedos sucessivos;
na escola não permanece tranqüila;
desatenta;
distração fácil;
nos estudos é inconsequente. Há matérias em que brilha, noutras, não;

Tipos nervosos:

São vários:

- 1) O **excitado**. É o tipo mais comum. É impulsivo, colérico. Disputa com facilidade. É imaginativo, inventivo. Cheio de amor-próprio fácil de ser despertado, e de servir de meio para dele se obter o que se deve desejar.
- 2) O **delicado**: revela muito boa vontade. Procura desfazer o mal-estar que podem provocar seus atos. Não se zanga muito, nem gosta de zangar-se. É afetuoso. Comum nas meninas.
- 3) O **sonhador**: fantasia excessiva. Gosta de idéias estranhas, questões abstrusas, de idéias extravagantes.
- 4) O **excêntrico**: descuidado, com ares de vagabundo. Despreocupado. Sujeito a ser influído pelos maus exemplos, os quais adota facilmente. Muito imprevisito nas suas atitudes.
- 5) O **inquietante**: dissimulado. Gosta de atrair a atenção. Não liga a coisa alguma. Revela ingenuidade.
- 6) O **displícite**: calmo. Não aceita a disciplina. As meninas são "coquetes".
- 7) O **melancólico**: vive muito dentro de si mesmo. Seu humor é variável, sujeito a depressões cons-

tantes. Sonhador e solitário. "Emburrado" por qualquer coisa, calado.

Que se deve fazer quanto aos nervosos:

A criança nervosa é o inverso da criança fleumática.

O que se deve empregar para aquela não é o mesmo que se deve empregar para esta.

É preciso, antes de tudo, reconhecê-la como nervosa. Devemos saber que é uma criança de grande emotividade. É indisciplinada. Certos pais usam a violência para dominar ou "melhorar" tais crianças, inclusive bofetadas.

Em primeiro lugar é preciso reconhecer que o nervoso é nervoso, é hiper-emotivo.

Não se deve querer que ele permaneça parado, estacionário. Compreenda-se que é agitado, e que precisa andar, mover-se.

Exigir dele o silêncio é torturá-lo. Nas horas de brincar, deixá-lo brincar.

Deve-se alternar os momentos de estudo, com recreios.

Não se deve forçá-lo a permanecer por um tempo longo em qualquer atividade ou estudo. Se estuda música, que o faça apenas no tempo que gosta, depois deixá-lo livre, porque nada adiantará forçá-lo.

Tende a ver as coisas por um lado só. É preciso chamá-lo à razão, sem excessos. Não aceita humilhações; revolta-se. Não cede facilmente, se se empregar a força. Torna-se obstinado, nervoso. Pode ceder pela força, mas retomará à posição anterior.

A violência, em tais casos, é inútil, e sobretudo prejudicial. A criança nervosa revela ainda:

Se fôr submetida na escola, se revoltará em casa. Se submetida em casa, se revoltará na escola. Tenderá, nesse caso, à perversão.

Não devem ser humilhadas em público.

É preferível estimulá-las a realizarem-se, auxiliando-as, compreendendo-as, evitando-se as excitações.

É preciso cuidar de quem são as suas companhias, afastando companheiros de má conduta.

Como gostam das discussões, são teimosas e parciais. Por isso, convém usar com elas argumentos indiretos. Dar exemplos de como devem proceder.

Portanto, para obter êxito com as crianças nervosas, para orientá-las para o seu bem, é preciso usar os seguintes meios:

É preciso acalmá-las. Para tanto, muitas vezes, é conveniente consultar um médico, para que ministre os conselhos que convêm, inclusive a terapêutica que se tornar necessária.

Como têm tendência à insônia, é preciso que regularizem o seu sono. Vida regular nas refeições, no dormir, no despertar. Muita higiene.

Dar um ambiente de calma à sua volta. O exemplo influi sobre elas. Se tiver companheiros disciplinados, disciplinam-se mais facilmente.

Como são crianças inteligentes, apesar de sua parcialidade, deve-se manter com elas conversações superiores e muito lógicas, afastadas tanto quanto possível do afetivo.

Como são vaidosas, deve-se estimulá-las a realizar alguma coisa ordenada, mas à altura das suas forças. Fazer um estudo sobre determinada matéria. Escrever um trabalho sobre um tema em que tenha que pesquisar, etc.

Faça-a agir. Esportes em que possa atuar, embora, freqüentemente, tenha decaídas quanto ao rendimento. O escotismo é ótimo para tais crianças, pois facilita a disciplinação dos seus atos.

intimidade, de modo algum deve ser lido em público, como a leitura em voz alta de seu diário, para provocar o riso dos circunstantes. Tudo isso seria terrível. Deve-se respeitar a sua tendência a manter o que lhe é pessoal.

Quando, por qualquer contrariedade, o sentimental se afasta dos pais ou dos amigos, manifestando um descontentamento tal, que a leva a ensimesmar-se, depois de haver demonstrado sua oposição por explosões de contrariedade, é mister que se saiba não aumentar essa separação, mas manter uma atitude que não revele qualquer ressentimento, facilitando, assim, que aos poucos se reconstrua a unidade ou o ambiente amigável anterior. O que não se deve fazer é exacerbá-la por meio de recriminações, pois aumentará cada vez mais a sua obstinação.

Muitas vezes a criança sentimental parece apática, preguiçosa. Na realidade não o é. Se se prestar bem a atenção, ela faz os seus deveres escolares, embora aparente uma displicência puramente falsa.

Se manifesta desalento, afirmando que não é capaz de levar avante os estudos, tal se deve, certamente, a alguma exigência exagerada dos pais ou dos mestres, que obrigam a um esforço superior às suas forças.

Estão os sentimentos sujeitos a períodos de "astenia", sem que precisamente sejam astênicos. Talvez essas manifestações sejam um descanso, após um esforço prolongado, já que o sentimental não é de grandes recursos em forças orgânicas.

Manifestam-se, nesses casos, sinais de anemia, dores de cabeça, lassidão, etc.

Não se deve chamar a criança sentimental, que apresenta tais sintomas, de vadia, porque se fará uma injustiça e ninguém tolera ser injustiçado.

A CRIANÇA SENTIMENTAL

A criança sentimental é uma criança complexa, retraída em geral, que gosta da solidão, tímida, teimosa, de impassibilidade manifesta, mas não real.

A criança sentimental, nos primeiros anos, é alegre e brincalhona. Contudo, começa a revelar-se pelo apêgo à mãe, pela delicadeza, pela afetuosidade, pela reflexão, pela volubilidade. Quando é censurada, tende a ensimesmar-se. É inconstante em seu humor. É tímida, melancólica.

Entre os sentimentais, podem-se notar diversos tipos, como o **desconfiado**, tendente à solidão, absorvido nos livros, aluno modêlo; o **sentimental irônico**, que reage com pilhérias às oposições que sofre; o **sentimental desencantado**, o romântico (de olhos distraídos, que vive "na lua"; o **sentimental triste**, um tanto romântico; o **sentimental afável**, que é delicado, terno, amigo, embora algumas vezes preguiçoso; o **sentimental confiado**, perseverante, honesto, franco.

Essas crianças são de difícil educação, devido a essa tendência sentimental. Suas atitudes desconcertantes revelam que guardam em silêncio o seu descontentamento, que, subitamente, aflora. São de imaginação exacerbada, mas de pouca ação. São sensíveis aos ideais de justiça, mas pouco aptas a realizá-los.

São por natureza sérias. Mantêm certas reservas, que devem ser respeitadas. O que escrevem na

É preferível, então, que se reduza o seu trabalho e consulte-se um médico, faça-se que aproveite bem as férias escolares, dar-lhe o repouso que precisa.

Quando uma criança sentimental malogra, ou manifesta um malôgro prévio, com antecedência às provas pelas quais terá de passar, pois desespera muitas vezes com antecedência, não se deve dramatizar o malôgro, nem alimentar-lhe o receio daquele, ameaçando-a com êle, como dizendo-lhe "você assim não passa nos exames", ou coisas parecidas.

Têm os sentimentais muito senso do ridículo, e são susceptíveis de se considerarem ridículos pelas menores coisas. É inútil tentar fazer que usem roupas, chapéus, gorros, blusas extravagantes.

A criança sentimental exige atenção e uma afetividade sincera e discreta. Lembrem-se os pais, e sobretudo as mães, que a criança sentimental muito espreta dêles, e guarda o apoio que necessita, pois carece de proteção, naturalmente não exagerada.

Como tem tendência a afastar-se da realidade, e a viver num mundo de imaginação, se não encontrar em casa um apoio, mas reprimendas constantes, queixas, recriminações, poderá tender a ensimesmar-se, a enclausurar-se no seu mundo imaginário, e tornar-se, assim, um tipo que os psiquiatras chamam de esquizóide (um tipo esquisito, fechado num mundo de imaginações, de medos, de pesadelos até).

Convém manter constante contato com a criança sentimental quando manifesta essas tendências, levá-la a passeios, fazendo-a que brinque com outras, que se dedique ao escotismo. Como gosta de livros, faça-a encaderná-los. Se é gulosa, ensinem-na a cozinhar, estimulem-na a decorar o seu quarto, a casa, dêem-lhe uma máquina fotográfica, um pequeno laboratório para revelar as fotografias e, se possível, para

fazer algumas experiências. Trate com ela de temas intelectuais superiores.

Como revela timidez, compreenda-se que a timidez surge de uma falta de confiança em si mesma. Se a estimulamos a fazer algumas coisas fáceis, para que vença as dificuldades, depois outras mais difíceis, e assim sucessivamente, poderemos auxiliá-la a adquirir cada vez mais confiança em si mesma.

Se são varões, que façam esportes, pratiquem box, judô, esgrima, ginástica de aparelhos.

Tais crianças gostam de falar sôzinhas. São "fala-sós" em geral. Constroem diálogos imaginários, imaginam discussões em que poderiam tomar parte. Quando as apanhem falando sôzinho, não a ridicularizem, mostrem compreensão, facilitem-lhes que conversem sôbre o que gostam. Afirmem que também falam interiormente consigo mesmos, e que discutem assuntos sérios.

Façam tudo que podem para ajudar essas crianças sentimentais, sobretudo interessando-as na ação, estimulando o interêsse pelo que podem realizar. Como gostam muito de se ocuparem do passado, devem ser estimuladas para conversar sôbre o futuro, o que pretendem ser, e tomar parte nessas conversações com boa vontade. É o aconselhável aos pais e aos mestres.

Os coléricos conciliantes são fáceis de educar, graças à sensibilidade que manifestam. Mas precipitam, contudo, de certos cuidados, porque não conhecem o perigo e arriscam-se facilmente.

Em geral não gostam da solidão. Também não se deve forçá-las a permanecer isoladas num quarto, impedir que saiam. Devem ter uma independência relativa, com uma vigilância discreta, já que não se preocupam muito com os perigos.

São muito carentes de simpatia e de afeição. É preciso dar-lhes atenção, porque, por serem altivas não toleram friezas no tratamento que lhe dispensem.

Não convém uma severidade disciplinar, mas é preciso mantê-las, sobretudo de modo que a aceitem como justa. Como são sentimentais, pode-se apelar para os seus sentimentos.

Como apreciam os conhecimentos práticos, devem tender para tais estudos, como engenharia, sociologia, economia, História; não, porém, para as matemáticas para a filosofia, já que têm pouca tendência para a abstração.

A melhor educação do colérico é pelo exemplo; palavras não os influem, quando não tenham o exemplo para complementá-las.

São bons camaradas, como também os são os coléricos combativos.

Os coléricos combativos

Estes são explosivos vivos, excitados, excêntricos, dinâmicos, fortes, mais fortes que os conciliantes, falam pelos cotovelos, comilões, gostam de doces, e na mesa preferem a quantidade à qualidade. Dormem como chumbo e gostam de acordar cedo, e quando têm de brigar brigam mesmo. "Topam qualquer pa-

AS CRIANÇAS COLÉRICAS

Quem não conhece uma criança "quebra-louça", arteira, um verdadeiro "azougue", que não pára num lugar? Criança que briga por qualquer coisa, berra como uma desesperada, dá pontapés e murros por que a contrariam, teimosas, adversas à autoridade dos pais, que na escola é o chefe do bando, que pula o muro para sair de casa, que quando se encoleriza manifestava logo o seu desagrado e a sua irritação?

Contudo, essas crianças musculosas, firmes, pescoço sólido, cabelos duros, orelhas grandes são, contudo, capazes de fazer sôzinhas coisas que espantam.

Para os pais, são seus terrores, suas preocupações.

Contudo, é preciso examiná-las bem, porque há distinções entre elas.

Há as que são conciliantes e há as que são combativas.

As conciliantes, apesar da cólera fácil, são amáveis. Se provocadas, explodem; do contrário, são generosas, bondosas, prestativas.

Nas conciliantes, surgem alguns aspectos predominantes, que permitem classificá-las especificamente. Algumas são dóceis, serviçais, confiantes, crédulas, ingênuas; outras são complacentes; outras são ternas, sentimentais e muitas são inconstantes.

rada", desconfiados com os estranhos. Dão-se bem com os de seu grupo. Contudo, têm um coração de ouro. São em geral teimosos, obstinados.

Que fazer com tais crianças?

Os varões tomam sempre ares de espadachins, e as mulheres sofrem do "complexo de Diana", gostam da independência, e prefeririam ser rapazes. Até aos 14 anos parecem rapazes, mas, na adolescência, desperta a coqueteria feminina, embora mantenham sempre um carácter viril ao lado da feminilidade. Por isso não devem os pais preocuparem-se tanto quando tal complexo se manifesta nas meninas, porque passará, salvo casos excepcionais.

Os coléricos são irregulares no que fazem. Odeiam a monotonia, mas são trabalhadores e incansáveis. Como têm iniciativa, é preciso estimulá-los normalmente, já que nunca são preguiçosos. Se no colégio não obtêm boas notas, não se preocupem muito os pais, porque a sua combatividade fará que vençam na vida prática, e vencerão onde muitos malogram.

Não se deve tratá-los com brutalidade, porque são capazes até de abandonar o lar. Como são muito individualistas, não aceitam facilmente as convenções morais. Seu herói é Cyrano de Bergerac, por exemplo.

Como são muito orgulhosos e altivos, não conseguem humilhá-los, mas estimulá-los a fazer o melhor, porque são capazes de fazê-lo.

Não se deve impedir que comam muito. Não comem, devoram. Pode-se, isso sim, atigar-lhes o sentimento de prestígio social, essa vontade de impor-se superiormente aos outros, para levá-los a superarem as suas deficiências, dizendo-lhes que são capazes de fazerem se quiserem.

A primeira vista parecem ser indisciplinados natos. Contudo, com habilidade aceitam a disciplina. Se lhe disserem que muitos não conseguem ser bons atletas porque são incapazes de evitar os excessos, é mais fácil conseguir deles que evitem os excessos, abrindo-lhes o caminho do atletismo. Se se lhes disserem que o fraco é capaz de fazer tal coisa porque é fraco, mas os fortes são capazes de dominarem-se para não fazê-la, será mais fácil que aceitem não fazê-la, porque se julgam fortes. Têm menos espírito de sociabilidade que os conciliantes, mas possuem um grande espírito de camaradagem.

O esporte é imprescindível para eles. E como para ser um bom esportista é preciso disciplina, aos poucos aceitarão a disciplina. Mas, não se esqueçam, que a única disciplina que aceitam é essa, a consciência, a querida, a escolhida. E quando a aceitam, são duros e rijos no cumpri-la.

ferível dizer-lhes que aguardarão que se encontrem melhor para tratar do assunto que interessa. Logo voltarão à normalidade.

Para elas o exemplo é tudo. Têm os pais que ser resolutos ante elas, porque se se manifestam indecisos, perderão o prestígio. Se ela pergunta o porque de uma coisa ou de uma ordem, expliquem-se as razões e não as imponham arbitrariamente.

Costumam essas crianças construir na imaginação o seu futuro e afirmam que serão isso ou aquilo. Gostam de ser o que são as pessoas que admiram. Como em geral têm bom senso, convém conversar com elas, e buscar persuadi-las com razões.

Como reagem com intensidade, dramatizando tudo quanto lhes acontece, de início ouçam o que dizem, ou assistam o que fazem. Depois, usando do bom senso, mostrem os pontos fracos, que ela aos poucos aceitará a crítica e se controlará melhor.

Como são apaixonadas em suas atividades e nas competições esportivas, são exageradas. Convém orientá-las para as competições pessoais, atletismo, natação, etc. O escotismo é ótimo para tais crianças.

A CRIANÇA APAIXONADA

As crianças apaixonadas distinguem-se das sentimentais em alguns aspectos importantes. Seus motivos são graves. São trabalhadoras infatigáveis. Mas são também teimosas. Contudo, cumprem suas obrigações. Algumas são fanáticas, tendentes à violência, autoritárias, embora tenham momentos de calma e de passividade. Orgulhosas sempre. São campeãs da justiça, gostam de proteger os mais fracos, e conseguem impor aos outros a sua autoridade. Algumas são agitadas, discutidoras; outras de uma imaginação desbordante constroem idéias mirabolantes. Em geral têm a "voz do comando".

Por isso não é fácil educá-las. Gostam de mandar, não, porém, de ser mandadas. Não toleram as brincadeiras de mau gosto, piadinhas, e preferem os trabalhos solitários.

Tem-se que tolerar as suas manias. Suas coisas são "sagradas", e ninguém deve mexer nelas. Se são colecionadoras, deixem que façam coleções e auxiliem-nas a fazê-las.

Como o seu humor é variável, não se preocupem os pais quando em certos dias estão de mau humor.

Como são orgulhosas, não gostam de nada que as humilhe. Não adianta reprimendas e recriminações constantes. Quando estiverem mal-humoradas é pre-

nos poderiam ter várias combinações e graus, sendo por exemplo: predominantemente bilioso, a seguir nervoso, sangüíneo, depois linfático. As combinações e graus seriam as mais diversas.

Assim, o nosso temperamento dependeria das nossas secreções.

Modernamente, Périot, depois de ter sido abandonada a classificação de Hipócrates, deu-lhe novo valor.

Verificou que há quatro funções essenciais, que são:

- a) a nutrição;
- b) a função sexual-sangüínea;
- c) a receptividade; e
- d) a reactividade.

A nutrição realiza-se pela alimentação. A receptividade é a capacidade de ser impressionado, e a reactividade, a de atuar por estímulos exteriores (reações).

A predominância de qualquer uma dessas funções sobre as outras marca o tipo de temperamento. É impossível um equilíbrio perfeito entre todas, pois a intensidade delas é diferente uma da outra.

As funções de nutrição e a função sexual-sangüínea referem-se mais ao somático (ao corpo). Os dois últimos (receptividade e reactividade) são mais complexos. Marcaria o temperamento a predominância de uma dessas funções.

Examinemos os tipos:

O tipo linfático é aquele no qual predomina a nutritividade (de nutrição). O sangue, sabemos, é composto de dois tipos de glóbulos: os brancos e os vermelhos. A linfa é um humor amarelado, e, às vezes, incolor, que contém em suspensão glóbulos brancos, e que circula nos vasos linfáticos.

OS TEMPERAMENTOS

Hipócrates, pai da medicina ocidental, dividiu os temperamentos em quatro, segundo os humores, classificação que se tornou clássica.

Essa classificação perdurou até o século XIX, quando foi posta à margem, por insuficiente. No entanto, os caracterólogos modernos reconhecem que tem ela muito mais valor do que julgavam os homens daquele século, razão pela qual volta a ser usada, pois oferece uma útil base de classificação e de compreensão dos tipos humanos.

A classificação dos tipos, segundo os humores, de Hipócrates, é a seguinte:

- 1) o linfático — predominante a linfa;
- 2) o sangüíneo — predominante o sangue (glóbulos vermelhos);
- 3) o bilioso — predominante a bília;
- 4) o nervoso — predominante o humor nervoso (também chamado de melancólico).

Para Hipócrates, cada uma dessas funções seria caracterizada pela predominância de um desses humores, ora mais abundantes ora menos, e conforme o seu fluxo se caracteriza o tipo humano.

Como em todos nós há os quatro humores, esta classificação seria apenas ideal, pois os seres huma-

São linfáticos aqueles nos quais há certa predominância de glóbulos brancos.

Para o linfático, as funções digestivas são as mais importantes.

Morfologicamente (segundo a forma exterior; em grego, **morphê**) manifesta-se o linfático pela espessura dos lábios e pela distensão do ventre. Quando a linfa é muito abundante, tende para a adiposidade. São eles de talhe elevado, mas de musculatura fraca.

Embora não pareçam, são fracos. Gostam de descansar; são pouco ativos.

Aparecem muitas vezes, nas pessoas linfáticas, manchas brancas pelo corpo. Elas têm os membros moles e a pele úmida e fria, bem como as mãos e os pés também frios.

Psicologicamente, são fracos. Há países, como o Brasil, em que o seu número é muito grande. Trabalham pouco e desejam a tranqüilidade física. Gostam das conversações prolongadas pela noite a dentro. O tipo linfático é mais comum entre as mulheres que entre os homens, considerando-se aquelas como normalmente linfáticas.

Em geral, têm pouca capacidade de observação. Não gostam dos perigos, e quando alcançam a idade de 40 anos tomam ares de velhos, e dão conselhos aos jovens. São, como estudiosos, aplicados e precisos. Gostam de economizar forças e não querem gastá-las em exercícios.

Não têm a vida física nem a moral muito fortes. Evitam, assim, os sofrimentos, mas também se privam de alegria e do entusiasmo.

Para terem facilidade de palavra precisam tomar alguma coisa, como álcool, etc. Em ambientes fechados, falam mais. Têm aversão a toda ação viva e imediata. Também não gostam de mudar de hábitos.

Não têm forças para superar os obstáculos e não se es-pantam muito facilmente.

Há dois tipos de linfáticos:

- 1) o linfático apático; e
- 2) o linfático amorfo.

Os primeiros caracterizam-se pela apatia, pela incapacidade maior ou menor, mas já de um elevado grau, de sentirem afetos (**pathos**, em grego, afeto, apático, sem afeição). **Amorfos** (de **morphê**, forma; portanto sem forma) são os linfáticos que não apresentam nitidez nas formas psíquicas e se deixam facilmente modelar, por passividade, pelos outros, sem capacidade, no entanto, de conservar a forma adquirida. São aqueles que, por não terem forma, nunca sabemos o que são.

Há, no entanto, um tipo de linfático bem positivo, que é o que já revela atividade. São perseverantes, tenazes, de um otimismo frio. Temos um exemplo desse tipo nos ingleses, que são preponderantemente linfáticos, mas fleugmáticos (**a fleugma** dos ingleses). São metódicos, egoístas. São bastante sóbrios quanto ao conforto. Possuem muitas virtudes; são pontuais e formais. Gostam das ciências físicas e não são muito tendentes às mutações.

Tendem para as sistematizações abstractas (reunir idéias em conjuntos fechados), por isso se tornam sectários (**secta**, de **seccare**, cortar, separar por corte, daí seita). São de grande força passiva, têm bastante sangue frio, tenacidade muitas vezes extraordinária.

Conselhos importantes. Queremos salientar, neste ponto, que estas explicações são ainda analíticas e abstractas. Não há o tipo do linfático puro nem do bilioso puro, etc. Precisamos, de início, estudar separadamente os temperamentos para depois, aprender a coordenar os traços para a construção de um retrato seguro.

São muito dados aos prazeres, gozadores até. Mas, graças à força de que dispõem são altruístas, sorridentes, felizes da vida. São aqueles para os quais o povo diz que "tudo está azul". São desejosos de aventuras, conversadores, gesticuladores, eloquentes, falam muito bem. São atrativos, irresistíveis até.

Por serem excessivamente confiantes em si mesmos, chegam a cair no ridículo. Têm facilidade de prometer e às vezes prometem o que não podem cumprir. São sociáveis, gostam de prestar serviços, têm tantos amigos quantas pessoas conhecem. São bem sinceros em suas amizades. Aparecem para muitos como egoístas, mas tal depende da educação recebida dos pais, pois são levados facilmente à abnegação e ao sacrifício.

São dominados pelos instintos, por isso são muitas vezes arrastados pelos impulsos.

Classificam-se em:

a) **positivos**, quando combinam o sanguíneo com o bilioso e demonstram energia muscular e muita força de vontade; e

b) **negativos** — quando o sanguíneo se combina com o nervoso. Como este é mais sujeito ao linfismo, tende a ser mais receptivo, mas com perigo de apatia.

O temperamento normal para o homem é: bilioso-nervoso-sanguíneo-linfático

A mulher é em geral:

nervosa-linfática-sanguínea-biliosa.

Essas ordens, são, no entanto, muito raras de encontrar-se.

O TEMPERAMENTO SANGÜÍNEO

Tem o sanguíneo o temperamento dominado pela associação das funções sexual e sangüínea, o que influi poderosamente sobre a respiração e a circulação. As narinas são dilatadas, o peito é largo e de grande capacidade respiratória. Pode respirar cerca de 5 a 7 litros de ar por minuto, que em ritmo acelerado chega a muitíssimo mais. A circulação do sangue é fácil e o coração é bem forte. As artérias são de calibre superior ao normal. A hemoglobina do sangue conserva o oxigênio, por isso o enrubescimento conspícuo é peculiar.

É uma vantagem na juventude ser sangüíneo, mas uma desvantagem na velhice.

O abuso do alimento ameaça-o de apoplexia precoce. Os sangüíneos são eufóricos, por isso malgam suas forças, e estão sujeitos a uma decrepitude prematura.

Psicológicamente, os sangüíneos são otimistas, muito extrovertidos (vertidos para fora); vivem o momento que passa. Não guardam recordações amargas, por isso perdoam facilmente. Gostam de acordar cedo e de deitar cedo em geral. Deixam-se arrebatados pelo entusiasmo, e como são de grande vivacidade mental têm bastante confiança em si mesmos e no futuro. Por isso, realizam e vencem.

1) **astênicos** — débeis, incuráveis, anêmicos ou pré-tuberculosos, cuja astenia tende a progredir. A fisionomia é expressiva e móvel, o pescoço é delicado e longo. O rosto toma a forma de V, o que indica a primazia das funções cerebrais. Sofrem de fraqueza geral, devido à insuficiência da assimilação. São mais emotivos que ativos. A côr é pálida, os olhos ocultos nas órbitas, porte pequeno, nariz estreito, lábios finos, queixo pontudo, pescoço longo de pássaro, membros esqueléticos.

2) **Estênicos** — em geral intoxicados, embora dotados de vigor, facilmente se fatigam.

Têm o sono leve, agitado de sonhos, e sofrem de insônia. Toda atividade os abate. São muito agitados, com tiques nervosos. Resistem, no entanto, às epidemias, às intoxicações microbianas. São disfóricos (**eufórico**, sempre revela alegria, **disfórico**, predominantemente abatido, triste, melancólico). Tendem à misantropia (aversão ao homem, ao seu semelhante). São aptos ao trabalho reflexivo.

Psicologicamente, são insociáveis, taciturnos (**ta-cere**, calar), pensam muito. Quando atletas, estão sujeitos a momentos de decepções, e inesperadamente malogram. São muito receptíveis, mas reagem, voltando-se para dentro de si mesmos.

Estão sujeitos a emoções violentas; muito aprehensivos, o que leva os outros a julgá-los covardes (o sanguíneo jogaria a apreensão do nervoso covardia). Toda espera os prostra. Se vão ao dentista, e têm de esperar, sofrem terrivelmente. Mas, no perigo, são seguros, reflexivos, bravos, estoicos, cheios de sangue-frio, aptos à defesa. Sofrem muito com a imaginação. São, em geral, doentes imaginários. Sofrem mais com o que imaginam do que com a realidade. Dão em geral jornalistas, romancistas, escritores, artistas, etc. Alternam períodos de **logorréia** (falar

O temperamento bilioso

Excetuando certas violências, que são próprias do temperamento bilioso, é este muito útil ao homem. O bilioso revela uma côr baça, amarelada, oliva. Os olhos são profundos, negros, penetrantes, expressivos, nariz agudo e enérgico, narinas abertas, lábios comumente finos. Os cabelos são duros. É seco de corpo, músculos bem desenhados, pele quente, veias aparentes, pulsos alongados. É o tipo atlético. Em geral gosta muito de açúcar, de alimentos feculentos, aveia, pão, batatas, etc., pois precisa muito de glicogênio para o sangue. Gosta de legumes frescos, ricos em vitaminas. Não abusa muito da carne.

Psicologicamente, caracteriza-se pela reatividade, pelo furor de agir e de dominar. É ativo, empreendedor, ambicioso. Há importantes exemplos históricos desse tipo, como Miguel Ângelo, Napoleão, Richelieu, etc., os quais eram biliosos. Em geral, não gostam de perder tempo. Estão sujeitos a cóleras súbitas; são vingativos, desconfiados. Quando dotados de inteligência superior, tornam-se dominadores. São poucos diplomatas, ambiciosos, mas, para alcançar altos postos, chegam à humildade e até à adulação dos que os possam servir.

O temperamento nervoso

Os nervosos são em geral enfraquecidos e sujeitos até à perversidade por debilidade. Podem ser divididos em

muito, de logos palavra e **rhé**, **fluir**) e de mutismo obstinado. São escravos da lógica e dominados pelas idéias.

* * *

A nossa vida nos dá exemplos dos temperamentos:

Somos marcadamente **linfáticos** na infância; **sanguíneos-sexuais** na juventude; na maturidade, **biliosos**, e **nervosos** na velhice, como bem o mostra Périot.

Esta classificação revela dois grupos:

1) o grupo de **sangue puro**:

a) com falta de hemoglobina, temos o **linfático**;
b) rico em hemoglobina, e consequentemente em oxigênio, temos o **sanguíneo**.

2) o grupo de **sangue intoxicado**: os **biliosos** e os **nervosos**.

São estes os predominantes entre os homens. O bilioso pode juntar-se facilmente ao sanguíneo. Já o sanguíneo junto ao linfático é um contra-senso.

* * *

Vejamos uma classificação que se tornou famosa: a de Kretschmer, notável psiquiatra, ao qual tanto deve a caracterologia moderna.

Dois são os tipos classificados:

1) os **ciclotímicos**. São estes bem alimentados, redondos, de corpo espesso, membros curtos, musculosos, nariz pouco acusado, sem ponta, narinas dilatadas, cabelos finos e ameaçados de calvície precoce. Os gestos são ondulados, envolventes como carícias, toda agilidade se manifesta em curvas.

São chamados **pínicos** (espessos), quando ventrudos. São comilões, beberões, muito sociáveis, dados, expansivos, benevolentes, joviais, agradáveis. São abertos, calorosos, um pouco sem-modos. Oscilam entre a alegria e a tristeza (ciclos de alegria e tristeza). Ora estão exaltados, ora oprimidos.

Moralmente, são extremados. São práticos, realizadores, enérgicos, empreendedores, e sabem conduzir os homens; sabem mandar.

Nota-se, desde logo, grande semelhança entre eles e os **sanguíneos**.

2) Os **esquizotímicos** são o inverso dos primeiros. Magros, alongados, **angulosos**.

Os primeiros atuam em curvas; os esquizotímicos em ângulos. A cabeça deles é oval, a testa larga, os maxilares reduzidos, com manifesta predominância das funções cerebrais. As faces são cavadas, as maçãs salientes, os olhos retraídos nas órbitas. O cérebro é projetado para a frente.

São rudes. Simulam frieza, domínio de si. Assemelham-se aos nervosos.

São subdivididos em três grupos: a) os **astênicos** ou **leptósomos**: fracos, de peito estreito, perfil anguloso, nariz amplo.

Cansam-se facilmente e são inaptos ao exercício do corpo. Preferem os exercícios do espírito. Tornam-se intelectuais;

os **atléticos** (estênicos) são musculosos, sólidos, mas sujeitos a fadigas físicas. Assemelham-se muito aos biliosos;

os **displásticos** (ou mal-vindos) os que sofrem de insuficiência glandular essencial ou por excesso de funcionamento.

Moralmente, os esquizotímicos, que são tão angulosos, são de pouca comunicabilidade, irritáveis, muito emotivos, mas têm o lado positivo da profundidade, da delicadeza, embora muito susceptíveis.

São lúgubres e melancólicos. Fecham-se em si mesmos, pouco adaptáveis e antipatizam com os meios sociais.

A primeira vista parecem brutais, insensíveis. Mas, na verdade, são hiperemotivos, profundos, de carácter difícil de penetrar-se. São muito análogos aos nervosos. Napoleão, por exemplo, quando jovem, era esquizotímico, mas quando vitorioso tornou-se cíclico.

A classificação de Krestschmer é de grande valor, sem dúvida. Mas como deu demasiada importância ao anormal, mais que ao normal, é de valor complementar nas classificações caracterológicas. Não deimentar nas classificações caracterológicas.

A fisionomia humana apresenta três planos:

Tendo à frente um rosto humano (uma fotografia por exemplo), trace-se uma linha que corte horizontalmente acima do lábio superior. Outra, logo acima dos olhos, pela pálpebra superior. Teremos, então, dois outros planos: um que contém os olhos e o nariz, e o outro que inclui a parte frontal.

Analisemos:

1.º plano — Pode ser dividido em três regiões principais: boca, queixo e maxilar. É o plano da **instintividade**, o que se refere à nossa vida sensível e vegetativa. É o plano dos instintos, da sensualidade, no sentido puro da palavra.

2.º plano — Pode ser dividido em três regiões: nariz, olhos e face. É o plano da **afetividade**, dos nossos sentimentos.

3.º plano — Pode ser dividido em três regiões: a superciliar, onde estão as sobrancelhas, incluindo as têmporas; a região central, que corta ao meio a testa, e, finalmente, a região cerebral, parte superior. É o plano da **intelectualidade**, da inteligência humana.

Dêste modo, este tipo apresenta uma variedade imensa de caracteres, que se dão em uns e não em outros.

Em geral as sangüíneas não têm uma vida interior profunda, são utilitárias e para elas as coisas valem na proporção de sua utilidade. São práticas, objetivas, como se diz na linguagem comum.

Que fazer com as sangüíneas?

As crianças sangüíneas são dispersas, propensas às distrações, aos divertimentos, nos quais perdem muito tempo.

Se com as nervosas não convém discutir, as sangüíneas aceitam a discussão, mas é preciso ter cuidado pois são astuciosas, já que têm uma grande capacidade de argumentação e hábeis argumentos para convencerem.

Convém manter vigilância sobre elas, pois não são moralmente muito firmes, sobretudo aquelas que se manifestam cínicas.

É preciso manter certa energia com elas. Como têm muita facilidade para línguas e para as artes, podem ser orientadas para tais caminhos, já que são providas de boa memória. Devido certa propensão ao relaxamento moral, convém mostrar-lhes constantemente o caminho do dever. Mas a sua moral será sempre preponderantemente utilitária. Como tendem a contornar as dificuldades, convém mostrar-lhes que devem enfrentá-las e, sobretudo, com coragem, pois não primam em possuí-la.

AS CRIANÇAS SANGÜÍNEAS

Estas possuem a pele clara, ruborizada, os olhos são grandes, brilhantes e as sobrancelhas são altas. A parte inferior do rosto é forte, não exageradamente.

Em geral são crianças fáceis de educar, porque têm bom carácter, são bem equilibradas, e aceitam facilmente o mundo dos adultos, sem reações muito grandes. Não sofrem de timidez, são serviçais, úteis aos amigos, sabem colocar-se quase sempre numa situação que lhes é benéfica, sem prejuízo de seus interesses, e embora pareçam modestas têm a suficiente habilidade para valorizarem-se entre os outros. Sua inteligência é prática, concreta, e possuem boas intuições. Em geral são crianças trabalhadoras, mas sabem poupar os seus esforços, não os malgastando com as crianças reagentes.

Apresentam-se as sangüíneas com variedades: ora são ardilosas, prudentes, ora cordiais, ora irônicas, ora coléricas dóceis, naturalmente não tão exageradas como estas, sem a sem-cerimônia destas, hábeis em saber desfazer as situações embaraçosas em que se encontram, curiosas, grandes observadoras, graciosas; ora são frias, calculistas, espertas; ora cínicas, egoístas, com aparência de desprendidas; ora joviais, falsamente polidas, mas interesseiras ao extremo.

Como são dóceis e pachorrentas não devem ser muito mimadas. Como são pouco ativas, não são muito estudiosas e os pais devem, por isso, manter muito contrôlo com o aproveitamento escolar. Como são tendentes à inércia, é preciso estimulá-las a fazer alguma coisa, a agirem mais. Mas nunca se deve exigir delas muitas coisas, porque não serão capazes de fazer, e pode-se, assim, perturbá-las psicologicamente, porque podem desencorajar-se.

Sem auxílio, as crianças linfáticas não avançam, e muito menos sem energia para impeli-las à ação. É preciso estimulá-las a fazerem o que devem fazer. Boas para trabalho em grupos. O escoterismo é ótimo para essas crianças.

CRIANÇAS LINFÁTICAS

Estas crianças têm facilidade de adaptação e são preponderantemente calmas. Não se agitam, não se apressam, predominando nelas a imperturbabilidade, de ritmo lento, regular. São obedientes e seguem os exemplos das outras, e dificilmente se tornam indisciplinadas.

Possuidoras de boa memória, sabem imitar. Imaginosas, podem viver mundos imaginários. São gulosas, gostam de bons pratos. Gostam das companhias, são indulgentes, gostam de perfumes, e também de estarem em casa.

Quando amorfas, as crianças linfáticas são preguiçosas e nada querem que lhes custe esforços. As ameaças fazem-nas ceder, mas, por outro lado, também cedem facilmente à tentação.

Que se deve fazer com elas?

Em primeiro lugar, é preciso aceitá-las como são, compreender o seu ritmo lento. Se pretendemos que sejam mais rápidas só as desesperaremos. É preciso ter paciência com elas. São gulosas e dorminhocas. Gostam de viver o presente, e é preciso deixar que o façam.

Como tendem a imitar as pessoas que estão à sua volta, o exemplo é o melhor caminho para educá-las, embora ofereçam resistência para apreender.

jam explicadas com as suas razões. Como desejam saber o porque das coisas, deve-se ter cuidado em dar explicações. As crianças fleumáticas não gostam de solidão e não se deve forçá-las a viver solitárias, sob pena de se tornarem maníacas.

Não há necessidade, também, de uma disciplina muito rígida, porque são ordenadas por natureza. Devem ser estimuladas para a ação, porque se manifesta nelas uma tendência à passividade.

Convém-lhes bons camaradas, para evitar a solidão que lhes é prejudicial.

A CRIANÇA FLEUMÁTICA

As crianças fleumáticas são pesadas, linfáticas, estênicas. São calmas, reflexivas, ordenadas e tendem a se tornarem, quando adultos, pessoas ordeiras, organizadas, calmas, reflexivas, cumpridoras do seu dever, sem grandes exagêros. São perseverantes, de amizade sincera, sem grandes arrebatamentos.

Que se deve fazer com elas?

Tem que se reconhecer que são lentas, e os pais nervosos não devem exasperar-se com a lentidão que lhes é peculiar. Os nervosos consideram os fleumáticos pesados e molengos. É preciso compreender as suas esquisitices, os seus hábitos, muitas vezes apresentando estranhas extravagâncias.

Como não manifestam entusiasmo no que se lhes diz, parecem desinteressados. Mas, na verdade, não o são tanto. Apenas não se estimulam como um nervoso ou um apaixonado. São dados à ironia, ferina até, não por maldade, mas por espírito de observação.

Num ambiente familiar desorganizado ou cheio de agitações, cheio de nervosos e apaixonados, a criança fleumática sente-se mal. Os pais devem compreender isso e buscar manter um lar mais calmo e ordenado. Os fleumáticos têm capacidade de compreender e de aceitar as normas, desde que essas se

AS CRIANÇAS APÁTICAS

O tipo apático completo não é raríssimo entre nós. São crianças retraídas de base, estênicas, com queixo arredondado e fugidio.

São crianças indolentes, de ritmo lento até para brincar, e dificilmente se afastam das saias da mãe. Têm tendências à solidão, e por serem predominantemente inertes, aceitam as explosões dos nervosos e apaixonados, tendendo a guardar um rancor surdo.

Que se deve fazer com elas?

São crianças de constituição fraca, embora haja entre elas muitas que são corpulentas. Inertes, como são, têm pouca capacidade de adaptação à vida, razão porque necessitam de amparo, não sendo capazes de resolver, por si mesmas, os problemas que surgem. É conveniente dar-lhes o apoio e estimulá-las a resolver seus problemas. Na vida escolar não são muito progressivas, e revelam um certo retardamento, que é preciso compreender.

Contudo, pode haver ocasiões em que os atrazos que manifestam na vida escolar são vencíveis por elas. Há um descaso que não deve ser tolerado, e é preciso agir com energia, quando tais casos se dão.

COMO CRIAR UM DELINQUENTE

Não podemos nos furtar a apresentar, nestas páginas, as palavras abaixo, encimadas pelo título que pusemos acima, que reproduzimos do jornal "Solidarismo", que se publica em São Paulo. São palavras de grande atualidade, e que estão cheias das lições e da experiência dos bons pedagogos. Sobre elas devem meditar os pais. Seguir estas normas, é preparar delinquentes. Delas afastar seus filhos, é abri-los um caminho melhor.

Portanto, aquele pai que desejar fazer de seu filho um delinquente, que siga esses dez caminhos:

1. Comece na infância a dar ao seu filhinho tudo o que ele quiser. Assim, quando crescer, ele acreditará que o mundo tem obrigação de lhe dar tudo o que ele deseja.
2. Quando ele disser nomes feios, ache graça. Isso o fará considerar-se interessante.
3. Nunca lhe dê qualquer orientação religiosa. Espere até que ele chegue aos 21 anos e "decida por si mesmo".
4. Apanhe tudo o que ele deixar jogado: livros, sapatos, roupas. Faça tudo para ele, para que aprenda a jogar sobre os outros toda a responsabilidade.

5. Discuta com frequência na presença dêle. Assim não ficará muito chocado quando o lar se desfizer mais tarde.
6. Dê-lhe todo o dinheiro que ele quiser. Nunca o deixe passar pelas mesmas dificuldades por que você passou.
7. Satisfaga todos os seus desejos de comida, bebida e conforto. Negar pode acarretar frustrações prejudiciais.
8. Tome o partido dêle contra vizinhos, professores, policiais. (Todos têm má vontade para com o seu filho).
9. Quando êle se meter em alguma encrenca séria, dê esta desculpa: "Nunca consegui dominá-lo".
10. Prepare-se para uma vida de desgosto. É o seu merecido destino.

CONSELHOS IMPORTANTES AOS PAIS E MESTRES

O carácter de uma criança não se forma antes do seu nascimento, não tem sua origem na emergência, nas causas intrínsecas que a compõem. O que tem essa origem é o **temperamento**, não o carácter.

Este é formado pela ação que sofre o temperamento, provinda do que é externo, o meio ambiente, o histórico-social, formado pelos pais, pelas pessoas que cercam a criança, que atuam sobre ela, como ainda também atuam o ecológico, o clima, a geografia, etc.

O carácter é algo que se constrói sobre o temperamento, acrescido das influências extrínsecas. Assim não se pode impedir que predomine a alegria naquelles povos que vivem em territórios que mais parecem manchas pictóricas cheias de beleza, que sejam altivos e ríspidos aquêles que vivem em regiões agrestes e desérticas, etc. O meio ambiente tem um papel importantíssimo na formação do carácter.

Nem sempre podem os pais escolher para os filhos ambientes mais propícios, nem podem mudar as condições meteorológicas das regiões em que vivem. Mas podem, sim, pela sua ação, criar um clima especial para ajudar a formação do carácter de seus filhos. Podem criar um meio ambiente, capaz de compensar as deficiências, e ser capaz de ministrar elementos favoráveis à formação do carácter dos filhos.

O meio poderá atuar de modo a tornar a criança retraída ou expansiva. E isso vai depender dos pais, se souberem dar o equilíbrio necessário, e não criarem um ambiente de restrições injustas à criança, que deve poder desenvolver-se normalmente, dentro das possibilidades e das conveniências éticas e sociais.

Um clima excessivamente severo e penoso, de castigos constantes, só poderá retrair a criança, torná-la uma frustrada, uma ansiosa de libertação. A falta de carinho, de atenção, torna-la-á retraída e descontente.

Dos 7 aos 13 é o período em que se forma a personalidade da criança. Nesse período, é possível atuar para o seu bem. Depois, pouca coisa se poderá fazer. Qualquer modificação já dependerá quase exclusivamente dela, que, por sua vontade, poderá atuar no intuito de transformar-se.

O ambiente em que vive a criança, acima de tudo, deve ser sadio, higiênico. E não se trata apenas do ambiente físico, mas também do psicológico, que depende, sobretudo, dos pais. Mas depende, por outro lado, dos companheiros, da escola onde a criança passa grande parte de sua vida.

Que livros leva um pai para casa? Que livros pretende dar a seus filhos? Que revistas acham-se sobre as mesas ao alcance da criança? Que conversas ela ouve? Não esqueçam que a criança toma sempre ao "pé da letra" o que se diz.

Como o pai trata a sua esposa? Como esta procede para com o marido? E os irmãos mais velhos, como são? E tios, primos, parentes, que modos têm de agir?

Tudo isso precisa ser examinado e com carinho, porque os pais deram ao mundo uma vida, e têm a responsabilidade de educá-la. Não esqueçam que o

ambiente familiar é o mundo da criança, é o seu refúgio, o seu amparo.

Que esperar de um filho, cujo pai exerce sobre ele um verdadeiro poder tirânico, que o desmereceu, que jamais admitiu fosse o filho outra coisa que um imbecil? Que tenha ele confiança em si mesmo? Que amanhã em face de pessoas que tenham qualquer autoridade superior a dele não se sinta desde logo diminuído? Que malogre até antes de começar a realizar alguma coisa? Que se pode colher dessa sementeira senão frutos bem desagradáveis?

E se essa criança, constantemente humilhada pelos pais, amanhã, desejando compensar a sua "inferioridade", tomar rompanes de falsa superioridade, tornar-se prepotente, injusta, odiada, e julgando-se, por oposição, capaz de fazer o que não pode, lançar-se numa experiência, na qual malogrará fragorosamente? No fundo de si mesma, atua a falta de confiança, a inferioridade que a anula, capaz de destruir toda a roupagem exterior de falsa superioridade. E nesses casos, pais, de quem é a culpa?

Pais, leiam os verbetes, não uma, mas muitas vezes, cujos títulos damos aqui: **Violência, Agressividade Complexo (e suas espécies), Frustração, Abandono, Irmãos, Culpa, etc.**

Lembraí-vos pais e mestres!

A educação é a arte de desenvolver o indivíduo sob a ação consciente e inteligente da vontade, para que atue plenamente no mundo em que vive.

Tende a realizar em cada um o que pode e o que deve ser o indivíduo humano.

A educação realiza-se, tanto no lar, como na escola, como na vida. A cooperação justa se impõe entre esses ambientes.

É um dever do pedagogo lutar, também, por condições sociais favoráveis ao desenvolvimento normal do indivíduo humano.

A pedagogia é a ciência que reflexiona, que estuda a educação e estabelece as condições, normas e leis que devem presidir aquela, a fim de que possa alcançar suas justas finalidades.

O homem deve desenvolver suas intrínsecas possibilidades plenamente. Tudo quanto obstaculize esse desabrochamento justo é anti-humano.

Mas, como sabereis educar um ser humano, sem que primeiramente pergunteis a vós mesmos como deve ser um ente humano? Que queremos que o homem seja?

Que metas pode alcançar o homem? Perguntai, então, que é o homem? É o animal, apenas movido

por seus instintos e seus interesses mais vulgares? Sabeis que não, porque o homem é um animal que já não tem instintos. O que pode guiar o homem é a sua inteligência. E a vontade, quando assistida pela inteligência, pode escolher o bem justo. E poder escolher o bem justo, com consciência e saber, chama-se capacidade de liberdade, a liberdade de escolha, aquela que não a tem os animais, pois estes só possuem a liberdade de exercício.

Portanto, pais e mestres, a finalidade da verdadeira educação só pode ser aquela que dá saber, consciência e vontade livre? Não há vontade livre sem a capacidade de saber!

Fora disso não é educar; é amansar. Homens educam-se, animais se amansam. A homens dá-se o saber; a animais, normas. Ao homem que sabe, diz-se que é culto, ao animal que obedece, diz-se ensinado.

Não se domesticam homens, educam-se para a humanidade.

Indignos são aqueles que querem domesticar homens, considerando-os como animais ou meras coisas.

Pais e mestres, não renunciéis à humanidade, e preparai as crianças para que sejam humanas: **conscientes, sábias e livres!**

APÊNDICE

ACIDENTES (previsão de) — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 1.

ACOMODATÍCIO (sentido) — Sentido simbólico que se empresta, arbitrariamente ou não, a um texto, sem correspondência ao literal, quer acomodando-o por analogia ou não, como o que se aplica para a interpretação dos livros sagrados.

AFASIA — Perda da memória dos sinais da linguagem e, conseqüentemente, da palavra.

BANDEIRANTES — Vide **Camping**.

BOY-SCOUTS — Vide **Camping**.

CATÁRTICO (método) — Catharsis, em grego, é purificação, e, na Psicologia, é usado no sentido do alívio das emoções desagradáveis, das excitações anormais, o que permite, desse modo, o restabelecimento da relação entre a emoção e o objeto que a excitou originariamente. Chama-se de **método catártico** todo método empregado para alcançar tais alívios.

CATEQUÉTICA — Método ou prática de instrução religiosa.

COLABORAÇÃO — Colaborar com outro; empregar com outro sua atividade.

COMÉDIAS — Vide **Representações**.

COMPAIXÃO — É sinônimo de **simpatia** (Vide).

COMPARTILHAR — É tomar parte na partilha de alguma coisa, sobretudo em sentido psicológico.

CONSENSUS — Significa aceitação, aprovação.

CORTES — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 1.

CRIANÇA ABANDONADA — Não é, na Pedagogia, apenas aquela que os pais deixam ao desamparo, fora do lar, mas, também, aquela que, no lar, não recebe a assistência, o amparo de que carece. A criança abandonada é também aquela que é privada de carinhos, que é incompreendida, constantemente frustrada, sem razão justa, que não encontra nos pais o apoio médio indispensável ao seu equilíbrio emocional.

CRIANÇA DEFEITUOSA — Vide **Criança deficiente**.

CRIANÇA MAGRA — Vide **Menino Magro**.

CRIANÇAS SURDAS — Vide **Crianças retardadas**.

DELÍRIO — Perturbação passageira das faculdades intelectuais e dos estados de consciência, caracterizada por desordem e confusão nas idéias e nas imagens, tornando-se, muitas vezes, alucinatórias.

DISLALIA — Maneira defeituosa de pronunciar as palavras, com ou sem lesões verificáveis no sistema nervoso, com ou sem evidência de anormalidade.

ENFERMIDADES CONTAGIOSAS — Vide **Puericultura** — 11.º cap.

EPISIOTOMIA — Vide em **Puericultura**, **Cuidados aos recém-nascidos**.

EQUIPES DE JOGOS — Vide **Brinquedos**.

ESCOTEIROS — Vide **Camping**.

ESCOTERISMO — Vide **Camping**.

ESTATURA — É o tamanho, a altura, o talhe de uma pessoa. Os problemas da estatura são examinados na **Puericultura**, no exame da criança, segundo as diversas idades. Vide **Crescimento**.

EXTERIOR — O que está fora ou da parte de fora, o que é extrínseco a alguma coisa. Diz-se **mundo exterior** ao como o é fora da mente humana.

INAPETÊNCIA — Vide **Puericultura** — 12.º cap., § 2.

JUÍZO — É o ato intelectual pelo qual afirmamos ou negamos uma coisa de outra. A expressão proporcionada de um juízo por meio de palavras chama-se **proposição**.

NOTAS ESCOLARES — É importante para os pais, o constante exame dos boletins escolares, pelos quais podem aquilatar o aproveitamento de seus filhos. É conveniente entrarem, sempre que possível, em contato com os mestres, a fim de estarem a par do que se passa com sus filhos.

PERSEVERANÇA — É o hábito bom (virtude) da fortaleza, que consiste em manter-se firme num propósito bom, com constância de vontade. — Vide **Cardeais (virtudes)**.

PLURIVALÊNCIA — Diz-se que há plurivalência quando há muitas valências; ou seja, quando se emprestam a uma coisa vários valores entre si distintos.

PRIMEIROS AUXÍLIOS — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 1.

PROPOSIÇÃO — Vide **Juízo**, neste **Apêndice**.

QUIETUDE — Diz-se da qualidade do que permanece quieto. Psicologicamente, indica a capacidade de ser paciente, tranqüilo e de poder permanecer nesse estado.

ROUQUIDÃO — Vide **Puericultura**, 12.º cap., § 6.

SATIRIASIS — (De **Satyros**, no gr. **sátiro**) — Grau exagerado de desejo sexual no varão. Na mulher, chama-se **ninfomania**.

VACINAS — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 16.

VERDADE E ÊRRO — Genêricamente verdade consiste nalguma conformidade entre dois extremos. Quando nenhum desses extremos é o intelecto, temos a verdade tomada em seu sentido lato (uma pedra verdadeira); quando um deles é o intelecto, têmo-la tomada em sentido restrito (este objeto é pedra). Há **êrro** quando a mente assente firmemente no que é falso, julgado, porém, verdadeiro.

ERRATA:

No 1.º e 2.º volumes desta obra corrija-se o endereço da Editora Mafese, em vez de 832 para 382.